KURT

VONNEGUT



O MUNDO LOUCO
OU
BEM-VINDO À CASA DOS MACACOS

KURT

VONNEGUT

O MUNDO LOUCO
OU
BEM-VINDO À CASA DOS MACACOS

Tradução
George Gurjam

editora artenova s.a.

Do original norte-americano *WELCOME TO THE MONKEY HOUSE*

Copyright © 1950 a 1968 by *Kurt Vonnegut, Jr.*
Copyright da edição em português *Editora Artenova S.A.*

Tradução de
George Gurjam

Revisão de textos de
Alzir Rabelo

Reservados todos os direitos desta tradução. Proibida a reprodução, mesmo parcial, sem expressa autorização da Editora Artenova S.A.

Para
KNOX BURGER,
dez dias mais velho do que eu.
Tem sido um bom pai para mim.

“*Cuidado com todos os empreendimentos que exigem roupa nova.*”

Thoreau

PREFÁCIO

Aqui está uma exposição retrospectiva das obras curtas de Kurt Vonnegut, Jr. — e Vonnegut continua conosco e eu continuo sendo Vonnegut. Em algum lugar da Alemanha existe um rio chamado Vonne. Esta é a origem do meu estranho nome.

Sou escritor desde 1949. Autodidata. Não tenho qualquer teoria sobre literatura que possa ser útil a outros. Quando escrevo simplesmente me transformo no que aparentemente devo ser. Tenho um metro e oitenta e oito, peso quase noventa quilos e tenho os movimentos mal coordenados, exceto quando nado. Quem trabalha escrevendo é toda essa carne emprestada.

Quando nado sou lindo.

Meu pai e meu avô paterno eram arquitetos em Indianápolis, no Estado de Indiana, onde nasci. Meu avô materno era dono de uma cervejaria lá. Ganhou uma Medalha de Ouro na Exposição de Paris com a sua cerveja, que se chamava Lieber Lager. O ingrediente secreto era café.

Meu único irmão, oito anos mais velho do que eu, é um cientista bem sucedido. Sua especialidade é a física no seu relacionamento com as nuvens. Seu nome é Bernard e é mais engraçado do que eu. Lembro-me da carta que escreveu depois que seu primeiro filho, Peter, nasceu e foi levado para casa. “Aqui estou eu” — começava a carta — “limpando merda de praticamente todas as coisas.”

Minha única irmã, cinco anos mais velha do que eu, morreu aos quarenta. Também passava de um metro e oitenta, por um angstrom pouco mais ou menos. Era divina de se olhar e graciosa, tanto dentro como fora d’água. Era escultora. Fora batizada “Alice”, mas sempre negava ser uma Alice. Eu concordei. Todos concordaram. Talvez, algum dia, num sonho, eu descubra o seu nome verdadeiro.

Suas últimas palavras foram “Não dói”. São últimas palavras muito boas. Foi o câncer que a matou.

E agora me dou conta que os dois temas principais das minhas novelas foram ditados por meus irmãos: “Aqui estou eu, limpando merda de praticamente todas as coisas” e “não dói”. O conteúdo deste livro são amostras dos trabalhos que vendi para financiar as minhas novelas. Aqui se encontram os frutos da empresa privada.

Eu era relações públicas da General Electric e depois me tornei escritor *free-lance* da chamada ficção comercial, principalmente ficção científica. Se melhorei moralmente após passar por esta transformação não estou em condições de dizer. É uma das perguntas que pretendo fazer a Deus no Dia do Juízo Final — junto com uma outra a respeito do nome verdadeiro de minha irmã.

Isto pode muito bem acontecer na próxima quarta-feira.

Já fiz a pergunta a um professor universitário, que, entrando na sua Mercedes-Benz 300SL, *gran turismo,* me garantiu que homens de relações públicas e escritores comerciais eram igualmente vis, pois ambos enrabavam a verdade por dinheiro.

Perguntei-lhe qual era o grau mais baixo de ficção e ele me respondeu: Ficção científica. Perguntei aonde ia com tanta pressa e soube que ele tinha de pegar um jato. Ia falar numa reunião da Associação de Línguas Modernas em Honolulu, na manhã seguinte. Honolulu estava a cinco mil quilômetros de distância.

Minha irmã fumava demais. Meu pai fumava demais. Minha mãe fumava demais. Eu fumo demais. Meu irmão costumava fumar demais e depois parou, o que era um milagre da ordem dos pães e dos peixes.

Certa vez uma jovem bonita se aproximou de mim num coquetel e perguntou: — Que é que você anda fazendo estes dias?

Respondi: — Estou cometendo suicídio pelo cigarro.

Ela achou isto bastante engraçado. Eu não. Achei que era horrível desprezar a vida a ponto de chupar palito de câncer. Minha marca é Pall Mall. Os suicidas autênticos pedem Pall Malls. Os diletantes pedem Pell Mells.

Tenho um parente que está secretamente escrevendo a história de parte de minha família. Mostrou-me alguma coisa e disse a respeito de meu avô, o arquiteto: — Ele morreu na casa dos quarenta — e acho que ficou contente de se livrar de tudo isto. — Com "tudo isto" ele, naturalmente, queria dizer a vida em Indianápolis — e eu também tenho essa covardia a respeito da vida.

As autoridades sanitárias jamais mencionam a razão principal por que tantos americanos fumam muito; é porque o fumo é uma forma razoavelmente honrosa de suicídio.

É lamentável que eu jamais tivesse querido fugir de "tudo isto", e agora não quero mais fugir. Tenho seis filhos: três meus e três de minha irmã. São todos formidáveis. Meu primeiro casamento deu certo e continua dando certo. Minha mulher ainda é bela.

Jamais conheci mulher de escritor que não fosse bela.

Em homenagem ao casamento que deu certo, incluo nesta coleção uma história de amor revoltantemente comercial do *Ladies' Home Journal,* que lhe deu o nome — Deus me livre — de "A Longa Caminhada para o Sempre". O título que eu tinha dado, se bem me lembro, foi "Difícil de Aguentar".

A história descreve uma tarde passada com minha futura mulher. Que vergonha ter vivido cenas de uma revista feminina.

The New Yorker disse certa vez que um livro meu, *A Felicidade Rosewater,* era "... uma sucessão de risadinhas narcisistas." É possível que este também seja. Talvez ajudasse ao leitor imaginar-se como a moça do anúncio da White Rock, ajoelhada sobre o rochedo, vestida de camisola, procurando peixinhos ou adorando a sua própria imagem.

HARRISON BERGERON

Corria o ano 2081 e todo mundo era finalmente igual. Não apenas perante Deus e a lei. Todos eram iguais sob todos os aspectos. Ninguém era mais inteligente do que o outro. Ninguém era mais bonito do que o outro. Ninguém era mais forte ou mais rápido do que o outro. Toda essa igualdade era devida às Emendas 211, 212 e 213 da Constituição e à vigilância incessante do Nivelador-Geral dos Estados Unidos.

Mesmo assim, algumas coisas continuavam meio erradas. Por exemplo, o mês de abril deixava todo o mundo louco por não ser ainda primavera. E foi nesse mês úmido que os homens do N-G levaram Harrison, o filho de 14 anos de George e Hazel Bergeron.

Era trágico, sim, mas George e Hazel não puderam pensar muito a respeito. A inteligência de Hazel era perfeitamente mediana, o que quer dizer que ela só conseguia pensar em acessos curtos. E George, se bem que sua inteligência fosse bem acima do normal, tinha um pequeno rádio nivelador no ouvido, que era obrigado por lei a usar constantemente. Estava ligado a uma estação transmissora do governo. Mais ou menos de vinte em vinte segundos, a transmissora emitia algum ruído forte para impedir que gente como George se aproveitasse injustamente de sua cabeça.

George e Hazel estavam vendo um programa de televisão. Havia lágrimas nas faces de Hazel, mas ela havia esquecido, neste momento, a causa delas.

O tubo de imagem mostrava bailarinas.

Uma cigarra soou na cabeça de George. Seus pensamentos fugiram em pânico, como assaltantes de um alarma contra ladrões.

— Foi uma dança bonita, essa que elas dançaram agora — disse Hazel.

— Hem? — fez George.

— A dança, foi bonita — explicou Hazel.

— Foi — disse George. Tentou pensar um pouco a respeito das bailarinas. Na verdade, não eram grande coisa — não eram melhores do que teriam sido quaisquer outras pessoas. Estavam carregadas de pesos e sacos de chumbo miúdo e usavam máscaras, para que ninguém, ao ver um gesto livre e gracioso ou um rosto bonito, se sentisse como o último dos bagulhos. George estava tendo uma vaga ideia de que talvez as dançarinas não devessem levar desvantagem. Mas não pôde pensar muito porque um novo ruído no seu rádio de ouvido afugentou seus pensamentos. George estremeceu. O mesmo fizeram duas das oito bailarinas.

Hazel viu a careta que ele fez. Não tendo ela própria uma desvantagem mental, teve de perguntar a George qual tinha sido o último barulho.

— Parecia alguém acertando uma garrafa de leite com um malho — disse George.

— Acho que seria bem interessante ouvir todos esses sons diferentes — disse Hazel, um pouco invejosa. — Eles pensam em cada coisa.

— Hum — disse George.

— Só que, se eu fosse o Nivelador-Geral, sabe o que eu faria? — perguntou Hazel. Na verdade, ela se parecia muito com o Nivelador-Geral, uma mulher chamada Diana Moon Glampers. — Se eu fosse Diana Moon Glampers — continuou Hazel — eu mandaria tocar sinos nos domingos — sinos e mais nada. Uma espécie de homenagem à religião.

— Se fossem apenas sinos, eu conseguiria pensar — disse George.

— Bem, teriam de tocar muito alto, é claro — disse Hazel. — Acho que eu daria um bom Nivelador-Geral.

— Tão bom como qualquer outra pessoa.

— Quem sabe melhor do que eu o que é normal? — perguntou ela.

— Isso mesmo. — Começou a pensar confusamente no seu filho anormal, que agora estava preso, mas uma salva de vinte tiros acabou com isso.

— Puxa! — exclamou Hazel. — Essa foi uma beleza, hem?

Tinha sido uma beleza tamanha que George estava branco e trêmulo, e havia lágrimas nos seus olhos injetados. Duas das oito bailarinas tinham caído no chão do estúdio e estavam agarrando as cabeças.

— De repente você ficou com um ar cansado — disse Hazel. — Por que não deita no sofá para poder botar o saco nivelador nas almofadas, meu bem. — Ela se referia aos 19 quilos de chumbo miúdo num saco de lona que estava preso ao seu pescoço por um cadeado. — Vá, alivie o peso um pouco — continuou ela. — Não me importo se você não é igual a mim por um tempinho.

George sopesou o saco. — Não é preciso — disse ele. — Nem noto mais. Já faz parte de mim.

— Você anda tão cansado ultimamente — assim com um ar exausto. Se houvesse um jeito de fazer um furinho no fundo do saco e tirar algumas das bolas de chumbo. Só umas poucas.

— Dois anos de prisão e dois mil dólares para cada bola que eu tirar — disse George. — Não acho um bom negócio.

— Se você pudesse tirar só algumas quando volta do trabalho — insistiu Hazel. — Você não está competindo com ninguém aqui em casa. Você só fica sentado por aqui.

— Se eu conseguisse fazer isto, outros também conseguiriam — e dentro em breve estaríamos de volta à idade das trevas, com todo mundo competindo contra todo mundo. Você não gostaria disso, gostaria?

— Nem um pouco.

— Está vendo? — disse George. — No momento em que as pessoas começam a burlar a lei, que é que você acha que vai acontecer com a sociedade?

Se Hazel não soubesse responder a pergunta, George é que não o poderia ter feito. Uma sirena estava uivando dentro de sua cabeça.

— Acho que desmoronaria — respondeu ela.

— O que desmoronaria? — perguntou George vagamente.

— A sociedade — disse Hazel incerta. — Não foi o que você falou agora mesmo?

— Quem sabe? — disse George.

O programa de televisão foi interrompido subitamente por um noticiário. A princípio não ficou bem claro sobre o que era, pois o locutor, como todos os locutores, tinha um grave defeito de fala. Durante cerca de meio minuto e num estado de agitação crescente, o locutor procurou dizer: — Senhoras e senhores...

Finalmente desistiu e passou as notas a uma das bailarinas para que as lesse.

— Não faz mal — disse Hazel referindo-se ao locutor. — Ele tentou. É o que importa. Procurou fazer o possível com o que Deus lhe deu. Merece um aumento por se ter esforçado tanto.

— Senhoras e senhores — disse a bailarina lendo o noticiário. Devia ser extraordinariamente linda, pois a máscara que usava era horrenda. E era fácil de se ver que devia ser a mais forte e a mais graciosa de todas as dançarinas, pois os seus sacos niveladores eram tão grandes quanto os usados por homens de noventa quilos.

Ela teve de se desculpar imediatamente pela sua voz; era uma voz que uma mulher não devia poder usar. Sua voz era uma melodia cálida, luminosa, eterna. — Perdão — disse ela e recomeçou com uma voz totalmente não competitiva.

— Harrison Bergeron, de catorze anos — disse ela, grasnando —, acaba de fugir da cadeia, onde se achava preso por suspeita de tramar a derrubada do governo. Trata-se de um atleta e de um gênio que foi subnivelado e que deve ser considerado como extremamente perigoso.

Uma fotografia policial de Harrison Bergeron apareceu na tela de cabeça para baixo, depois de lado, mais uma vez de cabeça para baixo e, por fim, corretamente. O retrato mostrava Harrison de comprimento inteiro contra um fundo dividido em metros e centímetros. Tinha dois metros e treze de altura.

O resto da aparência de Harrison era Carnaval e ferragem. Ninguém jamais carregara nivelamento mais pesado. Ele vencia os obstáculos mais rapidamente do que os homens do N-G podiam inventá-los. Em vez de um pequeno rádio de ouvido como desvantagem mental, usava um par de gigantescos fones e óculos grossos com lentes onduladas. A finalidade dos óculos era não apenas deixá-lo meio cego como também lhe dar tremendas dores de cabeça.

Estava coberto de sucata. De modo geral, havia uma certa simetria, um certo asseio militar nas desvantagens impostas a pessoas fortes, mas Harrison parecia um ferro-velho ambulante. Na corrida da vida, Harrison carregava 135 quilos.

E para contrabalançar as suas feições bonitas, os homens do N-G exigiram que usasse sempre uma bola de borracha vermelha como nariz, rapasse as sobrancelhas e cobrisse alguns de seus dentes brancos e regulares com capinhas pretas, dando-lhe um ar benguela.

— Se virem este rapaz — prosseguiu a bailarina —, não tentem discutir com ele.

Ouviu-se o guincho de uma porta sendo arrancada das dobradiças.

Berros e gritos de consternação saíram do televisor. A fotografia de Harrison Bergeron saltava para cima e para baixo, como que dançando ao som de um terremoto.

George Bergeron identificou o terremoto corretamente, e não era por nada: muitas vezes a sua própria casa dançara ao som da mesma melodia estrondosa. — Meu Deus! — exclamou George —, deve ser Harrison.

No mesmo instante, o pensamento foi varrido de sua mente, graças a uma colisão de automóveis na sua cabeça.

Quando George conseguiu abrir os olhos, a fotografia de Harrison desaparecera. Um Harrison de carne e osso enchia a tela.

Retinindo, caricato e gigantesco, Harrison se postou no centro do estúdio. A maçaneta da porta arrancada ainda estava na sua mão. Bailarinas, técnicos, músicos e locutores estavam prostrados diante dele, à espera da morte.

— Eu sou o Imperador! — gritou Harrison. — Estão ouvindo? Eu sou o Imperador! Todos devem fazer imediatamente o que eu mandar! — Bateu o pé e o estúdio estremeceu.

— Mesmo assim, como me acho diante de vocês — urrou ele —, incapacitado, amarrado, enfraquecido, sou um líder como jamais houve outro no mundo! E agora vejam como posso ser realmente!

Harrison arrebentou as correias do seu arreio de handicap como se fossem de papel de seda, arrebentou correias que garantiam aguentar dois mil quilos.

A sucata niveladora de Harrison caiu fragorosamente.

Harrison enfiou os polegares debaixo da barra do cadeado que segurava os seus arreios da cabeça. A barra se rompeu como uma cenoura. Harrison despedaçou seus fones de ouvido e seus óculos contra a parede.

Jogou para longe seu nariz de borracha e revelou-se como um homem que teria intimidado Tor, o deus do trovão.

— Agora vou escolher a minha Imperatriz! — disse ele, olhando para as pessoas intimidadas. — A primeira que ousar se erguer que reivindique o seu homem e o seu trono!

Após um momento, uma das bailarinas se levantou, balouçando como um salgueiro.

Harrison removeu o nivelador mental do ouvido dela e desatou-lhe os niveladores físicos com delicadeza maravilhosa. No fim de tudo, retirou a sua máscara.

Ela era estonteantemente bela.

— Agora — disse Harrison, pegando-a pela mão — vamos mostrar a esta gente o significado da palavra dança? Música! — ordenou.

Os músicos voltaram correndo às suas cadeiras e Harrison livrou-os também de seus elementos niveladores. — Toquem como nunca antes — disse ele — e farei de vocês barões, duques e condes.

A música começou. A princípio era normal — vulgar, tola e falsa. Mas Harrison arrancou dois músicos de suas cadeiras, agitou-os como batutas, enquanto cantava a música como ele queria que fosse tocada. Lançou-os de volta às cadeiras.

A música recomeçou e estava muito melhor.

Harrison e a Imperatriz apenas escutaram a música por algum tempo — escutaram-na seriamente, como se quisessem sincronizar a batida de seus corações com ela.

Prepararam-se para dançar.

Harrison colocou suas mãos imensas na cintura minúscula da jovem, deixando-a sentir a imponderabilidade que em breve também seria dela.

E subitamente, numa explosão de alegria e elegância, saltaram para o ar!

Não apenas as leis do país haviam sido afrontadas, mas também a lei da gravidade e as leis do movimento.

Pularam, saltitaram, giraram, rodaram, cabriolaram, rodopiaram e cambalhotaram.

Saltaram como cabritos na lua.

O teto do estúdio estava a dez metros de altura, mas cada pulo aproximava os dançarinos mais e mais.

Sua intenção tornou-se óbvia: beijar o teto.

E o beijaram.

E depois, neutralizando a gravidade com amor e pura vontade, ficaram suspensos no ar a poucos centímetros do teto, e se beijaram durante muito, muito tempo.

Foi aí que Diana Moon Glampers, o Nivelador-Geral, entrou no estúdio com uma espingarda de dois canos. Atirou duas vezes e o Imperador e a Imperatriz estavam mortos antes de se estatelarem no chão.

Diana Moon Glampers recarregou a arma. Apontou-a para os músicos e lhes disse que tinham dez segundos para voltar a colocar os seus elementos niveladores.

Foi nesse momento que queimou o tubo de imagem do televisor dos Bergerons.

Hazel virou-se para George querendo comentar o acidente. Mas George fora à cozinha para pegar uma lata de cerveja.

George voltou com a bebida, parou enquanto um sinal de nivelamento o fazia tremer e tornou a sentar. — Andou chorando? — perguntou a Hazel.

— Andei.

— Por quê?

— Esqueci — disse ela. — Uma coisa bem triste na televisão.

— Que é que foi?

— Está tudo meio confuso na minha cabeça.

— Esqueça as coisas tristes — disse George.

— É o que faço sempre.

— Assim é que eu gosto — disse George. Fez uma careta. Uma rebitadeira disparou na sua cabeça.

— Puxa — disse Hazel —, essa até eu pude ver que foi uma beleza.

— Ora, se foi — disse George.

(1961)

BEM-VINDO À CASA DOS MACACOS

De modo que Pete Crocker, xerife do Condado de Barnstable, que abrange toda a região de Cape Cod, entrou no Salão Federal de Suicídio Ético de Hyannis numa tarde de maio, e disse às duas Recepcionistas de seis pés de altura que não se alarmassem, mas que um notório cabeça-oca chamado Billy o Poeta estava a caminho do lugar.

Um cabeça-oca era uma pessoa que se recusava a tomar as suas pílulas anticoncepcionais éticas três vezes ao dia. A pena era uma multa de dez mil dólares e dez anos de cadeia.

Isto se passava numa época em que a população da Terra era de 17 bilhões de seres humanos. Eram muitos mamíferos, grandes demais para um planeta pequeno demais. O povo vivia praticamente apinhado como drupéolas.

Drupéolas são aquelas pequenas saliências carnudas que formam o exterior de uma framboesa.

De modo que o Governo estava atacando a superpopulação com duas armas. A primeira era o estímulo ao suicídio ético, que consistia em procurar o Salão de Suicídio mais próximo e pedir a uma das Recepcionistas para ser morto enquanto a pessoa ficava deitada num confortável sofá. A outra arma era o controle ético compulsório da natalidade.

O xerife disse às Recepcionistas, que eram jovens bonitas, decididas e muito inteligentes, que estavam sendo levantadas barreiras nas estradas e que se realizavam buscas de casa em casa, para apanhar Billy o Poeta. A principal dificuldade era que a polícia não sabia qual era a aparência dele. As poucas pessoas que o haviam visto e conhecido eram mulheres — e todas elas discordavam fantasticamente quanto à sua altura, sua voz, seu peso e a cor de sua pele.

— Não preciso lembrar a vocês — continuou o xerife — que os cabeças-ocas são muito sensíveis da cintura para baixo. Se Billy o Poeta conseguir penetrar aqui e começar a fazer encrenca, um bom pontapé no lugar indicado fará milagres.

Ele estava se referindo ao fato de que as pílulas anticoncepcionais éticas, a única forma legal de controle de natalidade, tornavam as pessoas insensíveis da cintura para baixo.

A maioria dos homens dizia que a sua metade inferior parecia ferro frio ou pau de balsa. A maioria das mulheres dizia que a sua metade inferior parecia algodão molhado ou cerveja choca. As pílulas eram tão eficazes que se podia vendar os olhos de um homem que tivesse tomado uma, dizer-lhe que recitasse o Discurso de Gettysburg, dar-lhe um pontapé no saco enquanto estivesse falando, e ele não perderia uma sílaba.

As pílulas eram éticas porque não interferiam com a capacidade da pessoa de reproduzir, o que teria sido contrário à natureza e à moral. O que as pílulas faziam era tirar todo o prazer do sexo.

Assim a ciência e a moral andavam de mãos dadas.

As duas Recepcionistas em Hyannis chamavam-se Nancy McLuhan e Mary Kraft. Nancy era ruiva e Mary era morena. Seus uniformes consistiam de batom branco, muita maquilagem nos olhos, malha roxa de corpo inteiro, sem coisa alguma por baixo, e botas de couro preto. Seu estabelecimento era pequeno — apenas seis cabinas de suicídio. Numa semana realmente boa, digamos a que precede o Natal, elas punham sessenta pessoas para dormir. Isso era feito com uma seringa hipodérmica.

— O meu recado principal para vocês — disse o Xerife Crocker — é que tudo está sob controle. Podem continuar trabalhando a vontade.

— Você não omitiu parte do seu recado principal? — perguntou Nancy.

— Não entendo.

— Não escutei você dizer que é provável que ele venha para cá diretamente.

O xerife encolheu os ombros com inocência obviamente fingida. Não sabemos ao certo.

— Eu pensei que tudo que se sabia a respeito de Billy o Poeta era justamente isso: que ele era especialista no defloramento de Recepcionistas de Salões de Suicídio Ético. — Nancy era virgem. Todas as Recepcionistas eram virgens. Além disso, tinham de ser formadas em cursos avançados de psicologia e enfermagem. Também tinham de ser roliças e rosadas e ter pelo menos seis pés de altura.

Muitas coisas tinham mudado na América, mas o sistema métrico ainda não havia sido adotado.

Nancy McLuhan estava danada porque o xerife queria proteger a ela e Mary da verdade completa sobre Billy o Poeta — como se elas fossem entrar em pânico. Foi o que ela disse ao xerife.

— Quanto tempo você acha que uma garota aguentaria no S.S.E. — disse ela, referindo-se ao Serviço de Suicídio Ético —, se ela se assustasse com tanta facilidade?

O xerife recuou um passo e encolheu o queixo. — Não muito, creio eu.

— Exatamente — disse Nancy, estreitando a distância que os separava e oferecendo-lhe um cheirinho da aresta de sua mão que estava preparada para um golpe de caratê. Todas as Recepcionistas eram peritas em judô e caratê. — Se você quer descobrir se somos realmente frágeis, venha ao meu encontro fingindo que é Billy o Poeta.

O xerife sacudiu a cabeça e lhe deu um sorriso fixo. — Prefiro não tentar.

— Foi a coisa mais inteligente que você disse hoje — respondeu Nancy virando-lhe as costas, enquanto Mary ria. — Não estamos com medo — estamos com *raiva*. Ou nem isso. Ele não *merece*. Achamos *chato*. Como é chato que ele venha de tão longe, causando tanto escarcéu, para... — Parou no meio da frase. — É simplesmente absurdo.

— Eu tenho menos raiva dele do que das mulheres que se submeteram a ele — disse Mary — e depois não puderam descrevê-lo à polícia. E ainda por cima, Recepcionistas do Serviço de Suicídio.

— Há quem não esteja praticando caratê — disse Nancy.

Não era apenas Billy o Poeta que se sentia atraído por Recepcionistas nos Salões de Suicídio Ético. Todos os cabeças-ocas sentiam a mesma coisa. Totalmente desvairados pela loucura sexual, que era o resultado de não tomar pílulas, achavam que os lábios brancos, os olhos grandes, a malha de corpo inteiro e as botas de uma Recepcionista significavam *sexo, sexo, sexo*.

A verdade, naturalmente, era que sexo era a última coisa em que uma Recepcionista pensava.

— Se Billy seguir o seu método costumeiro, vai estudar os hábitos de vocês e os arredores. Depois escolherá uma das duas e lhe mandará um poema obsceno pelo correio.

— Que lindo — disse Nancy.

— Também se sabe de casos em que usou o telefone.

— Como é corajoso! — exclamou ela. Por cima do ombro do xerife viu o carteiro chegando.

Uma luz azul se acendeu acima da cabina pela qual Nancy era responsável. A pessoa lá dentro queria alguma coisa. Era a única cabina em uso no momento.

O xerife perguntou se havia alguma possibilidade de a pessoa lá dentro ser Billy o Poeta e Nancy respondeu: — Bem, se for, eu posso quebrar-lhe a nuca entre o polegar e o indicador.

— Vovô Manhoso — disse Mary, que também o tinha visto. Um Vovô Manhoso era qualquer velho, espertinho e senil, que discutia e fazia piadas e falava sobre o passado durante horas antes de deixar que a Recepcionista o botasse para dormir.

Nancy gemeu. — Há duas horas que estamos tentando decidir qual será a sua última refeição.

Chegou o carteiro com apenas uma carta endereçada a Nancy, num lápis seboso. Ela estava majestosa em sua fúria e repulsa ao abri-la, sabendo que seria alguma obscenidade de Billy.

Tinha razão. Dentro do envelope se achava um poema. Não era um poema original. Era uma canção dos velhos tempos que tinha adquirido novo sentido desde que a insensibilidade do controle ético de nascimento se havia tornado universal. Ia assim, também num lápis seboso:

Pelo parque passeávamos
E estátuas enrabávamos
Se o cavalo de Sherman aguenta,
Por que não você?

Quando Nancy entrou na cabina de suicídio para ver o que o Vovô Manhoso queria, encontrou-o deitado no sofá verde, em que centenas tinham morrido tão tranquilamente no correr dos anos. Estudava o cardápio do restaurante Howard Johnson ao lado e batia em compasso com a *Muzak* que vinha do alto-falante na parede em amarelo-limão. O quarto era pintado de cinza-escuro. Havia uma janela gradeada provida de veneziana.

Existia um Howard Johnson ao lado de cada Salão de Suicídio Ético e vice-versa. O Howard Johnson tinha um telhado cor-de-laranja e o Salão de Suicídio tinha um telhado roxo, mas ambos pertenciam ao Governo. Praticamente tudo pertencia ao Governo.

Também praticamente tudo era automatizado. Nancy, Mary e o xerife tinham sorte de estarem empregados. A maioria das pessoas não estava. O cidadão médio ficava em casa, vendo televisão, que era do Governo. A cada quinze minutos o canal o instava a votar com inteligência, a consumir com inteligência, a frequentar a igreja de sua escolha, a amar o seu próximo e a obedecer as leis — ou a visitar o Salão de Suicídio Ético mais próximo e descobrir como eram amáveis e compreensivas as Recepcionistas.

O Vovô Manhoso era uma espécie de raridade, pois estava marcado pela idade, calvo, trêmulo e com manchas nas mãos. Quase todas as pessoas pareciam ter vinte e dois anos, graças a injeções contra o envelhecimento que tomavam duas vezes por ano. O fato que o velho parecia velho era prova de que as injeções tinham sido inventadas depois que o seu pássaro da juventude havia alçado voo.

— Já decidimos sobre a última refeição? — perguntou Nancy. Ouviu a irritação de sua própria voz, causada pela exasperação com Billy o Poeta e com o velho. Sentiu-se envergonhada, porque isto era muito antiprofissional da parte dela. — O bife à milanesa está muito bom.

O velho ergueu a cabeça. Com a astúcia ávida da segunda infância, ele a surpreendera sendo antiprofissional e indelicada e queria puni-la.

— Você não parece muito amável. Pensei que todas vocês tivessem de ser amáveis. Pensei que isto aqui devia ser um lugar agradável.

— Desculpe-me — respondeu Nancy. — Se não estou sendo amável, não é por sua causa.

— Pensei que talvez estivesse aborrecendo você.

— Não, não — disse ela galhardamente. — Você conhece alguns fatos históricos bem interessantes. — Entre outras coisas, o Vovô Manhoso afirmava ter conhecido J. Edgar Nation, o farmacêutico de Grand Rapids, inventor da pílula anticoncepcional ética.

— Então, *mostre-se* interessada — disse o velho. Não corria qualquer risco com sua impudência. O fato era que ele podia ir embora a qualquer tempo, mesmo no momento em que pedisse a agulha. E tinha de *pedir.* Esta era a lei.

A arte de Nancy, e a de todas as Recepcionistas, era cuidar que os voluntários não saíssem, persuadindo, adulando, engabelando-os, pacientemente, a cada momento.

De modo que Nancy teve de se sentar na cabina, de se fingir maravilhada com a novidade da narração do velho, uma história que todo mundo conhecia: de como J. Edgar Nation fez as suas experiências no campo do controle ético da natalidade.

— Ele não tinha a menor ideia de que as suas pílulas seriam um dia tomadas por seres humanos — disse o Vovô Manhoso. — Seu grande sonho era moralizar a jaula de macacos do Zoológico de Grand Rapids. Sabia? — perguntou com severidade.

— Não, não sabia. Que interessante!

— Ele e seus onze filhos foram à igreja na Páscoa. E o dia estava tão lindo e o serviço religioso tinha sido tão bonito e puro que eles decidiram dar um passeio pelo zoológico, e era como se estivessem passeando sobre nuvens.

— Sim? — A cena descrita era plagiada de uma peça encenada na televisão todos os anos, durante a Páscoa.

O Vovô Manhoso incluiu-se na cena, batendo um papo com os Nations, pouco antes de chegarem à jaula dos macacos. — Bom dia, Sr. Nation — disse eu. — Não está um dia lindo? — E um bom dia para o senhor também, Sr. Howard — respondeu ele. Não há nada como uma manhã de Páscoa para fazer a gente se sentir limpo, renascido e em acordo com as intenções de Deus.

— Sim? — Nancy ouviu o telefone tocando baixinho, com insistência, através da porta quase à prova de som.

— E assim fomos juntos à jaula dos macacos e que é que você acha que nós vimos?

— Não posso imaginar.

— Vimos um macaco brincando com as suas partes pudendas.

— Não!

— Sim! E J. Edgar Nation ficou tão perturbado que foi diretamente para casa e começou a aperfeiçoar uma pílula que fizesse com que os macacos pudessem ser vistos por uma família cristã na primavera.

Houve uma batida à porta.

— Sim? — fez Nancy.

— Nancy, telefone para você — disse Mary.

Quando Nancy saiu da cabina, encontrou o xerife engasgando-se com pequenos guinchos de alegria justiceira. O telefone estava sendo interceptado por agentes escondidos no Howard Johnson. Acreditava-se que Billy o Poeta estava na linha. O chamado tinha sido localizado. A polícia já estava a caminho para pegá-lo.

— Fique falando, fique falando — sussurrou o xerife e passou-lhe o telefone como se fosse de ouro sólido.

— Sim? — disse Nancy.

— Nancy McLuhan. — Era um homem disfarçando a voz. Parecia estar falando através de um flautim. — Estou telefonando em nome de um amigo comum.

— Sim?
— Ele me pediu para dar um recado.
— Pois não.
— É um poema.
— Muito bem.
— Está pronta?
— Estou. — Nancy pôde ouvir sereias aproximando-se do outro lado da linha.

O homem também devia tê-las escutado, mas passou a recitar o poema sem qualquer emoção, la assim:

Encharque-se de perfume e loção.
Aí vem o homem que aumenta a população.

Pegaram-no. Nancy ouviu tudo — as pancadas, os socos, a confusão.

A depressão que sentiu depois de desligar era glandular. Seu valente corpo se tinha preparado para uma luta que não se realizara.

O xerife saiu correndo do Salão de Suicídio, tão apressado para ver o famigerado criminoso que ele ajudara a pegar, que um maço de papéis caiu do bolso do seu impermeável.

Mary os apanhou e chamou pelo xerife. Ele se deteve por um momento, disse que os papéis não tinham mais importância e perguntou se ela estava com vontade de acompanhá-lo. Houve um alvoroço entre as duas moças, com Nancy insistindo para que Mary fosse e dizendo que não tinha curiosidade de ver Billy. E assim Mary foi, discretamente passando os papéis a Nancy.

O maço era de fotocópia de poemas que Billy enviara a Recepcionistas de outros lugares. Nancy leu o de cima. O poema insistia num estranho efeito secundário das pílulas anticoncepcionais éticas: não apenas deixavam as pessoas insensíveis, como as faziam mijar azul. Chamava-se *O Que o Cabeça-Cheia disse à Recepcionista do Salão de Suicídio* e ia assim:

Jamais costurei nem jamais fiei

E graças à pílula não pequei.
Adorava o barulho e a incerteza
E meu mijo era de cor turquesa.

Sempre comi sob teto alaranjado
E o progresso marchava ao meu lado.
Hoje é roxa a minha morada;
Aqui deixo o azul da última mijada.

Ó virgem guardiã dos extremos portais,
A vida é linda, mas tu és mais.
Chora a sorte do meu funil.
Só o que fazia é mijar anil.

— Nunca ouviu essa história antes, como J. Edgar Nation inventou a pílula anticoncepcional ética? — perguntou o Vovô Manhoso, a voz aguda.

— Nunca — mentiu Nancy.

— Pensei que todo mundo soubesse.

— Para mim foi novidade.

— Quando ele terminou com a jaula dos macacos, mais parecia o Supremo Tribunal de Michigan. Enquanto isso, as Nações Unidas estavam passando por uma crise. O pessoal que entendia de ciência dizia que o povo tinha de parar de reproduzir tanto, e o pessoal que entendia de moral dizia que a sociedade ia desmoronar se o povo usasse o sexo apenas para o prazer.

O Vovô Manhoso desceu do sofá, foi à janela e espiou por entre duas tiras de veneziana. Não havia muito o que ver lá fora. A vista estava bloqueada pela parte de trás de um simulacro de termômetro, de 20 pés de altura, cuja frente dava para a rua. Estava calibrado em bilhões de habitantes da Terra, de zero a vinte. A coluna imitando o líquido era uma faixa de plástico vermelho translúcido e mostrava quantas pessoas havia na Terra. Bem lá embaixo havia uma seta preta indicando o que os cientistas achavam que a população devia ser.

O Vovô Manhoso olhava para o sol poente através do plástico vermelho e também através da veneziana, de modo que o seu rosto estava estriado de sombras e de vermelho.

— Me diga — falou ele —, quando eu morrer, quanto vai descer o termômetro? Um pé?

— Não.

— Uma polegada?

— Um pouco menos.

— Você sabe a resposta, não sabe? — disse ele fitando Nancy. A senilidade desaparecera de sua voz e de seus olhos. — Uma polegada naquele negócio corresponde a 83.333 pessoas. Você sabia, não sabia?

— Pode ser que seja verdade — respondeu ela —, mas na minha opinião não é a maneira certa de encarar as coisas.

Ele não perguntou qual, na opinião dela, era a maneira certa. Em vez disso, completou o seu próprio pensamento: — Vou lhe dizer outra coisa que é verdade: sou Billy o Poeta e você é uma mulher muito bonita.

Com uma das mãos puxou do cinto um revólver de cano curto. Com a outra, arrancou a careca e a testa enrugada que eram de borracha. Agora aparentava 22 anos.

— Quando tudo isto terminar, a polícia vai querer saber exatamente como é a minha cara — disse ele com um sorriso malicioso. — Caso você não tenha o dom de descrever as pessoas, e é surpreendente o número de pessoas que não sabem:

Baixinho sou eu,
Os olhos cor do céu,
De cabelo castanho eu tenho um fardo —
Anãozinho viril,
Tão varonil,
Que as mulheres dizem que ardo.

Billy era dez polegadas mais baixo que Nancy e ela tinha uma vantagem de aproximadamente quarenta libras sobre ele. Nancy disse que ele não tinha a menor possibilidade de ganhar, mas estava muito enganada. Billy destrancara as barras da janela na noite anterior e obrigou-a a sair pela janela e depois a descer por um bueiro que estava escondido da rua pelo grande termômetro.

Ele a levou pelos esgotos de Hyannis. Sabia para onde ia. Tinha uma lanterna e um mapa. Nancy teve que andar à sua frente pela estreita galeria, a sua própria sombra dançando zombeteiramente diante dela. Procurou calcular onde estavam em relação ao mundo real da superfície. Pelos ruídos que ouvia, calculou corretamente que estavam passando por baixo do Howard Johnson. A máquina que preparava e servia a comida estava parada. Mas para que as pessoas não se sentissem muito sós ao comer, os arquitetos tinham providenciado efeitos sonoros para a cozinha. Eram esses que Nancy estava escutando — uma gravação do tilintar de talheres e as risadas de negros e porto-riquenses.

Depois disso, ela se perdeu. Billy quase não falava, a não ser para dizer “à esquerda”, ou “à direita” ou “não banque a engraçadinha, Juno, senão lhe arrebento a porra dos miolos”.

Apenas uma vez tiveram o que podia quase ser considerado como uma conversa. Foi iniciada e terminada por Billy. — Por que diabos uma moça com quadris feito os seus anda por aí vendendo a morte?

Nancy ousou parar. — Essa eu posso responder — disse ela. Tinha certeza de lhe poder dar uma resposta que o murcharia como napalm.

Mas ele lhe deu um empurrão, prontificando-se novamente a lhe estourar a porra dos miolos.

— Você nem quer ouvir a minha resposta — disse ela provocando. — Tem medo de ouvi-la.

— Não discuto com mulher antes de passar o efeito da pílula — disse Billy com escárnio. Então, era este o plano — mantê-la prisioneira por oito horas no mínimo, o tempo necessário para passar o efeito da pílula.

— É uma regra idiota.

— A mulher não é mulher enquanto o efeito da pílula não tiver passado.

— Você me faz sentir mais como um objeto do que uma pessoa.

— Pode agradecer à pílula por isso — disse Billy.

Havia oitenta milhas de esgotos debaixo da Grande Hyannis, que tinha uma população de 400.000 drupéolas, 400.000 almas. Quando Billy anunciou que por fim haviam chegado ao seu destino, Nancy não teve dificuldade de imaginar que um ano se havia passado.

Pôs à prova essa impressão fantasmagórica beliscando a própria coxa, procurando sentir o que dizia o relógio químico do seu corpo. A coxa continuava insensível.

Billy mandou-a subir uns degraus de ferro cravados na alvenaria. Em cima, surgiu um círculo de luz mortiça. Era o luar coando-se através dos polígonos plásticos de um domo geodésico. Nancy não teve de fazer a tradicional pergunta da vítima: — Onde estou? — Havia apenas um domo como este em Cape Cod. Ficava em Hyannis Port e abrigava o antigo Conjunto Kennedy.

Era um museu da vida que se levava em tempos mais expansivos. O museu estava fechado. Só funcionava no verão.

O bueiro do qual emergiram Nancy e Billy achava-se em meio de uma grande superfície de cimento verde, mostrando onde antigamente ficava o gramado dos Kennedys. Nesse cimento, diante das velhas casas de madeira, havia estátuas representando os 14 Kennedys que haviam sido Presidentes dos Estados Unidos ou do Mundo. Jogavam futebol.

A propósito, o Presidente do Mundo, à época do sequestro de Nancy, era uma ex-Recepcionista de Suicídio chamada “Mamãe” Kennedy. Sua estátua jamais participaria desse jogo de futebol. É verdade que ela se chamava Kennedy, mas não parecia. Todos se queixavam de sua falta de classe e a achavam vulgar. Na parede do seu escritório havia um cartaz dizendo, NÃO É PRECISO SER MALUCO PARA TRABALHAR AQUI, MAS QUE AJUDA, AJUDA, um outro contendo a palavra PENSE e um terceiro com a frase UM DIA DESSES, VAMOS TER QUE ORGANIZAR ESTA JOÇA.

Seu escritório ficava no Taj Mahal.

Até antes de chegar ao Museu Kennedy, Nancy McLuhan estava certa de que, mais cedo ou mais tarde, teria uma oportunidade de quebrar todos os ossos do corpinho de Billy, e talvez mesmo acertá-lo com sua própria arma. Ela não teria se importado de fazer uma coisa ou outra. Achava-o mais nojento do que um carrapato regurgitando de sangue.

Não foi compaixão que a fez mudar de opinião. Foi a descoberta de que Billy tinha uma quadrilha. Havia pelo menos oito pessoas em torno do bueiro, homens e mulheres em números iguais, com meias enfiadas sobre as cabeças. Foram as mulheres que agarraram Nancy com firmeza e lhe disseram para não perder a calma. Todas tinham, no mínimo, a altura de Nancy e a seguraram em lugares onde poderiam machucá-la à beça se tivessem de fazê-lo.

Nancy fechou os olhos, mas isto não a protegeu da conclusão óbvia: essas pervertidas eram irmãs do Serviço de Suicídio Ético. Ficou tão transtornada que perguntou em voz alta e amargurada: — Como podem quebrar assim o seu juramento?

Imediatamente a machucaram tanto que ela se contorceu toda e prorrompeu em lágrimas.

Quando conseguiu se endireitar, queria ainda dizer muitas coisas, mas calou a boca. No íntimo, especulava sobre o que podia levar uma Recepcionista de Suicídio a voltar-se contra todos os conceitos de decência humana. Não era possível que bastasse ser cabeça-oca. Tinham de estar drogadas também.

Nancy passou em revista mentalmente os nomes de todas as drogas terríveis que aprendera no colégio e convenceu-se de que as mulheres tinham tomado a pior de todas. Segundo os professores de Nancy, era uma droga tão poderosa que mesmo uma pessoa insensível da cintura para baixo podia copular repetida e entusiasticamente depois de tomar apenas um copo. Essa tinha de ser a resposta: as mulheres, e provavelmente também os homens, andaram tomando gim.

Apressadamente levaram Nancy para a casa do meio, que estava às escuras como as outras, e ela ouviu os homens darem as novas a Billy. Foi nessas novas que ela percebeu um vislumbre de esperança. O auxílio podia estar a caminho.

O membro da quadrilha que fizera o telefonema obsceno a Nancy enganara a polícia fazendo-a crer que Billy o Poeta fora capturado, o que era ruim para Nancy. Dois dos homens disseram a Billy que a polícia ainda não sabia que ela havia desaparecido, e que um telegrama fora enviado a Mary Kraft, em nome de Nancy, dizendo que ela havia sido chamada a Nova Iorque por causa de um assunto de família de grande urgência.

Foi ali que Nancy viu o vislumbre de esperança: Mary não acreditaria no telegrama, pois sabia que Nancy não tinha família em Nova Iorque. Nenhum de seus 63 milhões de habitantes era parente seu.

A quadrilha desarmara o sistema de alarma contra roubo do museu. Além do mais, muitas das correntes e cordas, que serviam para impedir os visitantes de tocar objetos de valor, haviam sido cortadas. Não havia qualquer mistério a respeito de quem fizera os cortes. Um dos homens estava armado de uma gigantesca tesoura.

Conduziram Nancy a um quarto de criada no andar superior. O homem da tesoura cortou as cordas que isolavam a cama. Fizeram-na deitar e dois homens a seguraram, enquanto uma das mulheres lhe deu uma injeção de narcótico.

Billy o Poeta havia desaparecido.

Quando Nancy estava prestes a adormecer, a mulher que lhe dera a injeção perguntou-lhe a idade.

Nancy estava decidida a não responder mas descobriu que droga a impelia a falar. — Sessenta e três — murmurou.

— Que tal é ser virgem aos sessenta e três anos?

Nancy ouviu sua própria voz através de um nevoeiro de veludo. Ficou estupefata com sua resposta e queria protestar que não podia ter saído dela. O que dissera foi: — Não tem graça nenhuma.

Momentos mais tarde, a voz engrolada, perguntou: — Que é que havia nessa agulha?

— O que havia na agulha, meu bem? Ora, meu bem, o que chamam de soro da verdade.

A lua havia se posto quando Nancy acordou — mas ainda reinava a noite. As persianas estavam fechadas e a única luz no quarto era de uma vela. Nancy jamais havia visto antes uma vela acesa.

O que a acordou foi um sonho de mosquitos e abelhas. Os mosquitos e as abelhas estavam extintos. Os pássaros também. Mas Nancy sonhou que milhões de insetos enxameavam em seu redor da cintura para baixo. Não a picavam, mas a inflamavam. Nancy era uma cabeça-oca.

Voltou a adormecer. Quando despertou novamente estava sendo levada ao banheiro por três mulheres de cabeças ainda cobertas por meias. O recinto ainda estava cheio do vapor do banho de uma outra pessoa. Havia pegadas molhadas cruzando o piso e o ar rescendia a perfume de pinheiro.

Sua vontade e inteligência voltaram-se depois de se ter banhado, perfumado e vestido uma camisola branca. Quando as mulheres recuaram para admirá-la, ela disse calmamente: — Posso ser uma cabeça-oca agora. Mas isto não quer dizer que eu tenho de pensar ou agir como uma cabeça-oca.

Nancy foi conduzida para baixo e para fora da casa. Esperava ser levada novamente para dentro do bueiro. Seria o cenário perfeito para a sua violação por Billy, pensou ela: num esgoto.

Mas foi conduzida pelo cimento verde, onde ficava a grama, e depois pelo cimento amarelo, onde ficava a praia, e, em seguida, pelo cimento azul, onde ficava o mar. Havia vinte e seis iates que pertenceram a vários Kennedys, fixados em cimento azul, até as linhas de água. Foi no mais antigo desses iates, o *Marlin,* outrora propriedade de Joseph P. Kennedy, que Nancy foi entregue.

O sol raiava. Por causa dos altos edifícios de apartamentos que cercavam o Museu Kennedy levaria uma hora antes que a sua luz direta iluminasse o microcosmo sob o domo geodésico.

Nancy foi acompanhada até a escada que levava ao camarote da proa do *Marlin.* Por gestos, as mulheres explicaram que teria de descer sozinha os cinco degraus.

Nancy se imobilizou por um momento, assim como as mulheres. E no quadro vivo havia duas estátuas verdadeiras na ponte de comando. Ao leme, a estátua de Frank Wirtanen, antigo capitão do *Marlin.* Ao seu lado, Carly, seu filho e imediato. Não prestavam a menor atenção à pobre Nancy. Pelo para-brisa olhavam fixamente o cimento azul.

Nancy, descalça e usando uma fina camisola branca, desceu corajosamente ao camarote da proa, que era uma mistura de luz de vela e perfume de pinho. A porta foi fechada e trancada atrás dela.

As emoções de Nancy e o mobiliário antigo eram tão complexos que, a princípio, ela não conseguiu separar Billy o Poeta do ambiente. Depois, viu-o no outro extremo do camarote, encostado à porta que levava à cabina do piloto. Usava um pijama roxo, de gola russa, e enfeites vermelhos. No peito de seda de Billy contorcia-se um dragão dourado, cuspindo fogo.

Como anticlímax, Billy estava de óculos. Na mão, segurava um livro.

Nancy parou no penúltimo degrau e agarrou-se ao corrimão da escada. Mostrou os dentes e calculou que seriam necessários dez homens do tamanho de Billy para arrancá-la dali.

Entre os dois havia uma grande mesa. Nancy imaginara que o camarote seria dominado por uma cama, possivelmente na forma de um cisne. Mas o *Marlin* era uma embarcação diurna. O camarote parecia tudo, menos um serralho. Era tão voluptuoso quanto a sala de jantar de uma família da baixa classe média, de Akron, Ohio, no ano de 1910.

Sobre a mesa havia uma vela, um balde de gelo, duas taças e uma garrafa de champanha. Champanha era tão ilegal quanto heroína.

Billy tirou os óculos, deu-lhe um sorriso tímido e embaraçado e disse: — Boas-vindas.

— Daqui não passo.

Ele se conformou: — Você fica linda aí.

— Que é que você quer que eu diga? Que você está perfeitamente arrebatador? Que sinto um desejo ardente de me lançar nos seus braços viris?

— Se quisesse me fazer feliz, seria a melhor maneira — disse ele com humildade.

— E a *minha* felicidade?

A resposta pareceu intrigá-lo. — Mas, Nancy... é disso que estamos tratando.

— E se a minha ideia de felicidade não coincidir com a sua?

— Na sua opinião, qual é a minha ideia de felicidade?

— Eu não vou me lançar nos seus braços, não vou tomar aquele veneno e não vou me mexer daqui senão à força — disse Nancy. — De modo que a sua ideia de felicidade vai ser de oito pessoas me segurando em cima daquela mesa, enquanto você, corajosamente encosta uma pistola engatilhada na minha cabeça e faz o que quer. É assim que vai ser; então chame logo os seus amigos e vamos acabar com isto de uma vez.

Foi o que ele fez.

Billy não a machucou. Deflorou-a com uma perícia clínica que ela achou horripilante. Depois de terminado, ele não se mostrou convencido nem orgulhoso. Ao contrário, estava tremendamente deprimido e disse a Nancy: — Creia-me, se houvesse outro jeito...

A resposta dela era um rosto de pedra e silenciosas lágrimas de humilhação.

Os ajudantes baixaram um catre dobrável preso à parede. Era pouco mais largo que uma estante de livros e pendia de correntes. Nancy deixou que a deitassem ali e novamente se viu só com Billy. Por grande que fosse, como um contrabaixo naquela tábua estreita, sentia-se como a mais infeliz das criaturinhas. Fora envolvida num áspero cobertor de exército. Foi ideia dela própria levantar um canto desse cobertor para esconder o seu rosto.

Pelos ruídos, Nancy percebeu o que Billy estava fazendo, o que não era muita coisa. Sentado à mesa, ocasionalmente suspirava, outras vezes fungava, enquanto virava as páginas de um livro. Acendeu um charuto, cujo fedor atravessou o cobertor. Billy deu uma tragada, e tossiu e tossiu e tossiu.

Quando a tosse cessou, Nancy, cheia de repugnância, falou através do cobertor: — Você é tão forte, tão imperioso, tão sadio. Deve ser formidável ser tão másculo.

Billy limitou-se a suspirar.

— Não sou uma cabeça-oca muito típica — disse ela. — Detestei tudo, tudo que você fez.

Billy fungou e virou a página.

— Suponho que todas as mulheres adoraram a coisa e ficaram pedindo mais e mais.

— Não.

Ela descobriu o rosto. — Que quer dizer, não?

— Todas se comportaram como você.

Isto bastou para fazer Nancy se sentar e encará-lo: — As mulheres que lhe ajudaram hoje...

— Que têm elas?

— Você fez com elas o que fez comigo?

Ele não levantou o olhar do livro. — Isso mesmo.

— Então, por que não o mataram em vez de lhe ajudar?

— Porque elas compreendem. — E acrescentou suavemente: — Elas me são *gratas*.

Nancy saiu da cama, aproximou-se da mesa, agarrou a borda, inclinou-se para a frente e disse tensamente: — Eu não lhe sou grata.

— Um dia desses será.

— E o que poderia vir a causar esse milagre?

— O tempo — disse Billy.

Fechou o livro e se levantou. O seu magnetismo deixou Nancy confusa. Sem que ela soubesse como, Billy reassumiu o comando.

— O que você passou agora, Nancy — continuou ele —, é uma típica noite de núpcias para uma jovem puritana de cem anos atrás, quando todo mundo era cabeça-oca. O noivo não precisava de ajudantes porque a noiva, geralmente, não estava com ganas de matá-lo. À parte isto, o espírito da ocasião era quase idêntico. Este é o pijama que o meu trisavô usou na sua noite de núpcias em Niagara Falls. Segundo o diário dele, a noiva chorou a noite toda e vomitou duas vezes. Mas, com o passar dos anos, tornou-se uma entusiasta do sexo.

Foi a vez de Nancy responder com o silêncio. Compreendera o relato e ficou aterrorizada por compreender que, de um início tão repelente, o entusiasmo sexual podia crescer e continuar crescendo.

— Você é uma cabeça-oca bem típica — disse Billy. — Se tiver a coragem de pensar nisso agora, você se dará conta de que está zangada porque sou ruim na cama e, além disso, um nanico ridículo. E de agora em diante, não poderá deixar de pensar num homem realmente apropriado para uma Juno como você. E vai achá-lo — alto, forte e meigo. O movimento dos cabeças-ocas está crescendo vertiginosamente.

— Mas... — disse Nancy e parou. Por uma vigia olhava para o sol nascente.

— Mas, o quê?

— O mundo está na confusão em que está por causa dos cabeças-ocas dos velhos tempos. Você não entende? — Sua voz era uma súplica hesitante. — O mundo não pode mais se dar o luxo do sexo.

— Claro que pode — respondeu Billy. — O que não pode se permitir é a reprodução.

— Então, por que as leis?

— São leis ruins — disse Billy. — Se você percorrer a história, verá que as pessoas mais ansiosas para governar, para fazer as leis, para impor o cumprimento das leis e para dizer a todo mundo como o bom Deus quer que as coisas sejam aqui na terra — essas perdoaram tudo a si próprias e a seus amigos. Mas sempre se mostraram repugnadas e apavoradas com a sensualidade natural dos homens e das mulheres comuns.

— Não sei por que é assim. Esta aqui é uma das muitas perguntas que alguém devia fazer às máquinas. Mas uma coisa eu sei: o triunfo desta espécie de repugnância e pavor é hoje completo. Quase todo homem ou mulher parece um lixo. A única beleza sexual que um ser humano comum pode ver hoje em dia está na mulher que vai matá-lo. Sexo é morte. Eis aí uma equação curta e sórdida: Sexo é Morte. Q.e.d.

— E assim, Nancy — prosseguiu Billy —, eu passei esta noite e muitas outras noites iguais procurando restaurar um pouco de prazer inocente a este mundo, que é mais carente de prazeres do que devia ser.

Nancy sentou-se silenciosamente e baixou a cabeça.

— Vou lhe contar o que meu avô fez na madrugada da sua noite de núpcias.

— Não sei se quero ouvir.

— Não é violento. É... é carinhoso.

— Talvez seja por isso que não quero ouvir.

— Ele leu um poema para sua noiva. — Billy pegou o livro da mesa e o abriu. — Seu diário diz qual foi o poema. Embora não sejamos marido e mulher e talvez passemos muitos anos sem nos encontrar, gostaria de lhe ler este poema, para que saiba que amei você.

— Por favor, não. Acho que não aguentaria.

— Está bem. Vou deixar o livro aqui, com o lugar marcado, caso queira ler mais tarde. É o poema que começa assim:

Como te amo? Deixa que as maneiras contarei.
Amo-te à profundidade, à largura e à altura
Que minh'alma pode atingir quando se sublima
No pensamento do teu ser e graça ideal.

Billy botou um pequeno frasco em cima do livro. — Também estou lhe deixando estas pílulas. Se tomar uma por mês você nunca ficará grávida. E continuará sendo uma cabeça-oca.

Ele saiu e todos os outros saíram, exceto Nancy.

Quando ela, por fim, levantou o olhar para o livro e o frasco, viu um rótulo no vidro. E o rótulo dizia: — Bem-vindo à casa dos macacos.

(1968)

UM LONGO PASSEIO À ETERNIDADE

Tinham crescido juntos, vizinhos nos arredores da cidade, perto de campos, bosques e pomares, na proximidade de um lindo campanário que pertencia a uma escola para cegos.

Agora tinham quase vinte anos e não se viam há cerca de um ano. Houve sempre entre eles um sentimento caloroso, jovial e confortável, mas jamais haviam falado de amor.

O nome dele era Newt. Ela se chamava Catharine. No princípio da tarde, Newt bateu na porta da frente da casa de Catharine.

Ela veio abrir. Tinha na mão uma grossa revista ilustrada que estivera lendo. A revista era dedicada inteiramente às noivas. — Newt! — exclamou Catharine, surpreendida de vê-lo.

— Quer dar um passeio comigo? — perguntou ele. Era um tímido, até mesmo com Catharine. Disfarçava a timidez falando com ar distraído, como se o que realmente o interessava estivesse lá longe — como se fosse um agente secreto fazendo uma breve parada durante uma missão, entre locais belos, distantes e sinistros. Esse jeito de falar sempre fora o estilo de Newt, mesmo em assuntos que o afetavam desesperadamente.

— Um passeio? — perguntou Catharine.

— Um pé diante do outro — explicou ele — através de folhas, sobre pontes...

— Eu não tinha ideia de que você estava na cidade — disse ela.

— Cheguei neste momento.

— Sempre no exército, como vejo.

— Ainda faltam sete meses — disse Newt. Era soldado raso na Artilharia. Seu uniforme estava amarrotado e seus sapatos cobertos de poeira. A barba estava por fazer. Estendeu a mão para a revista e disse: — Deixe ver o livrinho colorido.

Ela o entregou. — Vou me casar, Newt.

— Eu sei. Vamos dar um passeio.

— Estou muito ocupada, Newt. O casamento é daqui a uma semana.

— Se formos passear — disse ele — você vai ficar rosada. Você vai ser uma noiva rosada. — Passou a folhear a revista. — Uma noiva rosada como esta... esta... esta — disse ele, mostrando-lhe noivas.

Catharine ficou rosada pensando em noivas rosadas.

— Este será o meu presente para Henry Stewart Chasens — disse ele. — Levando você para passear, estarei dando a ele uma noiva rosada.

— Sabe o nome dele?

— Mamãe me escreveu de Pittsburgh.

— Sim — disse ela. — Você gostará dele.

— Talvez.

— Você... você poderá vir ao casamento?

— Duvido muito.

— Sua licença não dá?

— Licença? — perguntou Newt estudando um anúncio de página dupla para talheres. — Não estou de licença.

— Não?

— Estou de ausência não justificada.

— Newt, não é verdade!

— É, sim — disse ele, sem levantar os olhos da revista.

— Por que Newt?

— Eu precisava saber qual é o modelo do seu faqueiro. — Passou a ler os nomes dos desenhos da revista. — Albemarle? Heather? Legend? Rambler Rose? — Olhou para ela e sorriu. — Vou dar uma colher para você e seu marido.

— Newt, conte-me tudo.

— Eu quero dar um passeio — disse ele.

Ela torceu as mãos em aflição fraternal. — Newt, você está brincando a respeito da licença.

Baixinho, Newt imitou uma sereia de polícia e ergueu as sobrancelhas.

— De onde? — perguntou ela.

— Do Forte Bragg.

— Carolina do Norte?

— Isso mesmo. Perto de Fayetteville — onde Scarlett O'Hara foi à escola.

— Como é que você chegou até aqui?

Ele levantou o polegar e moveu-o num gesto de quem pede carona. — Dois dias.

— Sua mãe sabe?

— Não vim ver minha mãe.

— Quem é que você veio ver?

— Você.

— Por que eu?

— Porque te amo — disse ele. — E agora, será que podemos dar um passeio? Um pé diante do outro, através de folhas, sobre pontes...

Estavam passeando num bosque assoalhado de folhas castanhas.

Catharine estava zangada e confusa, prestes a chorar. — Newt — disse ela —, isto é loucura total.

— Como assim?

— Que momento maluco para dizer que me ama. Você nunca falou assim antes. — Ela parou.

— Vamos continuar andando — disse ele.

— Não. Até aqui e nem mais um passo. Eu nem devia ter vindo com você.

— Mas veio.

— Para tirar você lá de casa. Se alguém tivesse chegado e ouvido você falar assim comigo, a uma semana do casamento...

— Que é que pensaria?

— Pensaria que você enlouqueceu.

— Por quê?

Catharine respirou fundo e iniciou um discurso: — Deixe-me dizer que estou profundamente honrada com essa loucura que você cometeu. Não posso acreditar realmente que você se ausentou sem licença, mas talvez seja verdade. Não posso acreditar que você realmente me ama, mas talvez seja verdade. Mas...

— É verdade, sim — disse Newt.

— Bem, eu me sinto muito honrada e gosto muito de você como amigo, muito mesmo, mas simplesmente é tarde demais. — Ela se afastou um passo. — Você nem mesmo chegou a me beijar — disse ela, e se protegeu com as mãos. — Não quero dizer para você me beijar agora. Quero dizer que tudo isto é tão inesperado. Não tenho a menor ideia de como reagir.

— Ande mais um pouquinho. Divirta-se.

Voltaram a passear.

— Como é que você esperava que eu reagisse? — perguntou ela.

— Como é que eu ia saber o que esperar? — respondeu ele. — Nunca fiz isso antes em toda a minha vida.

— Pensou que eu fosse me lançar nos seus braços?

— Talvez.

— Lamento desapontá-lo.

— Não estou desapontado. Não estava contando com nada. Só ficar passeando assim já é muito gostoso.

Catharine parou de novo. — Sabe o que acontece agora?

— Não sei.

— Trocamos um aperto de mão. Trocamos um aperto de mão e nos separamos como amigos. É isso o que acontece agora.

Newt balançou a cabeça. — Muito bem — disse ele. — Lembre-se de mim, de vez em quando. Lembre-se de como amei você.

Involuntariamente, Catharine prorrompeu em lágrimas. Voltou as costas para Newt e fitou a infinita colunata de árvores.

— Que e isto? — perguntou ele.

— Raiva! — exclamou Catharine. Crispou as mãos. — Você não tem o direito...

— Eu tinha de saber — disse Newt.

— Se eu estivesse apaixonada por você, teria lhe dito há muito.

— É?

— É — disse ela, encarando-o com o rosto corado. — Você teria sabido.

— Como?

— Você teria visto. As mulheres não sabem disfarçar estas coisas.

Newt olhou atentamente para Catharine. Consternada, ela se deu conta de que o que dissera era verdade: uma mulher não pode disfarçar o seu amor.

Newt estava vendo o amor dela agora.

E fez o que tinha de fazer. Beijou Catharine.

— Não é fácil lidar com você — disse ela quando Newt a soltou.

— Não é?

— Você não devia ter feito isso.

— Você não gostou?

— Que é que você esperava — paixão desenfreada?

— É como lhe digo, nunca sei o que vai acontecer.

— O que vai acontecer é que vamos dizer adeus.

Newt franziu as sobrancelhas e disse: — Está bem.

Ela iniciou um novo discurso. — Não estou arrependida de nos termos beijado. Achei muito simpático. Devíamos ter nos beijado antes — éramos tão chegados. Sempre me lembrarei de você, Newt. Boa sorte.

— Para você também.

— Obrigada, Newt.

— Trinta dias.

— Como é?

— Trinta dias de prisão, é o que me vai custar esse beijo.

— Sinto muito — disse ela —, mas não lhe pedi para se ausentar sem licença.

— Eu sei.

— E você certamente não merece um prêmio de heroísmo pela tolice que fez.

— Ser herói deve ser bom — disse Newt. — Henry Stewart Chasens é um herói?

— Pode vir a ser, se lhe derem oportunidade — disse Catharine. Apreensiva, notou que tinham começado a andar. O adeus fora esquecido.

— Você o ama realmente? — perguntou Newt.

— Naturalmente que sim! — retrucou ela furiosamente. — Se não o amasse não estaria casando com ele!

— Que é que ele tem de bom?

— Francamente! — exclamou ela, parando de novo. — Sabe que está sendo muito ofensivo? Henry tem muitas e muitas e muitas coisas boas. Sim, e provavelmente tem muitas e muitas e muitas coisas ruins também. Mas isso não é da sua conta. Amo Henry e não sou obrigada a discutir os méritos dele com você!

— Desculpe — disse Newt.

— Francamente! — disse Catharine.

Newt beijou-a de novo. Beijou-a de novo porque era isto que ela queria.

Estavam agora num grande pomar.

— Como é que a gente se afastou tanto de casa, Newt? — perguntou Catharine.

— Um pé diante do outro, através de folhas e sobre pontes...

— É, assim se vai longe.

Os sinos soaram no campanário da escola para cegos.

— Escolas para cegos — disse Newt.

— Escola para cegos — disse Catharine. Balançou a cabeça com espanto sonolento. — Preciso voltar agora.

— Diga adeus.

— Cada vez que digo adeus acabo sendo beijada.

Newt sentou-se na grama aparada debaixo de uma macieira. — Sente-se — disse ele.

— Não.

— Não vou tocar em você.

— Não acredito.

Ela sentou-se debaixo de outra árvore, a alguns metros de distância, e fechou os olhos.

— Sonhe com Henry Stewart Chasens — disse ele.

— O quê?

— Sonhe com o seu maravilhoso futuro marido.

— Muito bem — disse ela, apertando mais os olhos, e viu vagas imagens do futuro marido.

Newt bocejou.

As abelhas zumbiam nas árvores e Catharine quase adormeceu. Quando abriu os olhos, viu que Newt estava cochilando realmente.

Começou a ressonar suavemente.

Catharine deixou-o dormir durante uma hora, e enquanto isto ela o adorava de todo o coração.

As sombras das macieiras alongaram-se para o leste. Os sinos do campanário da escola para cegos voltaram a tocar.

"*Bem-te-vi*", cantou um bem-te-vi.

Em algum lugar lá longe, o arranque de um carro roncou e falhou, roncou e falhou, e ficou quieto.

Catharine saiu de baixo de sua árvore e ajoelhou-se ao lado de Newt.

— Newt — disse ela.

— Hum? — respondeu ele abrindo os olhos.

— Está ficando tarde.

— Olá, Catharine — disse ele.

— Olá, Newt — disse ela.

— Eu te amo.

— Eu sei.

— Tarde demais.

— Tarde demais.

Ele se levantou, espreguiçou-se com um gemido e disse: — Um passeio muito agradável.

— Também achei.

— Vamos nos separar aqui? — perguntou ele.

— Aonde vai daqui?

— Pegar uma carona até a cidade e me entregar.

— Boa sorte — disse ela.

— Para você também. Quer casar comigo?

— Não.

Ele sorriu, encarou-a fixamente por um instante e depois se afastou a passos rápidos.

Catharine viu-o diminuindo de tamanho na longa perspectiva de sombras e árvores. Sabia que se ele parasse e se voltasse e a chamasse, ela viria correndo.

E Newt parou. E se voltou. E chamou. — Catharine! — chamou ele.

Ela veio correndo, lançou os braços em torno dele e não conseguiu falar.

(1960)

A CARTEIRA DO SR. FOSTER

Sou um vendedor de bons conselhos para gente rica. Sou contato de uma firma de consultoria de investimentos. Dá para viver, mas sem grande luxo — pelo menos não agora, quando estou apenas começando. Para me habilitar ao emprego, tive de comprar um gelô preto, um terno cinzento de jaquetão, tipo banqueiro, sapatos pretos, uma gravata com listras regimentais, meia dúzia de camisas brancas, meia dúzia de pares de meias pretas e luvas cinzentas.

Quando visito um cliente, vou de táxi, sou elegante, limpo e franco. Porto-me como se tivesse feito uma pequena fortuna na bolsa, e como se estivesse ali mais para prestar um serviço público do que outra coisa. Quando chego, com cautelas estalantes e análises confidenciais de títulos em envelopes pardos, a reação — geralmente e idealmente — é a mesma dispensada a um sacerdote ou a um médico. Eu tomei conta e tudo vai acabar bem.

Lido, principalmente, com senhoras de idade — seres humildes que, à custa de saúdes de ferro, herdaram consideráveis pedaços do mundo. Passo os olhos pelas relações de títulos dos clientes e transmito as sugestões dos nossos peritos para fazer medrar e crescer as suas carteiras — ou minas de ouro ou dinheirama. Posso falar de dezenas de milhares de dólares sem um engasgo e examinar uma relação de ações no valor de mais de cem mil sem dizer mais do que um judicioso “Mmmmm... hum”.

Como eu mesmo não possuo carteira, meu emprego é como o de um entregador faminto de uma confeitaria. Mas nunca realmente tive essa sensação até o dia em que Herbert Foster me pediu para dar uma olhada nas suas finanças.

Ele telefonou uma tarde, dizendo que eu lhe fora recomendado por um amigo e se me importava de visitá-lo para falar de negócios. Tomei banho, fiz a barba, limpei os sapatos, vesti meu uniforme e cheguei solenemente de táxi.

As pessoas no meu ramo — e talvez as pessoas em geral — têm o desagradável hábito de avaliar a casa, o automóvel e a roupa de um homem e de estimar a sua renda anual. Herbert Foster valia seis mil por ano ou sou mico de circo. Vejam bem, não tenho nada contra gente de condição modesta, a não ser o fato crucial de que não posso ganhar dinheiro à sua custa. Fiquei um pouco irritado por Foster tomar o meu tempo quando o máximo que ele tinha para jogar, segundo os meus cálculos, não era mais do que algumas centenas de dólares. Digamos que fossem mil: a minha parte, no melhor dos casos, seria de um ou dois dólares.

Seja como for, lá estava eu diante da modesta casa de Foster. Era do tipo colonial de após-guerra, com sótão ampliável. Evidentemente, tinham aceito a oferta, feita por uma mobiliária local, de móveis para três quartos, inclusive cinzeiros, uma tabaqueira e quadros para as paredes, tudo por 199 dólares e 99 centavos. Bem, como eu já estava ali mesmo, era melhor ver logo de uma vez o patético problemazinho do homem.

— Bonita casa a sua, Sr. Foster — disse eu. — E está e a sua encantadora esposa?

Uma mulher magricela, de ar rabugento, sorriu para mim com jeito idiota. Usava um chambre desbotado, com um estampado de uma cena de caça à raposa. O estampado estava em choque com a coberta da cadeira e tive de forçar a vista para distinguir os seus traços do conflito em torno dela. — Muito prazer, Sra. Foster — disse eu. Ela estava cercada de roupas de baixo e meias para remendar, e Herbert disse que o seu nome era Alma, o que me pareceu perfeitamente possível.

— E este é o jovem herdeiro — continuei. — Garoto vivo. A cara do pai. — O menino de dois anos limpou as mãos imundas na minha calça, fungou e partiu para o piano. Postou-se diante da extremidade direita do teclado e martelou a nota mais aguda durante um minuto, depois dois e depois três.

— Musical feito o pai — disse Alma.

— Ah, o senhor toca, Sr. Foster?

— Só os clássicos — disse Herbert. Dei a primeira olhada mais demorada para ele. Era de compleição franzina, com o rosto redondo e sardento e os dentes grandes, características que costumo associar aos faroleiros ou aos espertinhos. Era difícil acreditar que se tivesse conformado com uma mulher tão sem graça ou que pudesse gostar da vida de família tanto quanto parecia. Talvez eu apenas tivesse imaginado o ar de desespero silencioso do seu olhar.

— Não é hora de você ir à reunião, querida? — perguntou Herbert.

— Foi cancelada à última hora.

— Bem, a respeito da sua carteira... — comecei a dizer.

Herbert pareceu confuso. — Como é?

— Sua carteira... seus títulos.

— Ah, sim. Acho melhor falarmos no quarto. É mais sossegado.

Alma baixou a sua costura. — Que títulos?

— As obrigações, querida. As obrigações do governo.

— Olhe aqui, Herbert, você não vai vendê-las, vai?

— Não, Alma, só vamos conversar.

— Compreendo — disse eu tentativamente. — Ah... mais ou menos quanto em obrigações do governo?

— Trezentos e cinquenta dólares — respondeu Alma orgulhosamente.

— Bem — disse eu —, não vejo necessidade de irmos ao quarto para conversar. Meu conselho — e não cobro nada por ele — é não largar o pé de meia antes da data do resgate. E agora, se me der licença para chamar um táxi...

— Por favor — disse Herbert, junto à porta do quarto — há algumas outras coisas que gostaria de discutir.

— Que coisas? — perguntou Alma.

— Bem, planos de investimentos a longo prazo — explicou ele vagamente.

— Por que não planos a curto prazo para pagar a próxima conta do armazém?

— Por favor — repetiu Herbert.

Dei de ombros e segui-o para o quarto. Fechou a porta atrás de si. Sentei-me na beira da cama e vi-o abrir uma pequena porta na parede que revelou o encanamento do banheiro. Enfiou a mão para cima, grunhiu e puxou um envelope para fora.

— Ah — disse eu apaticamente —, é aí que estão as obrigações, hem? Muito esperto. Não era preciso se dar o trabalho, Sr. Foster. Eu sei como são as obrigações do governo.

— Alma — chamou ele.

— Sim, Herbert.

— Quer fazer um café para nós?

— Eu não tomo café de noite — disse eu.

— Sobrou café do jantar — respondeu Alma.

Insisti: — Não durmo de jeito nenhum se tomo café depois do jantar.

— Fresco... queremos café fresco — disse Herbert.

As molas da cadeira rangeram e os relutantes passos de Alma desapareceram na direção da cozinha.

— Tome — disse Herbert, colocando o envelope no meu colo. — Não entendo nada desse negócio e acho que preciso de conselho profissional.

Está bem, eu faria ao pobre sujeito um discurso profissional sobre os seus trezentos e cinquenta dólares em obrigações do governo. — São o investimento mais conservador que o senhor pode fazer. Não têm as características de crescimento de outros títulos e o lucro não é muito grande, mas são muitíssimo seguras. Fique sentado em cima delas. — Levantei-me. — E agora, se me der licença para chamar um táxi...

— O senhor nem olhou para os papéis.

Suspirando, desamarrei o cordão vermelho que fechava o envelope. Não havia outro jeito senão admirar aquelas coisas. As obrigações e uma relação de títulos escorregaram para o meu colo. Folheei as obrigações rapidamente e li a relação de títulos devagar.

— Bem?

Coloquei a relação sobre a colcha desbotada. — Mmmmm, hum — disse eu. — O senhor se importa de me dizer de onde vieram as ações relacionadas?

— Vovô deixou-as para mim há dois anos. Estão com os advogados que administram a herança. Eles me mandaram a lista.

— Sabe quanto valem as ações?

— Foram avaliadas quando as herdei. — Ele mencionou a importância e, para minha estupefação, mostrou-se acanhado e até um tanto infeliz.

— Subiram um pouco desde então.

— Quanto?

— No mercado de hoje devem estar valendo uns setecentos e cinquenta mil dólares, Sr. Foster.

Sua expressão não se alterou. A notícia o comoveu tanto como se eu lhe houvesse dito que tivemos um inverno frio. Ergueu as sobrancelhas quando os passos de Alma voltaram à sala. — Psss!

— Ela não sabe?

— Claro que não! — Pareceu surpreendido com a sua própria veemência. — Quero dizer, o momento não é oportuno.

— Se quiser me dar a relação, vou pedir ao nosso escritório de Nova Iorque que lhe prepare uma análise completa com recomendações — sussurrei. — Posso chamá-lo de Herbert, senhor?

Meu cliente, Herbert Foster, não comprava um terno há três anos e nunca possuíra mais de um par de sapatos de cada vez. Preocupava-se com as prestações do seu carro de segunda mão e comia atum e queijo em vez de carne, porque a carne era cara demais. Sua mulher costurava as próprias roupas e as de Herbert Júnior, bem como as cortinas e as cobertas — tudo cortado do mesmo rolo de tecido comprado em liquidação. Os Fosters sofriam o diabo procurando decidir entre comprar pneus novos ou mandar recauchutar os velhos, e televisão só duas portas adiante, na casa de um vizinho. Com determinação mantinham-se dentro do modesto salário que Herbert ganhava como guarda-livros de um atacadista de gêneros.

Deus sabe que não é vergonha viver assim, que é melhor do que eu vivo, mas era desnorteante de ver, sabendo-se que Herbert tinha uma renda, descontados os impostos, de aproximadamente vinte mil por ano.

Pedi aos nossos analistas de títulos para estudar a posição de Foster e apresentar um relatório sobre as possibilidades de crescimento dos papéis, os efeitos de guerra e paz, de inflação e deflação, e assim por diante. O relatório chegou a vinte páginas, recorde para os meus clientes. Geralmente, os relatórios são capeados em cartolina. O de Herbert fora encadernado em *courvin* vermelho.

O documento chegou à minha casa numa tarde de sábado e telefonei para Herbert perguntando se podia levá-los. Disse-lhe que tinha excelentes notícias para ele. Minha estimativa feita no olhômetro estava bem errada e a sua carteira, naquela data, valia perto de oitocentos e cinquenta mil.

— Tenho a análise e as recomendações — disse eu —, e as perspectivas são boas, Sr. Foster — *muito* boas. O senhor precisa de um pouco de diversificação aqui e acolá, e talvez mais ênfase no crescimento, mas...

— Faça o que achar necessário — respondeu ele.

— Quando é que poderíamos conversar a respeito. É indispensável nós nos encontrarmos. Hoje à noite seria ótimo para mim.

— Eu trabalho hoje.

— Serão na firma?

— É outro emprego... num restaurante. Nas noites de sexta, sábado e domingo.

Fiz uma careta. O homem tinha uma renda diária de talvez setenta e cinco dólares dos seus títulos e trabalhava três noites por semana para sobreviver! — Segunda-feira?

— Toco órgão no ensaio do coro da igreja.

— Terça?

— Exercício no Corpo de Bombeiros Voluntários.

— Quarta?

— Toco piano acompanhando danças folclóricas na igreja.

— Quinta?

— Noite de cinema para mim e Alma.

— Quando, então?

— Faça o que achar necessário.

— Você não quer tomar conhecimento do que estou fazendo?

— É preciso?

— Eu me sentiria mais à vontade.

— Está bem. Almoço, meio-dia, terça.

— Ótimo. Talvez seja melhor você dar uma olhada no relatório antes disso, para poder preparar suas perguntas.

Ele pareceu aborrecido: — Está bem, está bem, está bem. Estou em casa até as nove. Deixe o relatório aqui antes disso.

— Mais uma coisa, Herbert. — Deixei a bomba para o fim. — Eu estava bem errado a respeito do valor das ações. Devem andar hoje lá pelos oitocentos e cinquenta mil dólares.

— Hum.

— Eu disse que você tem cem mil dólares a mais do que pensava.

— Hum. Bem, faça lá o que for preciso.

— Sim, senhor. — O telefone emudeceu.

Outros negócios me atrasaram e só cheguei à casa dos Fosters a um quarto para as dez. Herbert saíra. Alma abriu a porta e, para minha surpresa, pediu-me o relatório que eu trazia escondido debaixo do paletó.

— Herbert me disse que eu estava proibida de ver o relatório, de modo que não precisa se preocupar, pois não vou espiar.

— Herbert lhe falou a respeito? — perguntei lentamente.

— Sim. Disse que era um relatório confidencial sobre ações que o senhor queria lhe vender.

— Sim, eh... bem, se ele disse para deixar com a senhora, então tome.

— Ele me disse que teve de prometer ao senhor que não deixaria *ninguém* ver.

— Mmmmm? Ah, sim. Sinto muito, são normas da firma.

Ela estava um tanto hostil. — Eu lhe digo mais uma coisa, sem ver qualquer relatório: ele não vai vender aquelas obrigações para comprar outros títulos.

— Eu seria a última pessoa a recomendar isso, Sra. Foster.

— Então, por que é que o senhor fica atrás dele?

— Pode vir a ser um bom freguês mais tarde. — Olhei para as minhas mãos e vi que elas tinham ficado sujas de tinta durante a minha visita anterior. — Será que posso lavar as mãos?

Ela me deixou entrar com relutância, mantendo-se tão afastada de mim quanto o permitiam as modestas dimensões do apartamento.

Enquanto me lavava, pensei na relação de títulos que Herbert tirara do esconderijo na parede. Aquelas ações representavam invernos na Flórida, filé *mignon* e uísque de doze anos, Jaguares, roupa de baixo de seda e sapatos sob medida, uma viagem em volta do mundo... Herbert podia ter o que bem entendesse. Suspirei profundamente. O sabão estava manchado e encardido — uma dúzia de pedacinhos umedecidos e colados para formarem uma barra nova.

Agradeci a Alma e me encaminhei para a porta. À saída parei diante da lareira para examinar uma pequena fotografia pintada. — Bom retrato seu — falei. Um débil esforço de relações públicas. — Gostei.

— Todo mundo diz a mesma coisa. Não sou eu; é a mãe de Herbert.

— Semelhança extraordinária. — E era mesmo. Herbert casara com uma moça igualzinha à que casara com papai. — E este retrato é do pai dele?

— É do *meu* pai. Retrato do pai dele não entra aqui em casa.

Parecia um assunto delicado que podia resultarem alguma informação. — Herbert é uma pessoa tão formidável que o pai dele deve ter sido formidável também, não é?

— Tão formidável que abandonou a mulher e o filho. O senhor fará bem em não mencionar o nome dele a Herbert.

— Desculpe. Então, tudo que Herbert tem de bom veio da mãe dele?

— Era uma santa. Ensinou Herbert a ser decente, respeitável e religioso. — Alma falou com severidade.

— Ela era musical também?

— Herbert herdou isso do pai. Mas o que ele faz com o seu dom é totalmente diferente. Seu gosto musical é o de sua mãe — os clássicos.

— O pai era homem de jazz? — insinuei.

— Ele gostava mais de tocar piano em espeluncas, respirando fumaça e bebendo gim do que de sua mulher e filho, de sua casa e emprego. Finalmente a mãe de Herbert lhe disse que tinha de escolher entre uma vida e outra.

Concordei compreensivamente. Talvez Herbert considerasse a sua fortuna como poluída, intocável, por ter vindo da família do pai. — E este avô de Herbert, que morreu há dois anos?

— Ele sustentou Herbert e a mãe depois que seu filho os abandonou. Herbert o adorava. — Balançou a cabeça com tristeza. — Morreu na miséria.

— Que lástima.

— Eu esperava que ele nos deixasse alguma coisa, para que Herbert não tenha de trabalhar nos fins de semana.

Estávamos procurando elevar as nossas vozes acima do estrépito, do fragor e do tinido do restaurante onde Herbert comia todos os dias. O almoço era por minha conta — ou por conta da companhia — e eu pagara a nota de oitenta e sete centavos. — Bem, Herbert — disse eu —, antes de prosseguirmos é melhor decidir o que é que você quer dos seus investimentos: crescimento ou renda. — Era um dos chavões do negócio de consultoria. Só Deus sabia o que *Herbert* queria dos seus títulos. Não parecia ser o que todo o mundo desejava: dinheiro.

— O que você achar melhor — disse Herbert distraidamente. Algo o estava perturbando e prestava pouca atenção no que eu dizia.

— Olhe aqui, Herbert — você precisa resolver esse negócio. Você é um homem rico. Precisa concentrar-se em fazer seus papéis renderem o máximo possível.

— É para isso que chamei você. Quero que *você* se concentre. Quero que você tome conta de tudo para mim, para eu não ter de me aborrecer com depósitos e procurações e impostos. Não quero saber de nada disso.

— Seus advogados estão depositando os dividendos, não é?

— A maior parte. Tirei trinta e dois dólares para o Natal e dei cem à igreja.

— Então, qual é o seu saldo?

Ele me passou a caderneta de depósitos.

— Nada mau — disse eu. Apesar da extravagância natalina e da generosidade para com a igreja, ele conseguira economizar US$ 50,227.33. — Posso saber o que leva um homem com um saldo destes a ficar melancólico?

— Levei mais uma esculhambação no trabalho.

— Compre a firma e toque fogo — sugeri.

— Eu podia mesmo, não é? — Seus olhos se iluminaram e depois tornaram a se apagar.

— Herbert, você pode fazer o que lhe der na veneta.

— Talvez seja verdade. Depende do ponto de vista.

Eu me inclinei para a frente. — Qual é o *seu* ponto de vista, Herbert?

— Eu acho que todo homem que quer preservar o seu amor-próprio deve ganhar o que gasta para viver.

— Mas Herbert...

— Tenho uma mulher maravilhosa e um filho maravilhoso. E ganhei cada níquel que gastei. Estou cumprindo as minhas responsabilidades religiosamente. Orgulho-me de dizer que sou tudo que minha mãe sempre desejou que eu fosse e nada do que meu pai era.

— Pode me dizer o que era seu pai?

— Não gosto de falar a seu respeito. O lar e a família nada significavam para ele. Seu verdadeiro amor era a música barata e os cabarés e tudo que ali havia de repelente.

— Acha que ele era um bom músico?

— Bom? — Por um momento havia excitação na sua voz, como se fosse apresentar um argumento importante, mas voltou a ficar calmo. — Bom? — repetiu ele, dessa vez sem qualquer expressão na voz. — Sim, de uma forma primitiva acho que era passável... isto é, tecnicamente.

— E isto, pelo menos, você herdou dele.

— Os pulsos e as mãos, talvez. Deus me ajude se herdei mais alguma coisa.

— Você também tem o amor dele pela música.

— Amo a música, mas nunca deixarei que se transforme como que numa droga para mim — disse ele com mais ênfase do que parecia necessário.

— Hum. Bem...

— Nunca!

— Perdão?

Seus olhos estavam arregalados. — Eu disse que nunca deixaria que a música se transformasse como que numa droga para mim. Ela é importante para mim, mas sou eu que mando nela e não ao contrário.

Aparentemente, tratava-se de um assunto traiçoeiro, de modo que retornei à questão das finanças: — Sim, bem, voltando à sua carteira, como é que pretende utilizá-la?

— Usar parte para a minha velhice e a de Alma e deixar o grosso para o menino.

— O mínimo que você pode fazer é tirar o suficiente da caixinha para não ter de trabalhar nos fins de semana.

Ele se levantou de repente. — Olhe aqui, eu quero que você cuide de minhas ações, não de minha vida. Se não pode fazer uma coisa sem a outra, acharei alguém que possa.

— Por favor, Herbert, Sr. Foster. Sinto muito, senhor. Eu estava apenas procurando estabelecer um quadro geral para poder fazer o planejamento.

Herbert sentou-se, o rosto inflamado. — Muito bem, então respeite as minhas convicções. Quero progredir por mim mesmo. Se eu preciso de um segundo emprego para poder viver, isto é comigo.

— Sim, sim, claro. E tem toda razão, Herbert. Respeito você por isso. — Eu achava que ele devia ser internado por isso. — De agora em diante, deixe tudo por minha conta. Vou investir aqueles dividendos e cuidar do negócio todo. — Matutando sobre Herbert, lancei um rápido olhar para uma loura que passava. Ele falou algo que não entendi. — Que foi, Herbert?

— Eu disse: Se teu olho direito te aborrece, arranca-o e lança-o fora.

Ri com aprovação, mas parei imediatamente. A seriedade de Herbert era total. — Bem, dentro em pouco você terá pago a última prestação do carro e poderá gozar um bem-merecido repouso nos fins de semana. E terá realmente motivo para se orgulhar, não é? Ganhou o carro todo com o suor do seu rosto, até a ponta do cano de descarga.

— Mais um pagamento só.

— E depois, adeusinho, restaurante.

— Ainda faltará pagar o presente de aniversário de Alma. Vou lhe dar um aparelho de televisão.

— Vai trabalhar para isso também?

— Pense só como será mais significativo como presente se eu trabalhar por ele.

— Isso mesmo, e também vai distraí-la nos fins de semana.

— Se eu tenho de trabalhar nos fins de semana durante mais vinte e oito meses, é o mínimo que posso fazer por ela.

Se o mercado de ações continuasse se comportando como vinha fazendo nos últimos três anos, Herbert seria um milionário na hora de pagar a última prestação do presente de aniversário de Alma. — Muito bem.

— Eu amo minha família — disse Herbert compenetrado.

— Claro que sim.

— E não trocaria a vida que levo por nada neste mundo.

— E compreendo muito bem por quê. — Tive a impressão de que estava discutindo comigo, de que era importante para ele que eu ficasse convencido.

— Quando penso no que meu pai era e vejo a vida que construí para mim, sinto a maior emoção de toda a minha experiência.

Uma emoçãozinha à toa facilmente poderia ser a maior da experiência de Herbert. — Tenho inveja de você. Deve ser uma sensação de realização.

— Realização — repetiu ele com determinação. — É isso mesmo, isso mesmo, isso mesmo.

Minha firma começou a administrar a carteira de Herbert convertendo os títulos de valorização lenta em ações mais lucrativas, investindo os dividendos acumulados, diversificando seus papéis para enfrentar qualquer eventual mudança de tendência e, de modo geral, botando sua fortuna em ordem. Uma boa carteira é, à sua maneira, uma coisa linda, à parte o seu valor em dinheiro. Elaborar uma carteira, quando se o faz direito, é um ato de criação, com grandes temas sólidos, como indústrias, estradas de ferro e serviços públicos, e temas mais leves e mais excitantes, como eletrônica, alimentos congelados, remédios miraculosos, petróleo e gás, aviação e outros itens menos especulativos. A carteira de Herbert era a nossa obra-prima. Eu me sentia emocionado e orgulhoso com o trabalho da firma, e não poder ostentá-lo, nem mesmo diante dele, era deprimente.

Era demais para mim e resolvi engendrar uma coincidência. Procuraria descobrir em que restaurante Herbert trabalhava e passaria por lá, como qualquer outro cidadão, para comer. E por acaso teria comigo um relatório sobre a sua carteira renovada.

Telefonei para Alma, que me deu o nome do lugar, que me era desconhecido. Herbert jamais quis falar do local e deduzi que devia ser bem ruinzinho — a cruz que carregava, como ele dizia.

Era pior do que eu esperava: violento, vulgar, escuro e ruidoso. Na verdade, Herbert escolhera o pior lugar possível para se penitenciar de um pai pecador, ou para demonstrar gratidão à sua mulher, ou para conservar o seu amor-próprio trabalhando para sustentar a família — ou o que quer que ele estivesse fazendo lá.

Abri caminho para o bar através de mulheres de ar entediado e homens típicos de hipódromo. Tive que gritar para me fazer ouvir pelo barman. Quando me escutou, berrou em resposta que nunca ouvira falar de nenhum Herbert Foster. Isto queria dizer que Herbert devia estar entre os empregados mais humildes do estabelecimento. Provavelmente fazia alguma coisa nojenta na cozinha ou no porão. Típico dele.

Na cozinha, uma velha bruxa preparava hambúrgueres duvidosos, bebericando cerveja de uma garrafa.

— Estou procurando Herbert Foster.

— Aqui não tem nenhum Herbert Foster.

— No porão?

— Aqui não tem nenhum porão.

— Já ouviu falar de Herbert Foster?

— Não ouvi falar de nenhum Herbert Foster.

— Obrigado.

Sentei num reservado para pensar. Aparentemente, Herbert escolhera o nome da lista telefônica dizendo a Alma que era lá que passava as noites dos fins de semana. De certa forma, isto fez com que me sentisse melhor, porque começava a parecer que Herbert tinha razões mais relevantes do que as que me dera para deixar mofar oitocentos e cinquenta mil dólares. Lembrei-me, que sempre quando eu sugeria a possibilidade de que abandonasse o seu emprego de fins de semana, ele reagia como alguém ouvindo o cientista experimentando a broca. Compreendi tudo agora: no momento em que dissesse a Alma que era rico, perderia o seu pretexto de deixá-la nos fins de semana.

Mas o que era que para Herbert valia mais do que oitocentos e cinquenta mil dólares? Farras? Drogas? Mulheres? Suspirei e reconheci que estava me enganando a mim mesmo, que estava tão longe de uma solução como sempre. Depravação moral da parte de Herbert era inconcebível. O que quer que estivesse fazendo, devia ser por uma boa causa. Sua mãe o moldara tão bem e ele se envergonhava tanto das falhas de seu pai, que tenho certeza de que só podia agir com retidão. Desisti da charada e pedi a saideira.

E de repente Herbert Foster, de ar insignificante e apagado, estava atravessando a multidão. Sua expressão era de censura, de um homem santo na Babilônia. Mantinha-se estranhamente rígido, os braços apertados contra o corpo, enquanto evitava cuidadosamente esbarrar em alguém ou responder aos olhares que lhe eram lançados. Não havia a menor dúvida de que o fato de se encontrar naquele lugar representava para ele a última humilhação.

Chamei-o, mas ele não deu atenção. Não havia como comunicar-se com ele. Herbert estava praticamente em estado de coma num esforço para não notar os vícios que o cercavam.

A multidão no fundo lhe abriu caminho, e eu pensei que Herbert fosse para um canto escuro, à procura de uma vassoura ou de um esfregão. Mas uma luz se acendeu no extremo da passagem aberta para ele pelo público, e vi um minúsculo piano branco reluzindo como uma coleção de joias. O barman colocou um drinque no piano e voltou ao seu posto.

Herbert espanou a banqueta com seu lenço e se sentou cautelosamente. Puxou um cigarro do bolso e o acendeu. E então o cigarro começou a pender lentamente dos seus lábios e Herbert se curvou sobre o teclado; seus olhos se semicerraram, como se ele estivesse focalizando algo de belo num horizonte longínquo.

Espantosamente, Herbert Foster desapareceu. Em seu lugar achava-se um estranho excitado, as mãos erguidas como garras. E de repente elas caíram, e um espasmo de jazz ordinário, sujo e deslumbrante agitou o ar, como um fantasma ardente e ruidoso dos anos vinte.

Mais tarde, naquela noite, examinei a minha obra-prima, a carteira de Herbert Foster, vulgo Harris “Incêndio”. Não lhe mostrara a carteira e nem mesmo procurara falar com ele.

Dentro de uma semana, mais ou menos, uma de suas siderúrgicas daria uma bonificação suculenta. Três de suas petrolíferas estavam pagando dividendos extras. A companhia de máquinas agrícolas, da qual possuía cinco mil ações, estava prestes a lhe oferecer direitos à razão de três dólares cada uma.

Graças a mim, à minha firma e a uma economia florescente, Herbert estava para ficar mais rico em alguns milhares de dólares do que estivera há um mês. Eu tinha o direito de estar orgulhoso, mas o meu triunfo — excetuando a comissão — era cinzas e fel.

Ninguém podia fazer coisa nenhuma por Herbert. Já tinha tudo o que queria. Já o tinha antes da intromissão da herança e da minha pessoa. Tinha a respeitabilidade que a mãe lhe inculcara. Mas igualmente inestimável era uma renda insuficiente para viver. Não lhe deixava outra alternativa senão — pelos nomes santos de mulher, filho e lar — tocar piano num antro, aspirar fumaça e beber gim, e ser Harris “Incêndio”, filho de seu pai, três noites por semana.

(1951)

O TABULEIRO VIVO

O Coronel Bryan Kelly, o corpanzil bloqueando a luz que se filtrava pelo corredor às suas costas, encostou-se por um instante à porta trancada, numa agonia de ansiedade e fúria vã. O pequeno oriental procurava no chaveiro a chave que abrisse a porta. Kelly ouvia as vozes vindas de dentro do quarto.

— Eles não teriam coragem de fazer mal a americanos, teriam, Sargento? — A voz era juvenil e insegura. — Daria um escândalo dos diabos se eles...

— Cale a boca. Quer acordar as crianças de Kelly para que escutem você gritando por aí? — A outra voz era áspera e cansada.

— Aposto que vão nos soltar bem depressa, hem, Sargento? — insistiu a voz jovem.

— Claro, rapaz. Eles aqui adoram os americanos. É provavelmente sobre isso que queriam conversar com Kelly, e agora estão preparando a cerveja e os sanduíches de presunto para a gente levar. Só o que está atrasando as coisas um pouco é que eles não sabem quantos com mostarda e quantos sem. Como é que você quer o seu?

— Eu só queria...

— Cale a boca.

— Está bem, eu só queria...

— Cale a boca.

— Eu só queria saber o que é que está acontecendo, só isso. — O jovem cabo tossiu.

— Pare essa matraca e passe a guimba — disse, com irritação, uma terceira voz. — Ainda tem umas boas dez tragadas. Não seja tão egoísta, rapaz. — Algumas outras vozes resmungaram em concordância.

O Coronel abria e fechava as mãos nervosamente, pensando em como poderia relatar aos quinze seres humanos atrás da porta a sua entrevista com Pi Ying e a provação por que teriam de passar. Pi Ying disse que a sua luta contra a morte não seria diferente, do ponto de vista filosófico, da que todos eles, excetuadas a mulher e as crianças de Kelly, tinham conhecido no campo de batalha. Friamente falando, era verdade: do ponto de vista filosófico não havia diferença. Mas Kelly estava mais abalado do que se sentira em qualquer batalha.

O Coronel Kelly e os quinze do outro lado da porta haviam feito uma aterrissagem forçada, há dois dias, no continente asiático, depois de terem sido desviados da rota por um temporal repentino, e o seu rádio fora danificado. O coronel, juntamente com sua família, estava a caminho da Índia para assumir o posto de adido militar. A bordo do transporte achava-se um grupo de soldados, todos especialistas técnicos, chamados ao Oriente Médio. O avião pousara em território dominado por um chefe guerrilheiro chinês, Pi Ying.

Todos haviam sobrevivido ao acidente — Kelly, sua mulher Margaret, seus filhos gêmeos de dez anos, o piloto e o copiloto e os dez soldados. Uma dúzia dos esfarrapados atiradores de Pi Ying estavam à sua espera quando desceram do avião. Não podendo se comunicar com seus captores, os americanos foram obrigados a marchar um dia inteiro através de arrozais e selvas, para, no crepúsculo, chegarem a um palácio quase em ruínas. Ali foram trancados num recinto subterrâneo, sem a menor ideia do destino que lhes estava reservado.

Agora, o Coronel estava voltando de uma entrevista com Pi Ying, que lhe dissera o que seria dos dezesseis prisioneiros americanos. *Dezesseis* — Kelly sacudiu a cabeça, enquanto o número se repetia insistentemente na sua cabeça.

O guarda cutucou-o para um lado com a pistola, enfiou a chave na fechadura e a porta se abriu. Calado, Kelly ficou parado no vão.

Um cigarro passava de mão em mão, iluminando, um por um, os rostos ansiosos. Agora, revelava o rosto vermelho do jovem cabo falador; depois lançava pesadas sombras sobre as órbitas e as cerradas sobrancelhas do piloto de Salt Lake; em seguida ardia nos lábios finos do sargento.

Kelly desviou o olhar dos homens para o que, no lusco-fusco, parecia uma pequena colina. Lá se achava sua mulher Margaret, tendo no colo as cabeças louras dos seus filhos adormecidos. Sorriu para ele, o rosto pálido. — Você está bem; querido? — perguntou.

— Estou.

— Sargento — disse o cabo —, pergunte-lhe o que foi que Pi Ying disse.

— Cale a boca. — O sargento fez uma pausa. — Como é, Coronel, notícias boas ou más?

Kelly acariciou o ombro de sua mulher, procurando dizer as palavras apropriadas — palavras que transmitissem a coragem que ele não tinha a certeza de sentir. — Más notícias — disse por fim. — Péssimas notícias.

— Bem, conte logo — disse o piloto em voz alta. Kelly achou que o outro estava procurando se tranquilizar com o ribombo da própria voz, com brusquidão. — O pior que ele pode fazer é nos matar. É isso? — Ficou de pé, as mãos enfiadas nos bolsos.

— Ele não ousaria! — disse o jovem cabo em voz ameaçadora, como se pudesse, com um pequeno gesto, fazer desabar a ira do Exército dos Estados Unidos sobre a cabeça de Pi Ying.

Kelly olhou para o rapaz com curiosidade e desânimo. — Vamos falar francamente. O homenzinho lá em cima está com os trunfos na mão. — Uma expressão emprestada de um outro jogo, pensou com irrelevância. — Trata-se de um homem fora da lei. Não tem nada a perder com a inimizade dos Estados Unidos.

— Se ele vai nos matar, diga logo! — explodiu o piloto. — Está bem, ele nos pegou de jeito! Que é que ele vai fazer?

— Ele nos considera prisioneiros de guerra — respondeu Kelly, procurando manter a voz sob controle. — Gostaria de nos fuzilar a todos. — Deu de ombros. — Eu não estava querendo manter vocês em *suspense*; estava procurando as palavras certas — mas elas não existem. Pi Ying quer extrair mais entretenimento de nós do que conseguiria mandando fuzilar-nos. E além disso, gostaria de provar que é mais esperto do que nós.

— De que maneira? — perguntou Margaret, os olhos arregalados. Os meninos começavam a acordar.

— Daqui a pouco, Pi Ying e eu vamos jogar xadrez valendo as vidas de vocês. — Cerrou os dedos sobre a mão flácida da mulher. — E as minhas quatro vidas. É a única chance que Pi Ying nos oferece. — Deu de ombros e sorriu amargamente. — Meu jogo é melhor do que mediano... um pouco melhor do que mediano.

— Ele está louco? — perguntou o sargento.

— Vocês mesmos poderão julgar — disse o Coronel Kelly. — Vão vê-lo quando o jogo começar, Pi Ying e seu amigo, o Major Barzov. — Levantou as sobrancelhas. — O Major afirma lamentar muito que, na sua qualidade de observador militar do exército russo, lhe seja impossível intervir a nosso favor. Diz também que lhe merecemos toda a sua simpatia. Acho que está mentindo nos dois casos. Pi Ying morre de medo dele.

— Vamos poder ver o jogo? — sussurrou o cabo tensamente.

— Nós dezesseis somos as peças com que eu vou jogar, soldado.

A porta se abriu.

— Pode ver o tablado todo lá de baixo, Rei Branco? — gritou Pi Ying alegremente da sacada que dominava o aposento de cúpula azul-celeste. Sorria para o Coronel Bryan Kelly, sua família e seus homens. — O senhor tem de ser o Rei Branco, sabe. De outra forma não teríamos certeza de sua presença até o fim da partida. — O rosto do chefe guerrilheiro estava afogueado. Seu sorriso era de fingida solicitude. — Encantado de vê-los todos!

À direita de Pi Ying, um vulto indistinto na sombra, estava o Major Barzov, o taciturno observador militar russo. Respondeu ao olhar fixo de Kelly com um lento aceno de cabeça. Kelly continuou a olhar fixamente para ele. O arrogante major ficou desassossegado, cruzando e descruzando os braços, balouçando-se para frente e para trás em suas botas pretas. — Gostaria de lhe poder ajudar — disse por fim. Não era uma palavra de gentileza, mas, sim, uma troça desdenhosa. — Não passo de um mero observador aqui — disse Barzov com ênfase. — Desejo-lhe sorte — acrescentou e virou as costas.

À esquerda de Pi Ying achava-se uma oriental jovem e delicada. Inexpressivamente, olhava por cima das cabeças dos americanos para a parede em frente. Ela e Barzov tinham estado presentes quando Pi Ying falara ao Coronel da partida que queria jogar. Quando Kelly suplicara a Pi Ying que excluísse sua mulher e filhos, pensara ter visto nos olhos dela uma centelha de compaixão. Fitando agora a imóvel jovem ornamental, sabia que devia se ter enganado.

— Esta sala foi um capricho dos meus antepassados, que, durante gerações, a conservaram — disse Pi Ying sentenciosamente. — Servia de sala do trono. Mas o chão está marchetado de quadrados, sessenta e quatro, exatamente. Um tabuleiro de xadrez, entendem? Os antigos moradores mandaram fazer estas magníficas peças de tamanho humano que vocês estão vendo, para que eles e seus amigos pudessem ficar sentados aqui em cima, dando ordens aos criados para movê-las. — Rodou um anel no dedo. — Por imaginosa que fosse a ideia, coube a nós descobrir esta nova modalidade. Hoje, naturalmente, usaremos apenas as peças pretas, as minhas peças. — Voltou-se para o agitado major russo. — Os americanos forneceram as suas próprias peças. Uma ideia fascinante. — Seu sorriso se apagou quando viu que Barzov não o retribuía. Pi Ying parecia ansioso de agradar o russo. Este, por sua vez, dava a impressão de que as palavras de Pi Ying não tinham a menor importância.

Os doze soldados americanos estavam encostados a uma parede, sob severa vigilância. Instintivamente, estavam agrupados, olhando, com ar sombrio, para o seu condescendente anfitrião. — Fiquem calmos — aconselhou Kelly — ou perderemos a nossa única chance. — Olhou rapidamente para os gêmeos, Jerry e Paul, que examinavam o recinto com calma e interesse, piscando, sonolentos, ao lado de sua mãe atordoada. Kelly estava surpreendido de se sentir tão pouco aflito vendo a sua família enfrentando a morte. Desaparecera o pavor que experimentara enquanto esperavam na sua tenebrosa prisão. Agora reconhecia essa tranquilidade sinistra — uma velha amiga do tempo de guerra, que deixava vivo apenas o mecanismo frio da inteligência e dos sentidos. Era o narcótico do comando. Era a essência da guerra.

— Sua atenção, por favor, amigos — disse Pi Ying com ar importante, pondo-se de pé. — As regras do jogo são fáceis de lembrar. Vocês farão tudo o que o Coronel Kelly mandar. Aqueles de vocês que tiverem a infelicidade de serem tomados por uma de minhas peças serão mortos de forma rápida, indolor e imediata. — O Major Barzov olhava para o teto, como se, no íntimo, estivesse criticando tudo o que Pi Ying dizia.

De repente o cabo soltou uma torrente violenta de obscenidades — misto de xingamento e autopiedade. O sargento tapou-lhe a boca com a mão.

Pi Ying inclinou-se sobre a balaustrada e apontou para o soldado que se debatia. — Para aqueles que fogem do tabuleiro ou que causam tumulto pode-se arranjar uma forma de morte especial — disse ele com rispidez. — O Coronel Kelly e eu precisamos de silêncio total para nos concentrarmos. Se o Coronel tiver a habilidade de ganhar, todos aqueles que ainda estiverem conosco quando eu receber o xeque-mate terão meios de transporte assegurados para tirá-los daqui. Se ele perder... — Pi Ying encolheu os ombros e sentou-se num amontoado de almofadas. — Agora, mostrem espírito esportivo. Creio que é uma qualidade dos americanos. Conforme o Coronel Kelly poderá confirmar, é quase impossível ganhar uma partida de xadrez — assim como também uma batalha — sem sacrifícios. Não é, Coronel?

Mecanicamente, Kelly concordou com a cabeça. Estava se lembrando do que Pi Ying dissera anteriormente: que a partida que estava para iniciar não era diferente, do ponto de vista filosófico, das suas experiências na guerra.

— Como é que você pode fazer isso com crianças! — exclamou Margaret subitamente, desvencilhando-se do guarda e atravessando as divisões do tabuleiro para se postar diretamente debaixo da sacada de Pi Ying. — Pelo amor de Deus... — começou ela.

Furioso, Pi Ying a interrompeu: — É pelo amor de Deus que os americanos fabricam bombas, jatos e tanques? — Fez um gesto impaciente. — Levem-na de volta. — Cobriu os olhos. — Onde estava eu? Falávamos de sacrifícios, não é? Eu ia lhe perguntar quem o senhor escolheu para peão do rei — disse Pi Ying. — Se ainda não escolheu, eu recomendaria esse jovem ruidoso lá no canto — aquele que está sendo segurado pelo sargento. É uma posição muito delicada, a de peão do rei.

O cabo começou a se contorcer e espernear com mais fúria ainda. O sargento apertou os braços em torno dele. — O rapaz vai se acalmar num instante — disse ele em voz abafada. Voltou a cabeça para Kelly. — Seja lá o que for esse peão do rei, a posição é minha. Onde é que eu fico? — O jovem relaxou e o sargento soltou-o.

Kelly apontou para o quarto quadrado da segunda fila do imenso tabuleiro. O sargento encaminhou-se para lá, curvando seus ombros largos. O cabo resmungou algumas palavras incompreensíveis e tomou o lugar na divisão junto à do sargento. Os outros não se mexeram.

— Coronel, o senhor nos diga para onde ir — falou, hesitante, um soldado alto. — Que é que nós entendemos de xadrez? O senhor coloque a gente onde quiser. — Seu pomo de adão subia e descia. — Reserve as posições mais vantajosas para sua mulher e filhos. Eles é que importam. Diga-nos o que fazer.

— Não há posições vantajosas — disse o piloto sarcasticamente. — Não há posições vantajosas para ninguém. Escolha um quadrado, qualquer quadrado. — Pisou no tabuleiro. — Que é que eu sou neste quadrado?

— O Senhor é um bispo, Tenente, o bispo do rei — disse Kelly.

Percebeu que pensava no tenente nesses termos — não mais um ser humano mas uma peça capaz de se mover em sentido diagonal no tabuleiro; capaz de, quando em ataque junto com a rainha, causar terríveis estragos entre as peças pretas do outro lado do tabuleiro.

— E eu que só estive na igreja duas vezes em toda a vida. Ei, Pi Ying — exclamou o piloto com insolência —, quanto é que vale um bispo?

Pi Ying achou graça. — Um cavalo e um peão, rapaz, um cavalo e um peão.

Graças a Deus pelo tenente, pensou Kelly. Um dos soldados americanos sorriu. Tinham estado colados um no outro, encostados à parede. Agora começaram a conversar entre si — como uma equipe de beisebol preparando-se para entrar em campo. Seguindo as ordens de Kelly e, aparentemente incônscios de suas ações, pisaram no tabuleiro para ocupar as casas.

Pi Ying voltou a falar. — Todas as suas peças estão agora nos seus lugares, Coronel, exceto a rainha e os dois cavalos. E o senhor, naturalmente, é o rei. Vamos, vamos. A partida tem de terminar antes do jantar.

Gentilmente, conduzindo-os com seus braços longos, Kelly levou sua mulher e os dois gêmeos aos seus lugares. Odiou a si mesmo pela calma e distanciamento com que o fez. Viu o medo e a censura nos olhos de Margaret. Ela não compreendia que ele tinha de ser assim — que na sua frieza estava a única esperança de salvação. Desviou o olhar.

Pi Ying bateu palmas pedindo silêncio. — Muito bem; agora podemos começar. — Pensativamente, puxou a orelha. — Acho que este é um meio excelente de aproximar a mente oriental da ocidental, não concorda, Coronel? Aqui temos, juntos, o amor dos americanos pelo jogo e a nossa apreciação pelo drama profundo e pela filosofia. — Impaciente, o Major Barzov lhe sussurrou algo. — Ah, sim — disse Pi Ying —, mais duas regras: temos dez minutos para cada lance, e — nem é preciso dizer — nenhum lance pode ser anulado. Muito bem — disse ele apertando o botão de um cronômetro e colocando-o na balaustrada —, a honra do primeiro lance pertence às brancas. — Sorriu. — É uma tradição antiga.

— Sargento — disse o coronel, sentindo apertar-se-lhe a garganta —, avance duas casas. — Olhou para as mãos: estavam começando a tremer.

— Acho que vou ser um tanto anticonvencional — disse Pi Ying, voltando a cabeça para a jovem, como se quisesse ter certeza de que ela estava partilhando o seu prazer. — Mova o peão da rainha duas casas adiante — ordenou ele a um criado.

Kelly viu o serviçal empurrar a maciça escultura para a frente — até um ponto em que ameaçava o sargento. Este olhou intrigado para o coronel. — Tudo bem, senhor? — perguntou sorrindo palidamente.

— Espero que sim — respondeu Kelly. — Aqui vai a sua proteção... Soldado — disse ele ao jovem cabo —, avance uma casa. — Pronto, era tudo quanto podia fazer. Agora não havia vantagem em Pi Ying tomar o peão ameaçado, o sargento. Taticamente, seria uma troca sem sentido, um peão por um peão. Dentro dos conceitos do xadrez bem jogado não havia vantagem alguma.

— Sei que isto não se faz — disse Pi Ying serenamente. Fez uma pausa. — Por outro lado, não estou certo de que seria hábil fazer a troca. Com um adversário tão brilhante, talvez seja melhor jogar um xadrez impecável e esquecer as muitas tentações. — Novamente o major lhe sussurrou algo. — Mas faria com que entrássemos logo no espírito do jogo, não acha?

— Coronel, de que é que ele está falando? — perguntou, apreensivo, o sargento.

Antes que Kelly pudesse pôr os pensamentos em ordem, Pi Ying deu a ordem: — Tome o peão do rei.

— Coronel! Que é que o senhor fez? — gritou o sargento. Dois guardas o puxaram do tabuleiro e o retiraram do recinto. A portada tacheada bateu atrás deles.

— Matem a mim! — berrou Kelly, saindo do seu quadrado em perseguição. Meia-dúzia de baionetas lhe barraram o caminho.

A tranquilidade de Kelly estava destruída, e com ela a ilusão do jogo. As peças em seu poder voltaram a se transformar em seres humanos. A gloriosa e brutal sensação de comando o abandonou. Não estava em melhores condições de tomar decisões sobre vida e morte do que o recruta mais calouro. Aturdido, deu-se conta de que o objetivo de Pi Ying não era vencer a partida rapidamente, mas sim dizimar os americanos em surtidas angustiantes e insensatas. Mais dois minutos se passaram enquanto lutava para se forçar a ser racional. — Não posso — sussurrou por fim, de cabeça baixa.

— O senhor quer que eu mande fuzilar todos, agora mesmo? — perguntou Pi Ying. — Devo dizer que o senhor é um coronel um tanto patético. Será que todos os oficiais americanos desistem com tanta facilidade?

— Mostre-lhe com quem ele está falando, Coronel — disse o piloto. — Vamos, anime-se. Vamos!

— Você não está em perigo agora — disse Kelly ao cabo. — Tome o peão dele.

— Como é que eu vou saber que o senhor não está mentindo? — perguntou o jovem amargamente. — Agora sou eu quem vai se estrepar.

— Mexa-se! — disse o piloto com energia.

— Não!

Os dois carrascos do sargento imobilizaram os braços do cabo e olharam para Pi Ying, à espera de ordens.

— Rapaz — disse Pi Ying solicitamente —, você gostaria de ser torturado até a morte ou prefere fazer o que o Coronel Kelly manda?

O jovem girou subitamente, lançando por terra os dois guardas. Entrou na casa ocupada pelo peão que tomara o sargento, derrubou a peça e postou-se ali de pernas abertas.

O Major Barzov soltou uma gargalhada. — Ele ainda aprenderá a ser peão! — urrou. — É uma habilidade oriental que os americanos farão bem em adquirir para o futuro, hem?

Pi Ying riu junto com Barzov e acariciou o joelho da jovem que continuava sentada, o rosto inexpressivo, a seu lado. — Bem, tudo exatamente igual até agora — um peão por um peão. Vamos começar nossas ofensivas a sério. — Estalou os dedos para chamar a atenção do criado. — Peão do rei para rei três — comandou. — Muito bem! Agora minha rainha e meu bispo estão prontos para uma incursão em território branco. — Apertou o botão do cronômetro. — Sua vez, Coronel...

Foi um velho reflexo que levou o Coronel a olhar para sua mulher em busca de compaixão e coragem. Mas desviou a vista: Margaret era um espetáculo apavorante e entristecedor, e nada podia fazer por ela senão ganhar. Nada. Seu olhar era vazio, quase idiota. Ela se refugiara num estado de choque surdo, cego e insensível.

Kelly contou as peças que restavam no tabuleiro. Uma hora se passara desde o início da partida. Cinco peões ainda viviam, entre eles o jovem cabo, um bispo — o corajoso piloto, duas torres, dois cavalos — dois cavalos jovens e assustados, Margaret — uma rainha rígida e de olhar fixo, e ele próprio, o rei. Os quatro faltantes? Massacrados; massacrados em trocas insensatas que custaram a Pi Ying apenas blocos de madeira. Os outros soldados estavam silenciosos e sombrios nos seus mundos separados.

— Acho que é hora de desistir, Coronel — disse Pi Ying. — Parece que a partida está praticamente terminada. Quer desistir? — Barzov fitou as peças com ar sábio, sacudiu a cabeça vagarosamente e bocejou.

O coronel se esforçou para pôr em foco seus pensamentos e seus olhos. Tinha a sensação de estar escavando um caminho através de uma montanha de areia quente, de ser obrigado a prosseguir, cavando, contorcendo-se, sufocado, cego. — Vá para o inferno — resmungou ele. Concentrou-se na disposição das peças. Como xadrez, essa pavorosa partida era uma aberração. Pi Ying vinha jogando sem outra estratégia que a de destruir as peças brancas. Kelly acorrera em defesa, a qualquer custo, de todas as suas peças e não arriscara nenhuma em ataques. Sua rainha, seus cavalos e torres, poderosos e não usados, estavam em relativa segurança nas duas últimas fileiras de casas. Frustrado, cerrava e descerrava os punhos. As peças do adversário, movidas a esmo, apresentavam largas brechas. Um xeque-mate ao rei de Pi Ying seria possível, se apenas o cavalo preto não estivesse dominando o centro do tabuleiro.

— Sua vez, Coronel. Dois minutos — insistiu Pi Ying.

E de repente Kelly viu — o preço que ele e todos os outros iriam pagar pela maldição da consciência. Bastava Pi Ying mover sua rainha em diagonal, três casas à esquerda, para pô-lo em xeque. Depois disso, precisava apenas dar mais um lance — inevitável, irresistível — e seria o xeque-mate, o fim. E Pi Ying moveria a rainha. O jogo para ele parecia ter perdido todo sabor; tinha a aparência de alguém ansioso para se dedicar a outros interesses.

O chefe guerrilheiro estava agora de pé, inclinado sobre a balaustrada. Atrás dele se achava o Major Barzov, enfiando um cigarro numa luxuosa piteira de marfim. — Há uma coisa lamentável no xadrez — disse ele, admirando a piteira e virando-a para lá e para cá. — Não existe um pingo de sorte no jogo. O perdedor não tem desculpa. — Seu tom era pedante, com a arrogância de um professor que divulga verdades profundas a estudantes imaturos demais para compreendê-las.

Pi Ying deu de ombros. — Ganhar este jogo me dá pouca satisfação. O Coronel Kelly foi uma decepção. Procurando não se arriscar, ele privou o jogo de toda a sua sutileza e inteligência. Eu esperaria mais brilhantismo do meu cozinheiro.

O calor da raiva ardeu no rosto de Kelly e incendiou-lhe as orelhas. Os músculos da barriga se retesaram e ele separou as pernas. Pi Ying não devia mover a rainha. Se a movesse, Kelly perderia; se retirasse o cavalo da linha de ataque do adversário, Kelly ganharia. Só uma coisa poderia induzir Pi Ying a mover o cavalo — uma nova e excitante oportunidade para sadismo.

— Desista, Coronel. Meu tempo é valioso — disse Pi Ying.

— Está tudo terminado? — perguntou o jovem cabo em tom queixoso.

— Cale a boca e fique onde está — disse Kelly. Os olhos semicerrados e astutos fitaram o cavalo de Pi Ying no meio das peças vivas. O pescoço entalhado do animal estava arqueado. Suas ventas pareciam arfar.

A geometria pura do destino das peças brancas irrompeu no consciente de Kelly. Sua simplicidade tinha o efeito de uma aragem branda e refrescante. Era preciso oferecer um sacrifício ao cavalo de Pi Ying. Se este aceitasse o sacrifício, a partida seria de Kelly. A armadilha era perfeita e mortal, exceto por um detalhe: a isca.

— Um minuto, Coronel — disse Pi Ying.

Kelly olhou rapidamente de um rosto para outro, sem se abalar com a hostilidade, a desconfiança que via em todos os olhares. Um a um eliminou os candidatos à morte. Esses quatro eram vitais à ofensiva súbita e esmagadora e aqueles tinham de proteger o rei. A necessidade, como uma criança contando *uni-duni-tê* num círculo, apontou para a única peça que podia ser sacrificada. Havia uma só.

Kelly não permitiu a si mesmo pensar na peça senão como uma cifra numa rígida proposição matemática: se *x* morrer, o resto viverá. Percebeu a tragédia de sua decisão apenas como alguém que conhecia a definição de tragédia, não como alguém que a sentia.

— Vinte segundos! — exclamou Barzov, que tirara o cronômetro de Pi Ying.

A fria determinarão abandonou Kelly por um momento; viu como era patética a sua situação — um dilema tão velho como a humanidade e tão novo como o conflito entre Oriente e Ocidente. Quando seres humanos sofrem um ataque, *x*, multiplicado por centenas de milhares, deve morrer — enviado à morte por aqueles que mais o amam. A profissão de Kelly era a escolha de *x*.

— Dez segundos — disse Barzov.

— Jerry — disse Kelly em voz alta e firme —, avance uma casa à frente e duas à esquerda. Confiante, o menino deixou a última fileira e postou-se na sombra do cavalo preto. A consciência parecia estar voltando aos olhos de Margaret. Ao ouvir a voz do marido, virou a cabeça.

Estupefato, Pi Ying olhou para o tabuleiro. — O senhor está em seu juízo perfeito, Coronel? — perguntou por fim. — Sabe o que acaba de fazer?

Um ligeiro sorriso brincou nos lábios de Barzov. Inclinou-se para frente, como que desejoso de segredar algo a Pi Ying, mas, aparentemente, mudou de ideia. Encostou-se numa coluna para observar os movimentos de Kelly através de uma névoa de fumaça de cigarro.

Kelly fez-se de mistificado pelas palavras de Pi Ying. E depois sepultou o rosto nas mãos com um grito agoniado. — Deus do céu, não!

— Um erro extraordinário, realmente — comentou Pi Ying. Alvoroçado, explicou o erro à moça a seu lado. Ela voltou-lhe as costas e Pi Ying pareceu enfurecer-se com o seu gesto.

— O senhor tem de me deixar anular o lance — suplicou Kelly, a voz arrasada.

Pi Ying bateu na balaustrada com as juntas dos dedos. — Um jogo sem regras, meu amigo, é um despropósito. Concordamos que todos os lances seriam irreversíveis e, portanto, são. — Acenou para um dos criados. — Cavalo do rei para bispo do rei seis. — O serviçal moveu a peça para o quadrado em que se achava Jerry. A isca fora mordida e, a partir de agora, o jogo era de Kelly.

— De que é que ele está falando? — murmurou Margaret.

— Por que deixar sua mulher nesta dúvida, Coronel? — perguntou Pi Ying. — Seja um bom marido e lhe responda, ou prefere que eu o faça?

— Seu marido sacrificou um cavalo — disse Barzov, sua voz sobrepujando a de Pi Ying. — A senhora acaba de perder um filho. — Sua expressão era a de um pesquisador, penetrante, cheia de expectativa, fascinado.

Kelly ouviu o som estrangulado na garganta de Margaret e amparou-a na sua queda. Esfregou-lhe os pulsos. — Querida, por favor, escute! — Sacudia-a com mais rudeza do que queria. A reação dela foi explosiva. As palavras jorraram de sua boca — uma algaravia histérica, culpando-o de tudo. Kelly segurou-lhe os pulsos entre as mãos e silenciosamente escutou o vitupério incoerente.

Os olhos de Pi Ying se arregalaram; estava pasmado com o drama fantástico que se desenrolava embaixo e ignorava a jovem que, num verdadeiro frenesi, o puxava, suplicante, pela blusa. Empurrou-a sem levantar o olhar do tabuleiro.

O soldado alto subitamente se lançou contra o guarda mais próximo, seu ombro atingindo o tórax do homem e seu punho, a barriga. Os soldados de Pi Ying convergiram sobre ele, derrubaram-no a pancada e o arrastaram de volta ao seu quadrado.

No meio do caos, Jerry prorrompeu em choro e, aterrorizado, correu para junto dos pais. Kelly soltou Margaret, que caiu de joelhos abraçando o menino trêmulo. Paul, o outro gêmeo, também trêmulo, não arredou pé; fitou o chão, impassível.

— Vamos prosseguir, Coronel? — perguntou Pi Ying em voz aguda. Barzov virou as costas para o tabuleiro; não queria impedir a medida que se seguiria e aparentemente relutava em assisti-la.

Kelly fechou os olhos, à espera das ordens de Pi Ying aos carrascos. Não conseguiu forçar-se a olhar para Margaret e Jerry. Com um aceno da mão, Pi Ying pediu silêncio. — É com profundo pesar... — começou ele. Seus lábios se fecharam. A ameaça subitamente lhe fugiu do rosto, deixando apenas surpresa e bestificação. O homenzinho tombou sobre a balaustrada, deslizou por cima dela e se estatelou lá embaixo, entre os seus soldados.

O Major Barzov lutava com a jovem chinesa. A sua mão, ainda fora do alcance dele, segurava uma faca delgada. Mergulhou-a no próprio peito e tombou contra o major. Barzov deixou-a cair e aproximou-se da balaustrada. — Mantenham os prisioneiros nos seus lugares! — gritou para os guardas. — Ele está vivo? — Não havia raiva nem mágoa em sua voz, apenas irritação, o ressentimento contra a inconveniência. Um criado olhou para cima e sacudiu a cabeça.

Barzov deu ordens aos soldados e aos serviçais para retirarem os corpos de Pi Ying e da jovem. Era mais o ato de um dono de casa escrupuloso do que de um amigo enlutado. Ninguém disputou a sua autoridade.

— Então a festa acabou sendo sua — disse Kelly.

— Os povos da Ásia perderam um grande líder — declarou Barzov com severidade. E, com um sorriso estranho, acrescentou: — Se bem que tivesse as suas fraquezas, não é, Coronel? — Deu de ombros. — Contudo, o senhor só conquistou a iniciativa e não a vitória, e agora terá de me enfrentar a mim em vez de Pi Ying. Fique onde está, Coronel. Eu não demoro.

Esmagou o cigarro contra a balaustrada ornamentada, recolocou a piteira no bolso com um floreio e desapareceu através das cortinas.

— Vai ser tudo bem com Jerry? — sussurrou Margaret. Era mais uma súplica do que uma pergunta, como se a clemência fosse propriedade de Kelly, para ser concedida ou retirada.

— Só Barzov sabe — respondeu ele. Estava ansioso para lhe explicar os seus lances, para fazê-la compreender por que não tivera escolha; sabia, porém, que uma explicação só tornaria a tragédia infinitamente mais cruel para ela. Margaret poderia compreender a morte causada por um erro; mas a morte como resultado do raciocínio frio, de um passo de lógica, ela jamais poderia aceitar. Preferiria que todos morressem antes de aceitá-la.

— Só Barzov sabe — repetiu com voz cansada. O acordo ainda estava em vigor, o preço da vitória ainda era o mesmo. Barzov, aparentemente, ainda não se dera conta do que Kelly estava comprando com uma vida.

— Como sabemos que Barzov nos soltará se ganharmos a partida? — perguntou o soldado alto.

— Nós sabemos, soldado. — E uma nova dúvida se infiltrou no seu consciente. Talvez não tivesse ganho mais do que uma suspensão temporária da sentença.

O coronel perdeu a noção do tempo que corria, enquanto todos no tabuleiro esperavam a volta de Barzov. Seus nervos estavam insensibilizados por onda após onda de remorso e pela pressão constante da tremenda responsabilidade. Seu consciente afundara num crepúsculo. Margaret dormia em exaustão total, com Jerry, cuja vida ainda estava em jogo, nos braços. Paul se enroscara dentro do seu quadrado, coberto pela jaqueta do jovem cabo. No quadrado que fora de Jerry, a cabeça esculpida parecendo prestes a lançar chamas pelas ventas, estava o cavalo preto de Pi Ying.

Kelly mal ouviu a voz da sacada; confundiu-a com mais um fragmento cruel do seu pesadelo. Seu cérebro não registrava o sentido das palavras; apenas lhes ouvia o som. Abriu os olhos e viu que os lábios do Major Barzov se moviam. Notou o desafio arrogante nos seus olhos e compreendeu as palavras: Já que tanto sangue foi derramado nesta partida, seria um desperdício lamentável não terminá-la.

Barzov sentou-se majestosamente nos coxins de Pi Ying e cruzou as botas pretas. — Pretendo derrotá-lo, Coronel, e ficarei muito surpreendido se tiver dificuldade em fazê-lo. Seria muito desconcertante vê-lo ganhar graças ao ardil transparente que enganou Pi Ying. As coisas não são mais tão fáceis. O senhor está jogando comigo agora, Coronel. O senhor conquistou a iniciativa pelo momento. Vou retomá-la e vencer o jogo sem mais delongas.

Kelly pôs-se de pé, seu corpanzil dominando as peças brancas sentadas em torno dele. O Major Barzov não desprezava a espécie de diversão de que Pi Ying se mostrara tão adepto. Mas Kelly sentiu a diferença entre o comportamento do major e o do chefe guerrilheiro. Barzov estava reiniciando o jogo, não porque queria, mas porque desejava provar que era um sujeito brilhante e que os americanos não passavam de escória. Aparentemente, não se dera conta de que Pi Ying já havia perdido a partida. Ou isto, ou Kelly fizera um cálculo errado.

No seu pensamento, Kelly moveu todas as peças no tabuleiro, exercendo a sua imaginação para lhe mostrar a falha no plano, se havia falha — se o dantesco e arrasador sacrifício fora em vão. Numa partida comum, com nada em jogo senão alguns pedaços de pau, teria sugerido ao adversário que desistisse, terminando assim a disputa. Mas agora, lutando por carne e ossos, uma dúvida dolorosa, inerradicável toldava a lógica cristalina do resultado. Kelly não ousava revelar que planejava atacar e vencer em três lances — não antes de os ter jogado, não antes que Barzov tivesse perdido a última oportunidade de aproveitar a falha, se falha havia.

— Que será de Jerry? — exclamou Margaret.

— Jerry? Ah, sim, o garoto. Então, que será de Jerry, Coronel? — perguntou Barzov. — Se quiser, faço uma concessão especial. Quer anular o lance? — O major se mostrava urbano, uma caricatura de jovial hospitalidade.

— Um jogo sem regras, Major, é um despropósito — respondeu Kelly secamente. — Eu seria o último a pedir que as violasse.

O rosto de Barzov tomou um ar de compaixão. — Foi seu marido que tomou a decisão, minha senhora, não eu. — Apertou o botão do cronômetro. — Pode ficar com o menino até que o Coronel tenha jogado fora a vida de todos vocês. Sua vez, Coronel. Dez minutos.

— Tome o peão dele — ordenou Kelly a Margaret. Ela não se mexeu. — Margaret! Está me ouvindo?

— Ajude-lhe, Coronel, ajude-lhe — admoestou Barzov.

Kelly pegou Margaret pelo cotovelo. Sem resistir, ela se deixou levar para o quadrado em que se achava o peão preto. Jerry seguiu-os, caminhando do outro lado da mãe. Kelly voltou ao seu quadrado e enfiou as mãos nos bolsos, enquanto um criado removia o peão preto do tabuleiro. — Xeque, Major. Seu rei está em xeque.

Barzov ergueu as sobrancelhas. — Xeque, foi o que o senhor disse? Ora vejam só que coisa aborrecida. Que fazer para que o senhor volte a alguns dos problemas mais interessantes no tabuleiro? — Acenou para um criado. — Mova o meu rei uma casa à esquerda.

— Recue para cá uma casa em diagonal, Tenente — disse Kelly ao piloto. Este hesitou. — Ande! Não ouviu?

— Sim, senhor. — O tom era zombeteiro. — Em retirada, Coronel? — O tenente entrou no quadrado a passos vagarosos e insolentes.

— Xeque novamente, Major — disse Kelly em voz calma. Fez um gesto para o tenente. — Agora o meu bispo está dando xeque ao seu rei. — Fechou os olhos e tornou a dizer a si próprio que não cometera engano algum, que o sacrifício ganhara a partida, sim, e que não podia haver saída para Barzov. Era o último dos três lances.

— É só isto que o senhor conseguiu fazer? — perguntou Barzov. — Simplesmente vou colocar a rainha diante do meu rei. — O criado moveu a peça. — Agora as coisas vão mudar de figura.

— Tome a rainha dele — disse Kelly ao peão mais próximo, o surrado T-4.

Barzov pôs-se de pé num salto. — Espere!

— O senhor não viu? Gostaria de anular o lance? — perguntou Kelly sarcasticamente.

Ofegante, Barzov media a sacada de um lado a outro. — Naturalmente que vi!

— Era a única coisa que o senhor podia fazer para salvar o rei — disse Kelly. — Se quiser pode tirá-lo de volta mas verá que é o único lance que pode dar.

— Tome a rainha e continue com o jogo — gritou Barzov. — Tome a rainha!

— Tome a rainha — ecoou Kelly e um criado rolou a imensa peça fora do tabuleiro. O soldado alto olhou piscando para o rei de Barzov, a poucos centímetros de distância. Dessa vez, Kelly falou em voz suave: — Xeque.

Barzov bufou exasperado. — Xeque, realmente. — Sua voz se elevou: — Não graças ao seu mérito, Coronel Kelly, mas à monumental burrice de Pi Ying.

— Jogo terminado, Major.

O soldado alto soltou uma risada imbecil, o cabo sentou-se, o tenente envolveu Kelly em seus braços. As duas crianças davam vivas. Apenas Margaret se mantinha imóvel, ainda rígida e amedrontada.

— Naturalmente ainda falta pagar o preço de sua vitória — disse Barzov em tom azedo. — Suponho que esteja pronto a fazê-lo agora?

Kelly empalideceu. — Foi este o acordo, se lhe dá satisfação obrigar-me a cumpri-lo.

Barzov colocou um novo cigarro na sua piteira de marfim, demorando-se, carrancudo, um minuto na operação. Quando falou, era novamente em voz de pedante, do distribuidor de profundidades. — Não, não vou levar o menino. Meu ponto de vista a seu respeito é o mesmo de Pi Ying — que vocês, como americanos, são o inimigo, exista ou não um estado de guerra oficial. Considero-os como prisioneiros de guerra. Contudo, enquanto não existe um estado de guerra oficial, não tenho alternativa, como representante do meu governo, senão cuidar para que todos vocês sejam conduzidos através das linhas, sãos e salvos. Era este o meu plano quando continuei o jogo interrompido pela morte de Pi Ying. A sua soltura nada tem a ver com meus sentimentos pessoais nem com o resultado do jogo. A minha vitória teria me dado imensa satisfação e servido de lição valiosa para o senhor. Mas não teria feito diferença no destino de todos vocês. — Acendeu o cigarro e continuou a olhar para eles com severidade.

— É muito cavalheiresco de sua parte, Major — disse Kelly.

— Asseguro-lhe que é meramente uma questão de conveniência. Não seria desejável precipitar agora um incidente entre os nossos países. Para um russo ser cavalheiresco com um americano é uma impossibilidade espiritual, uma contradição em termos. No curso de nossa longa e amarga história, aprendemos, e aprendemos bem, a reservar o nosso cavalheirismo para os russos. — Seu rosto assumiu uma expressão de desdém total. — Talvez queira jogar outra partida, Coronel — xadrez puro e simples, com peças de madeira, sem os requintes de Pi Ying. Não gostaria que partisse daqui pensando que joga melhor do que eu.

— É bondade sua, mas não esta noite.

— Bem, outro dia, então. — Com um gesto mandou os guardas abrirem a sala do trono. — Outro dia — tornou a dizer. — Haverá outros como Pi Ying, ansiosos para jogarem com peças vivas e espero tornar a ter o privilégio de ser um observador. — Sorriu alegremente. — Quando e onde quer disputar a partida?

— Infelizmente, cabe ao senhor determinar a data e o local — disse o Coronel Kelly em voz fatigada. — Se o senhor insiste em promover outra partida, mande-me um convite, Major, e lá estarei.

(1953)

OS VIZINHOS

A velha casa era dividida em duas residências por uma parede fina que transmitia os ruídos dos dois lados com alta fidelidade. Do lado norte moravam os Leonards. Do lado sul, os Hargers.

Os Leonards — marido, mulher e um filho de oito anos — tinham acabado de se mudar para a casa. E sabendo da parede, abafaram as vozes enquanto discutiam amistosamente se o menino, Paul, tinha idade suficiente para ser deixado só naquela noite.

— Pssss! — fez o pai de Paul.

— Eu estava gritando? — perguntou a mãe. — Acho que estamos falando num tom perfeitamente normal.

— Se eu consigo escutar Harger tirando uma rolha da garrafa, tenho certeza de que ele pode escutar você — disse o pai.

— Eu não disse nada de que me pudesse envergonhar — disse a Sra. Leonard.

— Você chamou Paul de bebê — declarou o Sr. Leonard. — Isto é embaraçoso para Paul, sem dúvida, e também para mim.

— Era só uma maneira de dizer.

— É uma maneira que tem de acabar. E podemos deixar de tratá-lo como uma criança — *esta noite.* Simplesmente lhe apertamos a mão, saímos e vamos ao cinema. — Voltou-se para o menino. — Você não tem medo, tem, meu filho?

— Não se preocupem — disse Paul. Era muito alto para a sua idade, magro, e tinha uma beleza suave, sonolenta e luminosa herdada de sua mãe. — Estou bem.

— Claro que está! — disse o pai, batendo-lhe nas costas. — Vai ser uma aventura para você.

— Eu ficaria mais sossegada com a aventura se pudéssemos arrumar uma pajem — disse a mãe.

— Se isso lhe estragar o prazer do filme, podemos levá-lo conosco — sugeriu o pai.

A Sra. Leonard ficou escandalizada. — Não, não é um filme para crianças.

— Não faço questão — disse Paul, cordato. O motivo por que não queriam que visse certos filmes, certas revistas, certos livros e certos programas de televisão era um mistério que ele respeitava — e até apreciava um pouco.

— Não lhe faria mal nenhum se visse o filme.

— Você *sabe* qual é o tema.

— Qual é o tema? — perguntou Paul inocentemente.

A Sra. Leonard olhou para o marido em busca de ajuda, mas não a recebeu. — É a respeito de uma moça que escolhe mal as suas amizades.

— Ora — disse Paul. — Não parece muito interessante.

— Vamos ou não vamos? — perguntou o Sr. Leonard com impaciência. — A sessão começa daqui a dez minutos.

A Sra. Leonard mordeu o lábio. — Está bem! — exclamou corajosamente. — Feche a porta dos fundos e as janelas, e eu vou deixar os telefones da polícia, do corpo de bombeiros, do cinema e do Dr. Failey. — Virou-se para Paul. — Você sabe discar, não sabe?

— Ele está discando há anos! — gritou o Sr. Leonard.

— Pssss! — disse a Sra. Leonard.

— Desculpe — disse o Sr. Leonard curvando-se para a parede. — Peço perdão.

— Paul, querido — disse a Sra. Leonard —, que é que você vai fazer enquanto estamos fora de casa?

— Bem... acho que vou ficar olhando pelo microscópio — respondeu o menino.

— Você não vai olhar para germes, vai? — perguntou ela.

— Não... só cabelo, açúcar, pimenta, troço assim.

A mãe ponderou por um momento. — Acho que isso não faz mal, não é? — perguntou ela ao Sr. Leonard.

— Ótimo! — disse o Sr. Leonard. — Contanto que a pimenta não o faça espirrar!

— Vou tomar cuidado — assegurou Paul.

O Sr. Leonard estremeceu. — Pssss! — disse ele.

Pouco depois da saída dos pais de Paul, o rádio do apartamento dos Hargers foi ligado. Primeiro em tom suave — tão suave que Paul, olhando pelo microscópio na mesinha da sala de estar, não conseguia distinguir as palavras do locutor. A música era frágil e dissonante, impossível de identificar.

Valentemente, Paul procurou ouvir a música e não o homem e a mulher discutindo.

Pela ocular do microscópio olhou para um fio de seu cabelo lá embaixo, e girou um botão para enfocá-lo. Parecia uma enguia castanha e brilhante, salpicada, aqui e acolá, de espectros minúsculos onde a luz incidia do ângulo certo.

Pronto — as vozes do homem e da mulher voltaram a aumentar de volume, abafando o rádio. Paul torceu o botão nervosamente e a lente da objetiva rangeu contra a lâmina de vidro sobre a qual repousava o cabelo.

A mulher, agora, estava gritando.

Paul desaparafusou a lente e examinou os danos.

Agora quem gritava era o homem — palavras horrendas, inacreditáveis.

Paul foi pegar um pano para lentes no seu quarto e limpou a pequena mancha opaca, onde a lente colidira com a lâmina, e a recolocou.

Tudo estava quieto no quarto ao lado — exceto o rádio.

Paul olhou pelo microscópio, para a névoa esbranquiçada da lente danificada.

A briga estava recomeçando — mais alta e mais alta, selvagem e louca.

Trêmulo, Paul espargiu grãos de sal sobre uma lâmina nova e colocou-a sob o microscópio.

A mulher voltou a gritar — um grito agudo, histérico, maligno.

Paul girou o botão com força demasiada e a lâmina nova caiu no chão em cacos. O menino ficou parado, tremendo, querendo gritar também, gritar de pavor e confusão. A coisa tinha de parar. O que quer que fosse, tinha de parar.

— Se vai berrar, aumente o volume do rádio — gritou o homem.

Paul ouviu o clique-claque de saltos de mulher no assoalho. O volume aumentou até que o estrondo dos graves fez Paul se sentir como se estivesse preso dentro de um tambor.

— E agora! — urrou o rádio —, para Katy, de Fred! Para Nancy, de Bob, que a acha formidável! Para Arthur, de alguém que o adora a distância há seis semanas! Aqui está a velha orquestra de Glenn Miller no favorito de todos os tempos, *Poeira de Estrelas*! Não esqueçam! Se querem dedicar uma música a alguém, disquem Milton nove-três-zero-zero-zero! Chamem Sam Coruja, o homem dos discos!

A música sacudiu a casa.

Uma porta bateu no apartamento ao lado. Agora, alguém estava socando uma porta.

Paul tornou a olhar pelo microscópio mas não via nada, enquanto calafrios lhe percorriam o corpo. A verdade era esta: se ele não agisse, o homem e a mulher acabariam se matando.

Bateu na parede com os punhos. — Sr. Harger! Pare com isso! — gritou. — Sra. Harger! Pare com isso!

— Para Ollie, de Lavinia! — respondeu Sam Coruja. — Para Ruth, de Carl, que nunca esquecerá terça-feira passada! Para Wilber, de Mary, que está solitária hoje! Vamos ouvir a Orquestra Sauter-Finnegan perguntando, *Amor, que Fazes ao meu Coração?*

No vizinho, enchendo uma fração de segundo de silêncio do rádio, ouviu-se o som de louça quebrando. E em seguida, a gigantesca onda de música voltou a submergir tudo.

Paul ficou junto à parede, sem saber o que fazer. — Sr. Harger! Por favor! Sra. Harger! Por favor!

— Não se esqueçam do número! — disse Sam Coruja. — Milton nove-três-zero-zero-zero!

Tonto, Paul foi ao telefone e discou o número.

— Estação WJCD — disse a telefonista.

— Quer ter a bondade de me ligar com Sam Coruja? — pediu Paul.

— Alô! — disse Sam Coruja. Estava comendo, falando de boca cheia. No fundo, Paul pôde ouvir uma melodia açucarada e chorosa, o original do som que estava arrebentando o rádio do vizinho.

— Eu gostaria de dedicar uma música a alguém — explicou Paul.

— Não sei por que não — disse Sam. — Você alguma vez pertenceu a uma organização considerada subversiva pela Promotoria Geral?

Paul pensou por um momento. — Não, senhor — acho que não.

— Então, diga — falou Sam.

— Do Sr. Lemuel K. Harger para a Sra. Harger — disse Paul.

— Qual é a dedicatória?

— Eu te amo — disse Paul. — Vamos fazer as pazes e começar tudo de novo.

A voz da mulher era tão aguda que atravessou o estrépito do rádio e até chegou aos ouvidos de Sam.

— Tem encrenca aí, rapaz? — perguntou Sam. — Seu pessoal está brigando?

Paul receou que Sam desligaria se descobrisse que ele não era parente dos Hargers. — Sim, senhor — respondeu.

— E você está querendo reuni-los dedicando-lhes uma música?

— Sim, senhor.

Sam ficou muito emocionado. — Certo, rapaz — disse em voz rouca. — Vou fazer todo o possível. Talvez dê resultado. Uma vez salvei um sujeito do suicídio.

— Como é que foi isso? — perguntou Sam fascinado.

— Ele me telefonou dizendo que ia dar um tiro na cabeça e eu toquei *O Pássaro Azul da Felicidade* — contou Sam e desligou.

Paul repôs o fone no gancho. A música parou e o cabelo do menino ficou em pé. Pela primeira veza rapidez da comunicação moderna tornou-se real para ele, deixando-o estarrecido.

— Pessoal! — disse Sam. — Acho que todo o mundo, de vez em quando, para e pensa no que está fazendo com a vida que o bom Deus lhe deu! Vocês podem achar engraçado, porque sempre estou rindo, não importa o que esteja sentindo por dentro, mas de vez em quando eu também penso nisso! E então, como se algum anjo quisesse me dizer “não desista, Sam, não desista”, acontece uma coisa como esta.

— Pessoal — continuou Sam —, pediram-me para reunir um casal através do milagre do rádio! Acho que não adianta a gente estar se enganando a respeito do casamento! Não é um mar de rosas! Tem altos e baixos, e algumas vezes o casal não vê como pode continuar!

Paul ficou impressionado com a sabedoria e a autoridade de Sam. Agora o volume alto do rádio vinha a calhar, pois Sam falava como o homem de confiança de Deus.

Quando Sam fez uma pausa dramática, tudo estava quieto no apartamento vizinho. O milagre já estava fazendo efeito.

— Um homem da minha profissão tem que ser metade músico, metade filósofo, metade psiquiatra e metade engenheiro eletricista! E mais! Se aprendi alguma coisa trabalhando com toda essa gente formidável que são vocês, é esta: se as pessoas engolirem seu amor-próprio e seu orgulho, não haverá mais divórcios!

Da sala ao lado, ouviam-se arrulhos amorosos. Paul sentiu um nó na garganta ao pensar em todas as coisas belas que ele e Sam estavam fazendo acontecer.

— Pessoal! — prosseguiu Sam —, isto é tudo quanto dizer sobre amor e casamento! Isto é tudo quanto todos precisam saber! E agora, para a Sra. Lemuel K. Harger, do Sr. Harger — eu te amo. Vamos fazer as pazes e começar tudo de novo! — A voz de Sam era comovida. — Vamos ouvir Eartha Kitt cantando *Algum Malvado Roubou o Sino das Bodas*!

O rádio no apartamento do lado foi desligado.

Uma emoção inefável tomou conta de Paul. Sua infância desapareceu e ele estava à beira de uma vida plena, violenta e generosa.

Houve um movimento na porta ao lado — passos lentos e arrastados.

— Então — disse a mulher.

— Charlotte — o homem estava hesitando. — Meu bem, juro...

— “Eu te amo” — continuou ela com amargura —, “vamos fazer as pazes e começar tudo de novo”.

— Meu amor — disse o homem desesperado —, trata-se de outro Lemuel K. Harger. Tem que ser outro!

— Você quer sua mulher de volta? Pois bem, eu não vou impedi-la. Ela pode ficar com você, Lemuel, sua joia de valor inestimável!

— Foi ele quem deve ter telefonado para a estação — disse o homem.

— Ela pode ficar com você, seu dom-juan hipócrita de meia-pataca. Mas o seu estado não será dos melhores.

— Charlotte, largue essa pistola. Não faça nada do que você possa arrepender-se.

— Tudo isto já ficou para trás, seu imundo.

Três tiros soaram.

Paul lançou-se para o corredor e esbarrou na mulher que, apressada, deixava o apartamento dos Hargers. Era uma loura grande, toda macia e desarrumada, como uma cama desfeita.

Ela e Paul gritaram no mesmo instante, e a mulher o segurou no momento em que o menino quis fugir.

— Quer balas? — perguntou ela desvairada. — Uma bicicleta.

— Não, obrigado — guinchou Paul. — Agora não.

— Você não viu nem escutou nada! — disse ela. — Sabe o que acontece aos delatores?

— Sei — gritou Paul.

Ela remexeu na bolsa e tirou um bolo perfumado de lenços de papel, grampos e dinheiro. — Tome! — disse ofegante. — É seu! E terá mais se ficar de bico calado. — Enfiou tudo no bolso da calça de Paul, lançou-lhe um olhar ameaçador e fugiu para a rua.

Paul voltou correndo ao apartamento, pulou na cama e escondeu a cabeça debaixo do cobertor. E chorou na caverna negra e quente da cama porque ele e Sam Coruja tinham ajudado a matar um homem.

Pouco demorou para a chegada ruidosa de um policial que bateu nas portas dos dois apartamentos com o seu cassetete.

Aturdido, Paul saiu da caverna negra e quente para abrir. No mesmo instante, a porta do lado também se abriu, e lá estava o Sr. Harger, abatido mas incólume.

— Sim? — disse ele. Era um homem pequeno, de calva incipiente e um bigodinho da grossura de uma risca de lápis. — Posso lhe ser útil?

— Os vizinhos escutaram tiros — respondeu o policial.

— É mesmo? — perguntou Harger polidamente. Umedeceu o bigode com a ponta do mindinho. — Que coisa estranha. Não ouvi nada. — Voltou-se para Paul. — Você andou brincando de novo com as armas de seu pai, rapaz?

— Não senhor! — exclamou Paul horrorizado.

— Onde estão seus pais? — perguntou o policial.

— Foram ao cinema.

— Você está só?

— Sim, senhor. É uma aventura.

— Desculpe aquilo que falei das armas — disse Harger. — Se tivesse havido tiros eu teria escutado. As paredes são finas como papel e não ouvi nada.

Paul olhou para ele, agradecido.

— E você tampouco escutou tiros, rapaz? — perguntou o policial.

Antes que Paul pudesse pensar numa resposta houve uma comoção na rua. Uma mulher grande, de aspecto maternal, estava saltando de um táxi e gritando a plenos pulmões: Lem! Lem, amorzinho!

Ela irrompeu pela entrada, a maleta que carregava batendo nas suas pernas e reduzindo suas meias a farrapos. Deixou cair a maleta, correu para junto de Harger e o enlaçou com os braços.

— Ouvi a sua mensagem — disse ela — e fiz exatamente o que Sam Coruja mandou. Engoli meu amor-próprio, e aqui estou!

— Rose, Rose, Rose, minha pequena Rose — disse Harger. — Nunca mais me abandone. — Abraçaram-se afetuosamente e, cambaleando, entraram no apartamento.

— Veja só esta casa — disse a Sra. Harger. — Que seria dos homens sem as mulheres! — Antes de ela fechar a porta Paul pôde ver que ela estava encantada com a desarrumação.

— Tem *certeza* de que não ouviu tiros? — perguntou o policial a Paul.

O bolo de notas no bolso de Paul pareceu inchar até o tamanho de uma melancia.

— Tenho — conseguiu dizer.

O policial foi embora.

Paul fechou a porta do apartamento, arrastou-se até o seu quarto e tombou na cama.

As próximas vozes que Paul escutou vinham do lado de dentro da parede. Eram alegres — as vozes de sua mãe e de seu pai. Ela cantava uma canção infantil e ele o despia.

— Lalarilá, meu filho querido — cantarolava a mãe —, foi para a cama todo vestido. Um sapato no pé e o outro caído, lalarilá, meu filho querido.

Paul abriu os olhos.

— Olá rapagão — disse o pai —, você adormeceu todo vestido.

— Como é que vai o meu pequeno aventureiro? — perguntou a mãe.

— Bem — respondeu Paul, sonolento. — Que tal o filme?

— Não era para crianças, querido — disse a mãe. — Mas você teria gostado do complemento. Era sobre ursos, uns filhotes muito espertos.

O pai passou as calças de Paul à mãe. Ela sacudiu-as, e dependurou-as, bem dobradas, no encosto de uma cadeira perto da cama. Alisou as calças com a mão e sentiu o bolo de dinheiro dentro do bolso. — Bolsos de menininho! — exclamou deliciada. — Cheios de mistérios da infância. Um sapo encantado? Um canivete mágico dado por uma fada? — Acariciou a protuberância.

— Ele não é um menininho, é um meninão — disse o pai. — E está velho demais para pensar em fadas.

A mãe levantou as mãos. — Não apresse as coisas, não apresse. Quando vi Paul dormindo agora, compreendi como é tragicamente curta a infância. — Enfiou a mão no bolso e suspirou pensativa: — Os menininhos maltratam tanto as suas roupas, especialmente os bolsos.

Tirou o bolo e estendeu-o para Paul. — E agora, quer contar para a mamãe o que é isto? — perguntou alegremente.

O bolo floresceu como um crisântemo desleixado, tendo por pétalas notas de um, cinco, dez e vinte e lenços de papel manchados de batom. E evolando-se de tudo, aturdindo a jovem cabeça de Paul, o almíscar penetrante do perfume.

O pai de Paul farejou o ar. — Que cheiro é esse? — perguntou.

A mãe de Paul revirou os olhos. — *Tabu* — disse ela.

(1955)

HISTÓRIA DE HYANNIS PORT

O local mais afastado de minha cidade onde cheguei a vender janelas protetoras contra tempestades foi em Hyannis Port, no Estado de Massachusetts, praticamente no jardim da casa de verão do Presidente Kennedy. Meu campo de operações normalmente é dentro de um raio de quarenta quilômetros da minha cidade, que é North Crawford, no Estado de Nova Hampshire.

O negócio de Hyannis Port aconteceu porque alguém entendeu mal algo que eu disse e pensou que eu fosse um ardente republicano pró-Goldwater. Na verdade, eu não tinha tomado decisão alguma a respeito de Goldwater.

O que ocorreu foi o seguinte: o diretor de programas do Lions Club de North Crawford era pró-Goldwater e convidou um jovem universitário chamado Robert Taft Rumfoord para falar numa reunião a respeito da bagunça que os Democratas estavam fazendo em Washington e Hyannis Port. O rapaz era o presidente nacional de alguma organização estudantil que estava procurando reconduzir o país ao que chamava de Primeiros Princípios. Lembro-me que um dos Primeiros Princípios era acabar com o imposta de renda. Vocês deviam ter ouvido os aplausos.

Tive a estranha sensação de que o rapaz não se interessava por política muito mais do que eu. Tinha olheiras profundas e o ar de quem preferia estar em outro lugar. Dizia frases fortes mas elas saíam como a música de um flautim. A única vez em que realmente se tornou interessante foi quando contou como participou de regatas e partidas de golfe e tênis com vários Kennedys e seus amigos.

Disse que havia um bocado de propaganda por aí dizendo que Bobby Kennedy era um ótimo golfista, quando, na verdade, não tinha a mais vaga ideia do jogo. Disse também que Pierre Salinger era um dos piores golfistas do mundo e que não se interessava por barcos ou tênis.

Os pais de Robert Taft Rumfoord estavam lá para ouvi-lo. Tinham vindo dos confins de Hyannis Port. Ambos se orgulhavam muito dele — pelo menos o pai se orgulhava. Este vestia calças de flanela branca e sapatos brancos, embora tivesse nevado, e um jaquetão azul com botões de latão. O rapaz o apresentou como *Comodoro* William Rumfoord. O Comodoro era um homem baixo, de sobrancelhas muito espessas e olhos de um azul muito claro. Assim como o filho, tinha o ar de um ursinho de pelúcia resmungão e amistoso. Soube mais tarde, por um homem do Serviço Secreto, que os Kennedys às vezes se referiam aos Rumfoords como a "família Pooh", porque se assemelhavam ao urso do livro infantil *Winnie the Pooh.*

Mas a mulher do Comodoro não tinha nada de Pooh. Era magra e ágil e tinha talvez cinco centímetros mais do que ele. Os ursos têm um jeito no olhar que parece dizer que estão muito satisfeitos com tudo. A mulher do Comodoro não tinha esse jeito. Eu podia ver que havia muita coisa que a deixava nervosa.

Depois que o rapaz parou de assar os Kennedys nas chamas do inferno, com o pai aplaudindo tudo quanto ele dizia, Hay Boyden, o construtor, se levantou. Era um Democrata pró-Kennedy e disse algumas coisas terríveis ao rapaz. Só me lembro da primeira: — Meu filho, se você ficar por aí soltando vapor nos seus tempos de escoteiro, não lhe vai restar nenhum grama de pressão quando estiver em idade de votar. — Daí para a frente piorou.

O rapaz não ficou danado. Apenas pareceu sem jeito e respondeu com mais música de flautim. Quem se enfezou realmente foi o Comodoro. Ficou da cor de suco de tomate. Levantou-se e começou a debater com o outro, e até bastante bem, embora a mulher o ficasse puxando pela aba do jaquetão. Ela queria impedi-lo de causar rebuliço, mas o Comodoro adorava rebuliços.

A reunião se dissolveu com praticamente todo mundo embaraçado, e eu fui procurar Hay Boyden para lhe falar de algo que nada tinha a ver nem com Kennedy nem com Goldwater. Era a respeito de um box para banheira que eu lhe vendera. Ele insistira em instalá-lo sozinho, economizando assim cerca de sete dólares e meio. Só que vazava e o teto de sua sala de jantar desabou, e Hay afirmava que o defeito era da mercadoria e não da instalação. Ainda tinha dentro de si algo do veneno que restara da discussão, e empregou-o contra mim. Respondi-lhe com a verdade e me afastei dele, e o Comodoro Rumfoord agarrou minha mão e a apertou. Pensou que eu estivera defendendo seu filho e Barry Goldwater.

— Em que ramo trabalha? — perguntou.

Eu lhe disse e de supetão recebi uma encomenda de janelas protetoras para uma casa de quatro andares em Hyannis Port.

O Comodoro chamava aquele velho casarão de chalé.

— O senhor é Comodoro da Marinha? — perguntei.

— Não — retrucou ele. — Meu pai, porém, foi Secretário de Marinha no governo de William Howard Taft. Esse, aliás, é o meu nome completo: Comodoro William Howard Taft Rumfoord.

— O senhor é da Guarda Costeira?

— Quer dizer a *Frota Particular dos Kennedys*?

— Como?

— É como se devia chamar a Guarda Costeira esses dias — disse ele. — Sua única missão parece ser a de proteger os Kennedys quando fazem esqui aquático com suas fedorentas.

— O senhor *não* é da Guarda Costeira? — perguntei. Não pude imaginar outra alternativa.

— Fui Comodoro do Iate Clube de Hyannis Port em 1946.

Ele não sorriu, nem eu, e tampouco a sua mulher, cujo nome era Clarice. Mas Clarice soltou um pequeno suspiro, que soou como o apito de um trem de carga, lá longe, numa manhã chuvosa.

Eu não sabia, então, do que se tratava, mas Clarice estava suspirando porque o Comodoro não tinha emprego de espécie alguma desde 1946. A partir daquele ano fizera uma carreira, deblaterando, em tempo integral, contra quem quer que fosse Presidente dos Estados Unidos, inclusive Eisenhower.

Especialmente Eisenhower.

E assim, em fins de junho, fui para Hyannis Port no meu caminho, a fim de medir as janelas do Comodoro. A entrada para carros da casa ficava na Avenida Irving. A dos Kennedys também. E o Presidente Kennedy e eu chegamos a Cape Cod exatamente no mesmo dia.

O tráfego para Hyannis Port formava uma fila que atravessava três povoados. Havia placas de todos os Estados da União. A fila caminhava a cerca de seis quilômetros a hora. Fui ultrapassado por vários excursionistas a pé. Meu radiador ferveu quatro vezes.

Eu estava me lamentando, pois era apenas um cidadão comum e não tinha por que ficar preso em filas. Mas aí reconheci o homem na limusine à minha frente. Era Adlai Stevenson. Não andava mais depressa do que eu e o seu radiador estava fervendo também.

Num lugar ficamos parados tanto tempo que o Sr. Stevenson e eu saltamos e demos uma voltinha. Aproveitei a oportunidade para lhe perguntar como é que iam as Nações Unidas. Ele me respondeu que iam tão bem quanto se podia esperar. O que não era novidade para mim.

Quando finalmente cheguei a Hyannis Port, descobri que a Avenida Irving estava bloqueada por policiais e homens do Serviço Secreto. Adlai Stevenson conseguiu entrar, mas eu não. A polícia me fez entrar na fila dos turistas, os quais estavam sendo desviados por uma rua a um quarteirão da Avenida Irving.

Pouco depois eu estava em Hyannis, passando pelo *Drive-In Presidencial,* pela *Casa de Waffles Primeira Família,* pelo *Bar PT-109* e por um campo de minigolfe chamado *Nova Fronteira.*

Entrei na casa de Waffles e telefonei para os Rumfoords a fim de saber como é que um vendedor de janelas comum podia chegar à Avenida Irving sem tombar numa saraivada de balas. Falei com o mordomo, que anotou o número da minha licença e perguntou qual era a minha altura, a cor dos meus olhos e tudo isso. Disse que falaria com o Serviço Secreto e que da próxima vez me deixariam passar.

A tarde já estava no fim e eu não tinha almoçado, de modo que resolvi comer um waffle. Todas as espécies diferentes de waffles tinham o nome de membros da família Kennedy e de seus parentes e amigos. Um waffle com morangos e creme era um *Jackie*; outro, com uma bola de sorvete, era um *Caroline.* Havia até um waffle chamado *Arthur Schlesinger, Jr.*

Pedi um negócio chamado *Teddy* e uma xícara de *Joe.*

Na tentativa seguinte consegui passar e desci a Avenida Irving atrás do Ministro da Defesa do Paquistão. Salvo nós dois, a rua estava vazia como um trecho do Deserto de Saara.

Não havia nada para ver do lado da rua onde morava o Presidente, com exceção de uma cerca nova, de cedro descascado, de aproximadamente dois metros e meio de altura, sessenta metros de comprimento e um portão no meio. O chalé dos Rumfoords ficava em frente do portão. Era uma casa de estuque, a maior do povoado e uma das mais antigas. Tinha torres e sacadas e uma varanda que abrangia todos os quatro lados.

Numa sacada do segundo andar havia um gigantesco retrato de Barry Goldwater. Tinha faróis de bicicleta na pupila dos olhos, que varavam o portão dos Kennedys. Estava cercado de refletores, o que me fez deduzir que era iluminado à noite. E os refletores eram providos de pisca-piscas.

Um sujeito que vende janelas protetoras contra tempestades nunca pode realmente estar certo a que classe pertence, especialmente quando também instala as janelas. De modo que eu estava preparado para me manter a uma distância discreta e tratar do meu serviço, que era medir as janelas. Mas o Comodoro me recebeu como um visitante de grande importância. Convidou-me para um drinque e para jantar, e depois para passar a noite. Disse que eu podia começar a medir no dia seguinte.

Tomamos martínis na varanda. Só que não nos sentamos do lado mais agradável, que dava para o Iate Clube e o porto. Ficamos do lado de onde se viam todos os pobres turistas sendo desviados para Hyannis. O Comodoro gostava de falar daqueles idiotas lá fora.

— Olhe só para eles! — exclamou. — Queriam glamour e agora estão percebendo que não terão. Esperavam até ser convidados para jogar futebol com Eunice e Frank Sinatra e o Secretário da Saúde e Bem-Estar. Foi em glamour que votaram e olhe para eles agora. Não verão nem a chaminé dos Kennedys acima das árvores. Todo o glamour que conseguirão desse governo é um waffle caro chamado *Caroline.*

Um helicóptero passou muito baixo e aterrissou em algum lugar atrás da cerca dos Kennedys. Clarice conjeturou sobre quem seria.

— O Papa João VI — disse o Comodoro.

O mordomo, cujo nome era John, chegou com uma grande tigela. Pensei que fosse amendoim ou pipocas, mas eram distintivos pró-Goldwater. O Comodoro mandou John à rua com a tigela para oferecer os distintivos aos passageiros dos automóveis. Muitos os aceitaram. Aquela gente estava desapontada. Estava danada da vida.

Alguns dos excursionistas, que tinham vindo a pé lá de Boston, perguntaram se podiam, por favor, deitar por alguns momentos no gramado dos Rumfoords. Também estavam fulos. Achavam que era dever do Presidente ou, pelo menos, do Promotor-Geral, agradecer-lhes por terem andado tanto. O Comodoro disse que não apenas podiam descansar, como também mandaria lhes servir limonada se concordassem em usar os distintivos pró-Goldwater. Aceitaram com prazer.

— Comodoro — perguntei —, onde está aquele seu filho simpático, aquele que falou para nós em Nova Hampshire?

— Aquele que falou para vocês é o único que tenho.

— Ele mandou a ripa.

— Filho de peixe.

Clarice voltou a soltar aquele seu suspiro-apito de trem de carga.

— O rapaz foi nadar um pouco antes de você chegar — disse o Comodoro. — Deve voltar a qualquer momento, a não ser que tenha sido decapitado por um membro da Máfia irlandesa de esqui aquático.

Fomos até o outro lado da varanda para tentar ver o jovem Robert Taft Rumfoord nadando. Um cúter da Guarda Costeira espantava da praia dos Kennedys algumas lanchas cheias de turistas. Vimos um barco de excursão apinhado de gente que olhava para nós. O guia do barco tinha um alto-falante muito potente, de modo que podíamos ouvir quase tudo quanto dizia.

— *Aquele barco branco lá é o* Honey Fitz*, o iate pessoal do Presidente* — disse o guia. — *Junto está o* Marlin*, que pertence ao pai do Presidente, Joseph C. Kennedy, ex-embaixador à Corte de St. James.*

— A fedorenta do presidente e a fedorenta do pai do Presidente — disse o Comodoro. Chamava todas as embarcações a motor de fedorentas. — Este porto devia ser dedicado exclusivamente a barcos a vela.

Na parede da varanda havia um mapa do porto. Examinei-o e achei uma *Ponta Rumfoord,* uma *Pedra Rumfoord* e um *Baixo Rumfoord.* O Comodoro me disse que sua família morava em Hyannis Port desde 1884.

— Parece que não há nada com o nome de Kennedy — observei.

— Por que é que haveria de ter? — disse ele. — Só chegaram aqui anteontem.

— Anteontem? — repeti.

— Como é que você descreveria mil novecentos e vinte e cinco?

— *Não, senhor* — disse o guia a um dos passageiros —, *aquela* não *é a casa do Presidente. Todo mundo faz a mesma pergunta. Aquela casa de estuque, feia e velha, pessoal, é o Chalé dos Rumfoords. Concordo com vocês que é grande demais para ser chamada de chalé, mas vocês sabem como é ser rico.*

— É estar desmoralizado e falido pela tributação confiscatória — disse o Comodoro. E prosseguiu: — Sabe, não é que Kennedy seja o primeiro Presidente a vir para Hyannis Port. Taft, Harding, Coolidge e Hoover foram todos hóspedes de meu pai nesta mesma casa. Kennedy é meramente o primeiro Presidente que houve por bem transformar este lugar numa filial da Disneylândia.

— *Não, senhora* — disse o guia —, *não sei de onde provém o dinheiro dos Rumfoords, mas sei que não precisam trabalhar. Só sei que ficam sentados naquela varanda tomando martínis, e a grana vem chegando sozinha.*

O Comodoro ficou furioso. Disse que ia processar os proprietários do barco de excursões por um milhão de dólares. Sua mulher procurou acalmá-lo, mas ele me fez entrar no seu escritório, de onde ia telefonar ao seu advogado.

— Você é testemunha — disse ele.

Mas o telefone tocou antes que ele pudesse chamar o advogado. Quem o procurava era um agente do Serviço Secreto, cujo nome era Raymond Boyle. Descobri mais tarde que entre os Kennedys ele era conhecido como *Especialista em Rumfoords* ou o *Embaixador na Rumfoordânia.* Sempre quando surgia algum caso envolvendo os Rumfoords, Boyle era encarregado.

O Comodoro me disse para subir e escutar na extensão do corredor. — Isso lhe dará uma ideia de como são arrogantes os funcionários públicos hoje em dia.

De modo que subi.

— O Serviço Secreto é um dos serviços menos secretos que conheço — dizia o Comodoro quando levantei o fone. — Vi bandas militares que davam menos na vista. Já lhe contei a história de como Calvin Coolidge, que por acaso era também Presidente, foi pescar pargos com meu pai e comigo no cais do Iate Clube?

— Contou, sim, e várias vezes — disse Boyle. — É uma história muito boa e gostaria de ouvi-la de novo, um dia desses. Mas agora estou lhe telefonando a respeito de seu filho.

Mas o Comodoro não lhe deu atenção e passou a contar a sua história. — Ele insistia em iscar o seu próprio anzol, e as Frotas reunidas do Atlântico e do Pacífico não estavam ancoradas ao largo, e o céu não estava coalhado de aviões, e brigadas de agentes do Serviço Secreto não estavam reduzindo a purê os canteiros de flores dos vizinhos.

— Comodoro — disse Boyle com paciência —, seu filho Robert foi detido no ato de subir a bordo do iate do pai do Presidente, o *Marlin.*

— Nos tempos de Coolidge não havia dessas fedorentas neste povoado, vazando produtos de petróleo, lançando fumaça, matando os peixes e transformando as praias em pastas pegajosas e pretas.

— Comodoro Rumfoord — falou Boyle —, o senhor ouviu o que eu disse sobre seu filho?

— Naturalmente. O senhor disse que Robert, um membro do Iate Clube de Hyannis Port, foi detido tocando a embarcação de outro membro do clube. Isto pode parecer um crime terrível para marinheiros de água doce como o senhor, mas é costume antigo do mar, Sr. Boyle, que um nadador, momentaneamente acometido de fadiga, pode, ao alcançar uma embarcação que não a sua, tocar esta embarcação e descansar, sem recear ser alvo da artilharia da Guarda Costeira ou de ter seus dedos esmagados por membros do Serviço Secreto, ou, como prefiro chamá-lo, os *Dragões do Palácio dos Kennedys*.

— Não houve tiros nem esmagamentos, Comodoro — disse Boyle. — Tampouco houve prova de fadiga. Seu filho subiu pela corda da âncora do *Marlin* como um chipanzé. E quero lembrar ao senhor, como também lembrei a ele, que uma pessoa, não convidada nem anunciada, transitando na vizinhança imediata do Presidente com tanta velocidade e determinação tem, segunde normas há muito estabelecidas, de ser repelida — se necessário, *violentamente*.

— Foi um Kennedy que deu a ordem de repelir a pessoa que subiu a bordo? — quis saber o Comodoro.

— Não havia um só Kennedy a bordo.

— A fedorenta estava desocupada?

— Adlai Stevenson, Walter Reuther e um de meus homens estavam lá — disse Boyle. — Estavam todos embaixo, quando ouviram os passos de Robert no convés.

— Stevenson e Reuther? — exclamou o Comodoro. — Esta é a última vez que deixo meu filho ir nadar sem um punhal entre os dentes. Espero que tenha aberto as válvulas antes de perder os sentidos à custa de cacetadas.

— Muito engraçado — disse Boyle, com voz um pouco cortante.

— Tem certeza de que era o meu Robert?

— Quem, a não ser o seu Robert, usa um distintivo pró-Goldwater no calção de banho?

— O senhor é contra as opiniões políticas de meu filho? — perguntou o Comodoro.

— Eu citei o distintivo como meio de identificação. Os pontos de vista políticos de seu filho não interessam ao Serviço Secreto. Para sua informação, passei sete anos protegendo a vida de um Republicano e três protegendo a vida de um Democrata — disse Boyle.

— Para sua informação, Sr. Boyle — retrucou o Comodoro — Dwight David Eisenhower não era Republicano.

— O que quer que tinha sido, eu o protegi. Pelo que sei, podia ter sido zoroastriano. E o que quer que seja o próximo Presidente, eu o protegerei também. E também protejo a vida de pessoas como seu filho das consequências da informalidade excessiva no tocante à presença presidencial. — A voz de Boyle era cortante de verdade. Parecia uma serra de fita entrando em estanho galvanizado. — Eu lhe digo, oficialmente e com a maior seriedade, que o seu filho deve cessar, de uma vez por todas, de se servir dos barcos da família Kennedy como locais para entrevistas amorosas.

Essa atingiu o Comodoro. — Entrevistas amorosas?

— O seu Robert está se encontrando com uma moça em todos os barcos do porto. Tinha combinado encontrá-la hoje no *Marlin,* na certeza de que estaria vazio. Adlai Stevenson e Walter Reuther foram um choque para ele.

O Comodoro calou-se por alguns segundos e depois falou: — Sr. Boyle, as suas implicações são ofensivas. Se eu voltar a ouvir insinuações semelhantes será melhor o senhor passar a sua pistola e o seu coldre para o nome de sua mulher, pois vou processá-lo por tudo que o senhor possui. Meu Robert jamais saiu nem jamais sairá com uma moça que não tenha orgulho de apresentar a sua mãe e a mim.

— Esta o senhor vai conhecer daqui a pouco — disse Boyle. — Robert está a caminho de casa com ela.

Subitamente, o Comodoro perdeu a agressividade. Estava humilde e inquieto ao perguntar: — Poderia me dar o nome dela?

— Kennedy, senhor. *Sheila* Kennedy, recém-chegada da Irlanda e prima em quarto grau do Presidente dos Estados Unidos.

O jantar naquela noite no chalé dos Rumfoords foi triste e lindo, feliz e estranho. Éramos cinco: Robert e sua garota, eu e o Comodoro e sua mulher.

A garota era tão inteligente, tão cordial e tão bela que senti o coração doendo cada vez que olhava para ela. É por isto que o jantar foi tão esquisito. A jovem era tão desejável e o amor entre ela e Robert era tão bonito e cristalino que ninguém encontrou outra coisa para dizer senão aquelas pequenas bobagens. Comemos em silêncio a maior parte do tempo.

O Comodoro provocou o assunto da política apenas uma vez. Dirigiu-se a Robert. — Bem... ah... você vai continuar a fazer discursos pelo país ou... ah...

— Acho que vou me afastar da política totalmente por uns tempos — disse Robert.

O Comodoro falou algo que ninguém de nós conseguiu entender, porque as palavras pareciam sufocá-lo.

— Senhor? — fez Robert.

— Eu disse — repetiu o Comodoro — que eu já desconfiava.

Olhei para Clarice, a mulher do Comodoro. Todas as rugas haviam desaparecido de seu rosto. Também ela ficou jovem e linda. Pela primeira vez em sabe Deus quantos anos ela parecia completamente descansada.

Uma coisa que eu disse a respeito do jantar é que era *triste.* Era triste porque deixou o Comodoro calado e vazio por dentro.

Os dois namorados foram velejar ao luar. O Comodoro, sua mulher e eu ficamos tomando conhaque do lado marítimo da varanda. O sol se pusera. O tráfego de turistas cessara. Os excursionistas que haviam pedido licença para descansar no gramado naquela tarde ainda estavam lá, dormindo a sono solto, exceto um rapaz que tocava violão, tão lentamente que às vezes parecia que se passava um minuto entre uma dedilhada e outra.

John, o mordomo, chegou para perguntar se já era hora de ligar os holofotes do Senador Goldwater.

— Acho que vou deixá-lo desligado esta noite, John — disse o Comodoro.

— Sim, senhor — respondeu John.

— Continuo a favor dele, John. Quero que todos saibam disto. Acho apenas que lhe devíamos dar um descanso hoje.

— Sim, senhor — disse John, e se retirou.

Estava escuro na varanda e não consegui ver bem o rosto do Comodoro. A escuridão, o conhaque e o violão tocado devagarinho permitiram-lhe começar a dizer a verdade a respeito de si mesmo, sem grande sofrimento.

— Vamos dar um descanso ao Senador pelo Arizona — disse. — Todos sabem quem ele é. A pergunta é: quem sou eu?

— Um homem adorável — disse Clarice na escuridão.

— Com os holofotes de Goldwater desligados, e com meu filho noivo de uma Kennedy, não passo daquilo que o homem do barco de excursões disse: um homem que senta na varanda tomando martínis e esperando a grana chegar.

— Você é um homem inteligente, encantador e culto e ainda é bastante jovem — falou Clarice.

— Vou ter de procurar um trabalho qualquer.

— Ficaríamos ambos muito felizes — disse ela. — Eu amarei você sempre, aconteça o que acontecer — mas é bem difícil para uma mulher admirar um homem que não faz trabalho algum.

Ficamos ofuscados pelos faróis de dois automóveis que saíam pelo portão dos Kennedys. Pararam bem em frente ao Chalé dos Rumfoords. Quem quer que estivesse lá dentro parecia estar submetendo a casa a uma inspeção rigorosa.

O Comodoro foi para o outro lado da varanda para ver o que havia. E então ouvi a voz do Presidente dos Estados Unidos vindo do primeiro carro.

— Comodoro Rumfoord — disse o Presidente —, posso perguntar o que houve com o quadro de Goldwater?

— Nada, Sr. Presidente — respondeu o Comodoro respeitosamente.

— Então por que não está iluminado? — quis saber o Presidente.

— Não me deu vontade hoje, Sr. Presidente — respondeu o Comodoro.

— Estou em companhia do cunhado do Sr. Khrushchev — disse o Presidente. — Ele gostaria muito de ver o conjunto.

— Sim, senhor. — O interruptor estava bem à mão do Comodoro. Ligou-o imediatamente. A área toda ficou banhada numa luz ofuscante.

— Muito obrigado — disse o Presidente. — E deixe ligado, por favor, sim?

— Senhor? — fez o Comodoro.

O carro começou a se afastar lentamente. — Dessa maneira — disse o Presidente — eu posso encontrar o caminho de casa.

(1963)

RELATÓRIO SOBRE O EFEITO DE BARNHOUSE

Quero começar dizendo que não sei mais do que outra pessoa qualquer onde é que o Professor Arthur Barnhouse está se escondendo. Com exceção de uma mensagem curta e enigmática, deixada na minha caixa de correspondência na véspera de Natal, nada soube dele desde o seu desaparecimento, há um ano e meio.

E o que é mais, os leitores deste artigo ficarão desapontados se esperam aprender como eles próprios poderão produzir o chamado "Efeito de Barnhouse". Se eu pudesse e quisesse revelar esse segredo, seria hoje, sem dúvida, algo mais importante do que instrutor de psicologia.

Instaram-me a escrever este relatório porque realizei pesquisas sob a orientação do professor e porque fui o primeiro a saber de sua espantosa descoberta. Mas enquanto fui seu aluno, jamais adquiri o conhecimento de como as forças mentais podem ser liberadas e dirigidas. Nunca confiou isto a quem quer que fosse.

Quero frisar que a expressão "Efeito de Barnhouse" é uma criação da imprensa popular e jamais foi usada pelo Professor Barnhouse. O nome que ele escolheu para o fenômeno foi *dinamopsiquismo* ou *a força da mente.*

Não posso acreditar que exista hoje uma pessoa civilizada que não esteja convencida da existência dessa força, cujos efeitos destruidores estão à mostra em todas as capitais nacionais. Acho que a humanidade sempre teve a suspeita da existência dessa força. Todos sabem que certas pessoas têm mais sorte do que outras com objetos inanimados como dados. O que o Professor Barnhouse fez foi mostrar que essa "sorte" era um elemento mensurável, e que no seu caso era enorme.

Pelos meus cálculos, na época em que se escondeu, o professor era cerca de cinquenta e cinco vezes mais potente do que uma bomba atômica do tipo Nagasaki. Ele não estava blefando quando, na véspera da “Operação Força Mental”, disse ao General Honus Barker: “Sentado aqui, à mesa de jantar, tenho certeza de que posso arrasar qualquer coisa neste mundo — desde Joe Louis, até a Grande Muralha da China”.

Há uma tendência compreensível de se considerar o Professor como uma provocação sobrenatural. A Primeira Igreja de Barnhouse, em Los Angeles, tem uma congregação de muitos milhares. Mas ele nada tem de divino, seja na aparência, seja no intelecto. O homem que desarma o mundo é solteiro, mais baixo do que o americano médio, gordo e avesso aos exercícios físicos. O seu Q.I. é 143, o que é bom mas nada tem de sensacional. É perfeitamente mortal, está chegando aos quarenta e goza de boa saúde. Se está sozinho agora, o seu isolamento não o incomodará. Era calado e tímido quando o conheci e parecia achar mais companheirismo nos livros e na música do que em suas associações na universidade.

Nem ele nem seus poderes estão fora da esfera da Natureza. Suas radiações dinamopsíquicas estão sujeitas a muitas leis físicas conhecidas que se aplicam no campo do rádio. São poucos aqueles que nunca ouviram o ronco da “estática de Barnhouse” no seu receptor doméstico. As radiações são afetadas por manchas solares e variações na ionosfera.

No entanto, diferem de várias maneiras importantes das ondas de transmissão comuns. A sua energia total pode ser concentrada sobre um único ponto à escolha do professor, e essa energia não é diminuída pela distância. Como arma, portanto, o dinamopsiquismo leva uma vantagem sobre bombas bacteriológicas e atômicas, além do fato de nada custar o seu uso: permite ao professor concentrar-se em indivíduos ou objetos críticos, em vez de massacrar populações inteiras no processo de manutenção do equilíbrio internacional.

Como disse o General Honus Barker à Comissão de Assuntos Militares da Câmara: — Até que Barnhouse seja encontrado, não haverá defesa contra o Efeito de Barnhouse. As tentativas de interferência ou bloqueio das radiações fracassaram. O Primeiro-Ministro Slezak poderia ter economizado a soma fantástica que empregou no seu abrigo *à prova de Barnhouse.* Apesar da blindagem de chumbo, com uma espessura de quatro metros, o primeiro-ministro foi derrubado duas vezes dentro do abrigo.

Fala-se em examinar a população em busca de homens com potencial dinamopsíquico tão potente quanto o do professor. Mês passado, o Senador Warren Foust exigiu verbas para esse fim com as seguintes palavras apaixonadas: — Quem dominar o Efeito de Barnhouse, dominará o mundo! — O Comissário Kropotnik disse mais ou menos a mesma coisa, de modo que se iniciou uma nova corrida armamentista, com um aspecto diferente.

Esta corrida, pelo menos, tem os seus aspectos cômicos. Os melhores jogadores do mundo estão sendo mimados pelos governos como se fossem físicos nucleares. Pode haver algumas centenas de pessoas no mundo com talento dinamopsíquico, inclusive eu próprio. Mas sem conhecerem a técnica do professor, jamais passarão de déspotas da mesa de dados. Obtendo o segredo, provavelmente levariam dez anos para se transformar em armas perigosas. Foi o tempo que o professor levou. Quem domina o Efeito de Barnhouse é o próprio Barnhouse e o dominará por algum tempo.

Segundo todo o mundo, a *Era de Barnhouse* teria começado há um ano e meio, no dia da Operação Força Mental. Foi quando o dinamopsiquismo se tornou politicamente significativo. Na realidade, o fenômeno foi descoberto em maio de 1942, pouco depois do professor ter recusado uma patente no Exército e se alistado como soldado de artilharia. Como os raios X e a borracha vulcanizada, o dinamopsiquismo foi descoberto por acaso.

De tempos em tempos, o Soldado Barnhouse era convidado, pelos seus companheiros de alojamento, para tomar parte em jogos de azar. Nada sabia a respeito de jogos e geralmente se escusava. Uma noite, porém, não querendo fazer feio, concordou em jogar dados. O fato de ter jogado foi terrível ou formidável, dependendo se você gosta ou não do mundo como é hoje.

— Faça uns setes, Velho — disse alguém.

E o *Velho* fez setes — dez vezes em seguida, limpando todo mundo do quartel. Foi para o seu beliche e, como exercício matemático, calculou, no verso de um talão de lavanderia, as probabilidades contra a sua façanha. Descobriu que era de uma em quase dez milhões! Estupefato, pediu emprestado um par de dados ao homem no beliche vizinho. Novamente procurou jogar setes mas só conseguiu fazer o sortimento costumeiro de números. Deitou-se por um momento, depois começou a brincar com os dados. Fez mais dez setes seguidos.

Poderia se ter contentado com o assobio de admiração. Mas, em vez disso, começou a pensar nas circunstâncias que cercaram as suas duas marés de sorte. Só havia um único fator em comum: nas duas ocasiões, *a mesma sequência de pensamentos passara pelo seu cérebro logo antes de lançar os dados.* Foi essa sequência de pensamentos que alinhou as células cerebrais do professor naquilo que desde então se transformou na arma mais poderosa do mundo.

O soldado do beliche ao lado deu a primeira demonstração de respeito ao dinamopsiquismo. Numa declaração amena que certamente teria feito sorrir melancolicamente os desanimados demagogos do mundo, ele disse: “Opa, você hoje está quente um bocado, Velho.” E o Professor Barnhouse estava mesmo. Os dados que lhe obedeciam não pesavam mais do que alguns gramas, de modo que as forças necessárias eram diminutas; mas o fato inequívoco de que existiam era sensacional.

A cautela profissional impediu-o de revelar a sua descoberta imediatamente. Queria mais fatos e muita teoria para fundamentá-los. Mais tarde, quando a bomba atômica foi lançada sobre Hiroxima, foi o medo que o fez calar-se. Em tempo algum suas experiências foram, como as chamou o Primeiro-Ministro Slezak, *uma conspiração burguesa para escravizar as verdadeiras democracias do mundo.* O próprio professor não sabia aonde levariam.

Com o tempo, ele veio a identificar outros aspectos surpreendentes do dinamopsiquismo: *sua força aumentava com o uso.* Dentro de seis meses ele era capaz de controlar dados lançados por homens a distância de uma caserna. Quando de sua baixa, em 1945, podia derribar tijolos de uma chaminé a cinco quilômetros.

As acusações de que o Professor Barnhouse poderia ter ganho a última guerra num minuto, mas não quis fazê-lo, são inteiramente absurdas. Ao término da guerra, ele tinha o alcance e a potência talvez de um canhão de 37 milímetros — nunca mais do que isso. Seus poderes dinamopsíquicos somente se graduaram da classe das armas pequenas após sua baixa e retorno à Universidade de Wyandotte.

Matriculei-me no Curso de Graduação de Wyandotte dois anos depois da volta do professor ao corpo docente. Por acaso foi nomeado meu conselheiro de tese. Não fiquei muito feliz com essa nomeação, pois o professor, tanto aos olhos dos alunos como de seus colegas, era uma figura um tanto ridícula. Perdia as aulas e tinha lapsos de memória durante as preleções. Na verdade, quando eu cheguei, os seus defeitos haviam passado do ridículo para o intolerável.

— Estamos entregando você a Barnhouse de forma mais ou menos temporária — disse-me o diretor de estudos sociais. Tinha um ar de quem está perplexo e pedindo desculpas. — Um homem brilhante, o Barnhouse, suponho. É difícil saber como está agora, talvez, mas o seu trabalho trouxe bastante prestígio para a nossa modesta escola.

Quando me apresentei pela primeira vez no laboratório do professor, o que vi era mais desolador do que todos os boatos. Todas as superfícies do recinto estavam cobertas de poeira; os livros e aparelhos não haviam sido tocados há meses. Quando entrei, o professor cochilava à escrivaninha. Os únicos sinais de atividade recente eram três cinzeiros transbordando de pontas de cigarros, uma tesoura e um jornal com vários itens cortados da primeira página.

Ao levantar a cabeça à minha entrada, vi que seus olhos estavam nublados de cansaço. — Olá — disse ele. — Não estou conseguindo dormir de noite. — Acendeu um cigarro com as mãos ligeiramente trêmulas. — Você é o jovem a quem vou ajudar numa tese?

— Sim, senhor — respondi. Em poucos minutos ele transformou meu receio em pânico.

— É veterano de ultramar? — perguntou.

— Sim, senhor.

— Não sobrou muito por lá, sobrou? — Franziu a testa. — Gostou da última guerra?

— Não, senhor.

— Acha que vamos ter outra?

— Parece que sim.

— Que é que se pode fazer a respeito?

Dei de ombros. — Acho que não tem jeito.

Olhou-me atentamente. — Entende alguma coisa de direito internacional, Nações Unidas, coisas assim?

— Só o que leio nos jornais.

— Idem — suspirou ele. Mostrou-me um álbum grosso, cheio de recortes de jornais. — Nunca liguei muito para política internacional, mas agora fico estudando-a como estudava ratos em labirintos. Todos me dizem a mesma coisa: não tem jeito.

— Só um milagre... — comecei a dizer.

— Acredita em mágica? — interrompeu-me ele. Tirou dois dados do bolso do colete. — Vou tentar fazer dois. — Fez dois três vezes seguidas. — Uma probabilidade em cerca de 47.000 disto acontecer. Eis o seu milagre. — Sorriu por um instante e depois concluiu a entrevista dizendo que tinha uma aula para a qual já estava atrasado dez minutos.

Demorou a se abrir comigo e não falou mais no seu truque com os dados. Supus que estivessem viciados e me esqueci do incidente. Deu-me a tarefa de observar ratos machos cruzando tiras de metal eletrificado — uma experiência realizada com sucesso geral nos anos trinta. Como se não bastasse a inanidade do meu trabalho, o professor ainda me irritava com perguntas irrelevantes. Suas favoritas eram: “Acha que fizemos bem jogando a bomba atômica em Hiroxima?” e “Acha que a divulgação de todas as informações científicas seja boa para a humanidade?”

Contudo, as coisas não demoraram a mudar. — Vamos dar umas férias a esses pobres bichos — disse ele certa manhã, depois que eu estava trabalhando com ele apenas um mês. — Gostaria que me ajudasse a resolver um problema mais interessante — a saber, a minha sanidade mental.

Recoloquei os ratos nas suas gaiolas.

— O que você tem a fazer é simples — disse ele em voz baixa. — Observe o tinteiro na minha mesa. Se não vir nada, diga-me e eu vou tranquilamente — e aliviado, quero acrescentar — para um sanatório.

Concordei, hesitante.

Trancou a porta do laboratório e desceu as venezianas, deixando-nos no escuro por um momento. — Sou esquisito, sabe. Foi o medo de mim mesmo que me deixou esquisito.

— Eu considero o senhor talvez excêntrico, mas nunca...

— Se nada acontecer ao tinteiro, a única descrição que me caberá é de doido varrido — respondeu ele acendendo as luzes do teto. Semicerrou os olhos. — Para lhe dar uma ideia do grau de loucura, vou lhe contar o que me tem passado pela cabeça quando deveria estar dormindo. Acho que talvez possa salvar o mundo. Acho que talvez possa transformar cada país numa nação rica e acabar com as guerras de uma vez por todas. Acho que talvez possa abrir estradas nas selvas, irrigar desertos e construir represas da noite para o dia.

— Sim, senhor.

— Observe o tinteiro!

Observei, obediente e temeroso. Um zumbido agudo parecia provir do tinteiro, o qual, em seguida, começou a vibrar assustadoramente e, por fim, a pular sobre o tampo da mesa, descrevendo duas voltas ruidosas. Parou, voltou a zumbir, incandesceu e, com um clarão verde-azulado, desfez-se em fragmentos.

Talvez eu estivesse com os cabelos em pé. O professor riu brandamente. — Ímãs? — consegui dizer por fim.

— Antes fossem ímãs — murmurou ele. Foi então que me falou de dinamopsiquismo. Apenas sabia que essa força existia; não podia explicá-la. — Sou eu quem fez tudo isso e mais ninguém — e é horrível!

— Eu acho que é espantoso e formidável! — exclamei.

— Se tudo que eu soubesse fazer fosse obrigar tinteiros a dançar, eu estaria encantado com esse negócio todo. — Desconsolado, deu de ombros. — Mas não sou nenhum brinquedo, meu filho. Se quiser, podemos dar uma volta pela redondeza e eu lhe mostrarei o que quero dizer. — Contou-me sobre pedregulhos pulverizados, carvalhos despedaçados e casas abandonadas demolidas num raio de oitenta quilômetros do campus. — Fiz tudo isso sentado aqui mesmo, só pensando — e sem pensar com muita força.

Coçou a cabeça nervosamente. — Nunca tive a coragem de me concentrar com toda a força, com medo dos danos que eu poderia causar. Cheguei ao ponto em que um simples capricho é como uma bomba arrasa-quarteirão. — Deprimido, fez uma pausa. — Até que, há poucos dias, achei melhor guardar o meu segredo, receoso do uso que poderiam fazer dele — continuou. — Agora compreendo que não tenho maior direito de conservá-lo do que um homem tem de possuir uma bomba atômica.

Remexeu num monte de papéis. — Acho que isto diz tudo que precisa ser dito. — Passou-me a minuta de uma carta endereçada ao Secretário de Estado.

Prezado Senhor:

Descobri uma força que nada custa para usar e que provavelmente é mais importante do que a energia atômica. Gostaria que fosse utilizada da maneira mais eficiente pela causa da paz e, assim, venho solicitar o seu conselho sobre como fazê-lo.

Atenciosamente.
A. Barnhouse

— Não tenho a menor ideia do que vai acontecer agora — disse o professor.

Seguiram-se três meses de pesadelo ininterrupto, durante o qual os figurões políticos e militares vinham a todas as horas para ver o professor fazendo os seus truques.

Estávamos alojados numa velha mansão perto de Charlottesville, na Virgínia, aonde tínhamos sido levados às pressas cinco dias depois do envio da carta. Cercados de arame farpado e vinte guardas, recebemos o nome de “Projeto Poço dos Desejos” e fomos classificados de Ultrassecreto.

Como companhia tínhamos o General Honus Barker e William K. Cuthrell, do Departamento de Estado. Às palavras do professor sobre abundância através da paz respondiam com sorrisos tolerantes e muita fala sobre medidas práticas e pensamento realista. Tratado dessa forma, o professor, que no princípio se mostrara quase humilde, atingiu, dentro de duas semanas, um estado de teimosia.

Concordara em revelar a sequência de pensamentos, através da qual sua mente passava a funcionar como transmissor dinamopsíquico. Mas, importunado constantemente por Cuthrell e Barker para fazer essa revelação, começou a se esquivar. A princípio disse que a informação podia ser passada simplesmente de forma verbal. Mais tarde afirmou que seria preciso escrever um longo relatório a respeito. Finalmente, numa noite, na hora do jantar, quando o General acabava de ler as ordens secretas para a Operação Força Mental, o professor anunciou: — O relatório pode levar cinco anos para ser escrito. — Olhou para o general com ferocidade. — Talvez até vinte.

A consternação provocada por essa afirmação chã foi um tanto compensada pela excitante expectativa da Operação Força Mental. O general estava radiante. — Os navios-alvo estão a caminho das Ilhas Carolinas neste instante — declarou ele extasiado. — Cento e vinte! Ao mesmo tempo, dez V-2 estão sendo preparadas para lançamento no Novo México, e cinquenta bombardeiros a jato controlados pelo rádio estão sendo equipados para um ataque simulado às Ilhas Aleutas, Imaginem só! — Contente, recapitulou as ordens. — Às 11 horas, em ponto de quarta-feira próxima, eu lhe darei ordem para se *concentrar,* e o senhor, professor, pensará com todas as suas forças em afundar os navios-alvo, em destruir as V-2 antes que atinjam o solo e em derrubar os bombardeiros antes que cheguem às Aleutas! Acha que vai poder?

O professor empalideceu e fechou os olhos. — Como já lhe disse antes, meu amigo, não sei do que sou capaz. — E acrescentou com amargura: — E quanto a esta Operação Força Mental, jamais fui consultado a respeito e ela me parece infantil e absurdamente cara.

O General Barker se empertigou. — Professor — disse ele —, o seu campo é a psicologia e eu não teria a presunção de lhe dar conselhos nesse campo. Tenho trinta anos de experiência e êxito, Professor, e peço-lhe não criticar o meu julgamento.

O professor dirigiu-se ao Sr. Cuthrell. — Olhe aqui — pediu ele —, não é justamente da guerra e dos assuntos militares que nos queremos livrar? Eu gostaria de fazer funcionar geradores onde não há energia hidráulica ou térmica, para irrigar desertos e coisas assim. Vocês podiam calcular o que cada país necessita para aproveitar melhor os seus recursos e eu lhes daria tudo, sem que o contribuinte americano tivesse que pagar um níquel.

— O preço da liberdade é a eterna vigilância — disse o general pomposamente.

O Sr. Cuthrell lançou um olhar de aversão para o general. — Infelizmente, o general tem razão, à sua maneira — disse ele. — Quisera Deus que o mundo estivesse preparado para ideais como os seus, mas simplesmente não está. Não estamos cercados de irmãos, mas de inimigos. Não é a falta de alimentos ou de recursos que nos levou à beira da guerra — é a luta pelo poder. Quem vai tomar conta do mundo — gente como nós ou como eles?

O professor balançou a cabeça em concordância relutante. — Peço desculpas, senhores. Afinal, estão melhor qualificados para saber o que é melhor para o nosso país. Farei o que mandarem. — Voltou-se para mim. — Não se esqueça de dar corda ao relógio secreto e de fechar a porta confidencial — disse ele melancolicamente e subiu as escadas para o seu quarto.

Por motivos de segurança nacional, a Operação Força Mental se realizou sem o conhecimento do público americano, que estava pagando a conta. Os observadores, técnicos e militares participantes sabiam que uma experiência estava em curso, mas não tinham a menor ideia a respeito de quê. Apenas trinta e sete pessoas, eu incluído, sabiam do que se tratava.

Na Virgínia, o dia da Operação Força Mental amanheceu inesperadamente frio. Dentro da casa, um fogo de lenha crepitava na lareira e as chamas se refletiam nos armários de metal polido que adornavam a sala de estar. Tudo quanto restava do lindo mobiliário do aposento era uma marquesa vitoriana bem no centro do assoalho, de frente para três televisores. Um longo banco fora trazido para nós, os dez privilegiados que assistiriam à operação. As telas dos aparelhos mostravam, da esquerda para a direita, a faixa de deserto que era o alvo dos mísseis, a esquadra-cobaia eu m trecho do céu das Aleutas, pelo qual passaria a formação dos bombardeiros controlados pelo rádio.

Noventa minutos antes da hora H, os rádios anunciaram que os foguetes estavam prontos, que os navios de observação haviam recuado para o que se considerava uma distância segura, e que os bombardeiros estavam a caminho. A pequena audiência virginiana instalou-se no banco em ordem hierárquica, fumando muito e falando pouco. O Professor Barnhouse estava no seu quarto. O General Barker corria de um lado para outro, como uma mulher preparando uma Ceia de Natal para vinte pessoas.

Dez minutos antes da hora H, o general entrou conduzindo o professor. Este estava confortavelmente trajado de alpargatas, calças de flanela cinza, uma suéter azul e uma camisa branca de gola aberta. Os dois se sentaram lado a lado na marquesa. O general estava rígido e suado; o professor se mostrava alegre. Olhou para cada uma das telas, acendeu um cigarro e se recostou.

— Bombardeiros à vista! — gritaram os observadores nas Aleutas.

— Foguetes a caminho! — urrou o operador de rádio no Novo México.

Todos nós olhamos rapidamente para o grande relógio elétrico acima da lareira, enquanto o professor, com um pequeno sorriso, continuava a fitar os televisores. Em voz cavernosa, o general contava os segundos que faltavam: “Cinco... quatro... três... dois... um... *Concentrar*!”

O Professor Barnhouse fechou os olhos, contraiu os lábios e alisou as fontes. Manteve a posição durante um minuto. As imagens televisionadas ficaram destorcidas e os sinais do rádio foram abafados pelo ruído da estática de Barnhouse. O professor suspirou, abriu os olhos e sorriu confiante.

— Deu tudo que tinha? — perguntou o general, duvidoso.

— Abri todas as torneiras — respondeu o professor.

As imagens se recompuseram e pelos rádios ouviram-se numerosas exclamações de surpresa dos observadores.

O céu das Aleutas estava riscado de caudas de fumaça dos bombardeiros que se precipitavam em chamas. Simultaneamente, bem acima do alvo dos foguetes, surgiram numerosas pequenas nuvens brancas, seguidas de um trovão longínquo.

Feliz, o General Barker sacudiu a cabeça. — Sim, senhor! — exclamou. — Ora, ora, sim, senhor! Sim, senhor!

— Olhem! — gritou o almirante ao meu lado. — Os navios estão intactos!

— Os canhões parecem estar murchando — observou o Sr. Cuthrell.

Deixamos o banco e nos aglomeramos em torno dos televisores, para examinar os danos mais de perto. O que o Sr. Cuthrell dissera era fato. Os canhões dos navios estavam curvados para baixo, as bocas deitadas sobre os conveses de aço. Nós, na Virgínia, fazíamos tanta algazarra que era impossível ouvir o que os rádios diziam. Na verdade, estávamos tão absorvidos que só demos pela falta do professor depois de dois roncos de estática de Barnhouse nos terem reduzido a um silêncio súbito. Os rádios silenciaram.

Olhamos em torno, apreensivamente. O professor desaparecera. Um guarda, aflito, abriu a porta da frente por fora para anunciar, aos gritos, que o professor escapara. Brandiu a pistola na direção do portão, que pendia aberto, flácido e retorcido. A distância, uma camioneta do governo, em alta velocidade, atingia o cume de uma colina e desapareceu de vista no vale abaixo. O ar estava cheio de uma fumaça sufocante, pois todos os veículos no pátio estavam em chamas. A perseguição era impossível.

— Que diabo deu nele? — berrou o general.

O Sr. Cuthrell, que saíra correndo para a varanda da frente, agora voltava lentamente à sala, lendo um bilhete escrito a lápis. Passou a nota para mim. — O bom homem deixou essa cartinha de amor debaixo da aldrava. Talvez o nosso jovem amigo queira ter a bondade de a ler para os senhores, enquanto dou um repousante passeio pelo bosque.

— *Senhores* — li em voz alta. — *Como primeira superarma dotada de consciência, estou me removendo do seu arsenal atômico de defesa nacional. Estabelecendo um novo precedente no comportamento de peças de artilharia, tenho razões humanitárias para desaparecer. A. Barnhouse.*

É claro que, a partir daquele dia, o professor passou a destruir sistematicamente os armamentos do mundo, até que hoje resta pouca coisa para equipar um exército, a não ser pedras e paus pontiagudos. Suas atividades não resultaram em paz, mas, sim, precipitaram uma guerra branca e divertida que poderia ser chamada de “Guerra dos Fuxicos”. Todos os países estão inundados de agentes inimigos, cuja única missão é localizar equipamento militar, que é imediatamente destruído pelo professor, logo que é chamado à sua atenção, pela imprensa.

Da mesma forma como cada dia traz notícias sobre a pulverização de armamentos pelo dinamopsiquismo, assim também traz boatos sobre o paradeiro do professor. Só na semana passada, três publicações estamparam artigos provando que ele se achava a) numa ruína inca nos Andes; b) nos esgotos de Paris, e c) nas câmaras inferiores, não exploradas, das Cavernas de Carlsbad. Conhecendo o homem, estou propenso a considerar esses esconderijos como desnecessariamente românticos e sem conforto. Se bem que haja numerosas pessoas ansiosas para matá-lo, deve haver milhões que cuidariam dele e o esconderiam. Gosto de imaginar que ele esteja na casa de uma pessoa assim.

Uma coisa é certa: neste momento, o Professor Barnhouse não está morto. A estática de Barnhouse impediu as transmissões há menos de dez minutos. Nos dezoito meses desde o seu desaparecimento ele foi dado como morto uma meia-dúzia de vezes. Cada uma dessas notícias se originava na morte de um homem não identificado parecido com o professor, durante um período livre de estática. As três primeiras notícias foram seguidas imediatamente de renovadas falas de rearmamento e recurso à guerra. Os belicistas aprenderam como podem ser imprudentes as celebrações prematuras da morte do professor.

Muito patriota valente viu-se caído entre as lonas e o madeiramento de um palanque, segundos depois de ter anunciado que a arquitirania de Barnhouse chegara ao fim. Mas aqueles que desejariam deflagrar uma guerra, se pudessem, em todos os países do mundo, aguardam, com fúria contida, aquilo que é inevitável — a morte do Professor Barnhouse.

Perguntar quanto tempo o professor vai viver é como perguntar quanto tempo devemos esperar a bênção de outra guerra mundial. Vem de família de vida curta: a sua mãe morreu aos cinquenta e três, seu pai aos quarenta e nove, e a duração das vidas dos avós de ambos os lados foi da mesma ordem. Poder-se-ia esperar, então, que viva talvez mais uns quinze anos, se conseguir se manter escondido de seus inimigos. Contudo, quando se considera o número e a força desses inimigos, quinze anos parecem um período de tempo extraordinariamente longo, que talvez fosse melhor emendar para quinze dias, horas ou minutos.

O professor sabe que não pode viver muito tempo mais. Digo isto por causa da mensagem que deixou na minha caixa de correio, na véspera de Natal. Sem assinatura, escrita à máquina num farrapo de papel sujo, a nota se compunha de dez frases. As primeiras nove, cada uma delas um emaranhado confuso de jargão psicológico e referências a textos obscuros, não fizeram para mim o menor sentido à primeira leitura. A décima, ao contrário das outras, era de construção simples e não tinha palavras compridas — mas o seu conteúdo irracional transformou-a no período mais enigmático e bizarro de todos. Quase me desfiz da nota, pensando tratar-se de uma brincadeira de mau gosto por parte de um colega. No entanto, por alguma razão, juntei-a ao resto da papelada em cima de minha escrivaninha, onde, entre outras lembranças, se achavam os dados do professor.

Prometi enviar este relatório hoje ao editor. Em vista do que sucedeu, sou obrigado a quebrar a promessa ou a mandar o relatório incompleto. A demora não será grande, pois uma das poucas bênçãos concedidas a um homem solteiro como eu é a possibilidade de se locomover rapidamente de uma morada para outra, ou de um estilo de vida para outro. Aquelas propriedades que tenciono levar comigo podem ser emaladas em poucas horas. Felizmente, tenho meios pessoais consideráveis, que poderão demorar uma semana para serem realizados de forma líquida e anônima. Feito isto, remeterei o relatório.

Acabo de voltar de uma visita ao meu médico, que me diz ser excelente a minha saúde. Sou jovem e, com alguma sorte, chegarei a uma idade provecta, pois a minha família de ambos os lados é conhecida pela sua longevidade.

Em resumo, tenciono desaparecer.

Mais cedo ou mais tarde, o professor terá de morrer. Mas muito antes disto estarei preparado. E assim, digo aos belicistas de hoje — e, espero, até mesmo aos de amanhã — a esses eu digo: Tomem cuidado. Barnhouse morrerá, mas não o Efeito de Barnhouse.

Ontem à noite, procurei mais uma vez seguir as oblíquas instruções daquele pedaço de papel. Peguei os dados do professor e então, com a última frase sinistra passando pelo meu cérebro, fiz cinquenta setes consecutivos.

Adeus.

(1950)

A QUESTÃO DO EUFONE

Senhoras e senhores da Comissão Federal de Comunicações, agradeço esta oportunidade para depor a respeito do assunto que têm diante de si.

Estou desolado — talvez “desesperado” seja a palavra certa — que o assunto se tenha tornado público. Mas agora, que as notícias estão se espalhando, é melhor contar a história de uma vez, e queira Deus que eu possa convencê-los de que a América não precisa daquilo que descobrimos.

Não nego que nós três — Lew Harrison, o locutor de rádio, Dr. Fred Bockman, o físico, e eu, que sou professor de sociologia — tenhamos encontrado paz de espírito. Encontramos, sim. E não vou dizer que seja errado buscar paz de espírito. Mas se alguém achar que deseja a paz de espírito que nós encontramos, seria melhor que buscasse um enfarte.

Lew, Fred e eu encontramos paz de espírito sentados em poltronas e ligando uma geringonça do tamanho de um televisor de mesa. Nada de ervas, regra de ouro, controle muscular ou de metermos o nariz nos problemas dos outros para esquecer os nossos; nada de hobbies, taoismo, flexões ou contemplar um lótus. A geringonça, acho eu, é o que muita gente previu vagamente como sendo a realização maior da civilização: um traço eletrônico, barato, de fácil produção em massa, que pode, com o apertar de um botão, fornecer tranquilidade. Vejo que há um instalado aqui.

Meu primeiro contato com a paz de espírito sintética ocorreu há seis meses. Foi também então que — infelizmente — conheci Lew Harrison. Lew é locutor-chefe da única estação de rádio de nossa cidade. Ganha a vida à custa de sua grande boca, e me surpreenderia muito se fosse outro que levou o assunto à sua atenção.

Além de mais uns trinta shows, Lew tem um programa científico semanal. Cada semana convida um professor da Universidade de Wyandotte e o entrevista sobre a sua especialidade. Bem, há seis meses, Lew fez um programa com um jovem sonhador e meu colega de magistério, o Dr. Fred Bockman. Dei uma carona a Fred até a rádio e ele me convidou a entrar para ver a entrevista. Só de farra, aceitei.

Fred Bockman tem trinta anos e parece ter dezoito. A vida não o marcou porque ele não lhe tem dado muita atenção. O negócio a que ele mais dá atenção, e a respeito do qual Lew Harrison queria entrevistá-lo, é aquele seu guarda-chuva de oito toneladas com o qual fica ouvindo estrelas. É uma grande antena de rádio montada numa base de telescópio. Do jeito que eu entendo, em vez de olhar para as estrelas através do telescópio, ele aponta a coisa para o espaço e pega sinais de rádio vindos de diferentes corpos celestes.

Claro que não há gente operando estações de rádio lá fora. Mas é que muitos corpos celestes emitem uma porção de energia e uma parte dela pode ser recebida na faixa de radiofrequência. Uma das coisas boas que o aparelho de Fred faz é descobrir estrelas escondidas dos telescópios por grandes nuvens de poeira cósmica. Os sinais de rádio dessas estrelas atravessam as nuvens e vão até a antena de Fred.

Não é só isto que o aparelho pode fazer, e em sua entrevista com Fred, Lew Harrison deixou a parte mais sensacional para o fim do programa. — Muito interessante — disse Lew. — Diga-me, será que seu radiotelescópio descobriu mais alguma coisa a respeito do universo que não tenha sido revelada por telescópios ópticos comuns?

Essa era a bomba. — Descobriu, sim — respondeu Fred. — Encontramos cerca de cinquenta pontos no espaço, *não escondidos por poeira cósmica,* que emitem fortes sinais de rádio. E, no entanto, não parece haver lá corpos celestes de espécie alguma.

— Ora! — exclamou Lew simulando surpresa. — Isto realmente é formidável! Senhoras e senhores, pela primeira vez na história do rádio, transmitiremos os ruídos do misterioso vácuo do Dr. Bockman. — Haviam puxado uma linha da antena de Fred no campus. Lew fez um sinal ao técnico para pegar os sinais que estavam entrando. — Senhoras e senhores, a voz do nada!

Não havia muito o que escutar — um chiado indeciso, que mais parecia ar escapando de um pneu. Estava programado para ficar no ar por cinco segundos. Quando o técnico desligou o ruído, Fred e eu, inexplicavelmente, estávamos sorrindo feito idiotas. Eu me senti repousado e aceso. Lew Harrison tinha o ar de quem tinha entrado num camarim de coristas. Apavorado, olhou para o relógio. O som ficara no ar durante cinco minutos! Se a manga do técnico não tivesse enganchado acidentalmente na chave, o chiado estaria lá até hoje.

Fred riu nervosamente e Lew procurou no roteiro o lugar em que tinha ficado. — O som do nada — disse ele. — Dr. Bockman, alguém já propôs um nome para esses interessantíssimos vácuos?

— Não — respondeu Fred. — Até agora não têm nome nem explicação.

Os vácuos de onde vem o chiado ainda não foram explicados, mas eu sugeri um nome para eles que parece estar pegando: — A Euforia de Bockman. — Podemos não saber bem o que são aqueles locais, mas sabemos o que fazem, de modo que o nome é apropriado. Euforia, significando uma sensação de alegria e bem-estar, é realmente a única palavra que serve.

Depois do programa, Fred, Lew e eu fomos tão cordiais um com o outro que chegamos às raias da pieguice.

— Não me lembro de um programa que me tenha dado tanto prazer — disse Lew. A sinceridade não é o seu forte, no entanto estava dizendo a verdade.

— Foi uma das experiências mais memoráveis de minha vida — declarou Fred, com o ar intrigado. — Extraordinariamente agradável.

Estávamos todos sem jeito pela emoção que sentíamos e nos separamos perplexos e apressados. Corri para casa, ansiando por um drinque, apenas para dar de cara com outra experiência desconcertante.

A casa estava silenciosa e eu a atravessei duas vezes antes de descobrir que não estava só. Susan, minha mulher, uma criatura boa e simpática, que se orgulha de alimentar a sua família bem e pontualmente, estava deitada no sofá, fitando o teto com ar sonhador. — Amor — disse eu hesitante —; cheguei. É hora do jantar.

— Fred Bockman falou pelo rádio hoje — murmurou ela em voz distante.

— Eu sei. Estive com ele no estúdio.

— Ele estava fabuloso — suspirou Susan. — Simplesmente fabuloso. Aquele barulho do espaço — quando ele ligou aquilo, eu parecia estar flutuando. Fiquei deitada aqui procurando me refazer.

— Hum — disse eu mordendo o lábio. — Bem, acho melhor chamar Eddie. — Eddie é o meu filho de dez anos e capitão de um time de beisebol aparentemente invencível do bairro.

— Poupe suas forças, papai — disse uma voz miúda vinda das sombras.

— Você está em casa? Que é que houve? Jogo cancelado por causa de ataque atômico?

— Não. Jogamos oito turnos.

— Vocês estavam ganhando de tal jeito que os outros não quiseram continuar?

— Até que eles estavam indo bastante bem. O jogo estava empatado e eles tinham dois homens no campo e dois fora. — Falava como se estivesse contando um sonho. — E então — continuou, seus olhos se arregalando — todo mundo pareceu perder o interesse e saiu andando por aí. Eu vim para casa, encontrei a velha enroscada ali, de modo que deitei no chão.

— Por quê? — perguntei, incrédulo.

— Papai — disse Eddie, pensativamente —, diabos me levem se eu sei.

— Eddie! — exclamou a mãe.

— Mamãe — retrucou Eddie —, diabos me levem se você sabe.

Diabos me levem se alguém podia explicar, mas tive um palpite inquietante. Liguei para Fred. — Fred, estou interrompendo o seu jantar?

— Antes estivesse — respondeu ele. — Não temos nem uma fatia de pão aqui em casa e eu tinha deixado o carro com Marion para ela fazer as compras. Agora está tentando encontrar um armazém aberto.

— O carro não pegou, é isso?

— Claro que o carro pegou. Marion chegou até a entrar no supermercado. Aí se sentiu tão bem que resolveu sair de novo. — Fred parecia deprimido. — Acho que é um privilégio feminino mudar de ideia, mas o que dói é a mentira.

— Marion mentiu? Não acredito.

— Ela tentou me convencer que todo o mundo saiu do armazém junto com ela, até os empregados.

— Fred — disse eu —, tenho novidades para você. Posso ir aí logo depois do jantar?

Quando cheguei à fazenda de Fred, ele estava olhando, estupefato, para o jornal da tarde.

— A cidade toda ficou maluca! — exclamou Fred. — Sem motivo aparente, todos os carros encostaram na calçada como se estivesse passando um carro do Corpo de Bombeiros. Diz aqui que as pessoas paravam no meio de uma frase e assim ficaram durante cinco minutos. Centenas de pessoas ficaram andando no frio em mangas de camisa, sorrindo feito anúncios de pasta de dentes. — Sacudiu o jornal. — É a respeito disso que você quer falar comigo?

Fiz que sim. — Tudo aconteceu quando aquele som estava sendo irradiado, e pensei que talvez...

— Não há talvez nenhum a respeito — disse Fred. — A hora foi rigorosamente a mesma.

— Mas a maioria das pessoas não estava ouvindo o programa.

— Se a minha teoria está certa, eles não precisavam estar ouvindo. Pegamos aqueles sinais fracos do espaço, amplificamos cerca de mil vezes e os retransmitimos. Todo mundo dentro do alcance do transmissor receberia uma boa dose de radiações intensificadas, quisesse ou não. — Deu de ombros. — Aparentemente é como passar perto de uma plantação de maconha em fogo.

— Como é que você nunca sentiu o efeito no seu trabalho?

— Porque nunca amplifiquei nem retransmiti os sinais. O transmissor da estação foi o que realmente causou tudo.

— Que é que você vai fazer agora?

Fred pareceu surpreendido. — Fazer? Que mais posso fazer senão escrever a respeito numa publicação adequada?

Sem uma batida preliminar, a porta da frente se abriu violentamente e Lew Harrison, corado e ofegante, irrompeu sala adentro e despiu o seu grande casaco esporte com um floreio de toureiro. — Você está incluindo esse aí também? — perguntou apontando para mim.

Fred pestanejou. — Incluindo em quê?

— Os milhões — disse Lew. — Os bilhões.

— Formidável — respondeu Fred. — Do que é que você está falando?

— Do barulho das estrelas. Todo mundo adorou. Ficaram loucos. Viu os jornais? — Conteve-se por um instante. — Foi o barulho que fez tudo isso, não foi?

— Cremos que sim. — Fred estava preocupado. — Como exatamente, você pensa em botar as mãos nesses milhões ou bilhões?

— Terrenos — disse Lew extasiado. — “Lew”, disse eu a mim mesmo, “Lew, como é que a gente pode ganhar dinheiro com esse troço sem obter um monopólio universal? E Lew”, perguntei, “como é que se pode vender o treco quando todo mundo o recebe de graça quando você está transmitindo?”

— Talvez não seja um negócio para se ganhar dinheiro — sugeri. — Isto é, sabemos muito pouco sobre...

— É ruim a felicidade? — interrompeu Lew.

— Não é — admiti.

— Muito bem, e o que nós vamos fazer com esse negócio das estrelas é fazer as pessoas felizes. E agora vai me dizer que isto é ruim?

— Todo mundo devia ser feliz — disse Fred.

— Muito bem — disse Lew grandiosamente. — É justamente o que vamos fazer por todo mundo. E a forma como todo mundo nos pode agradecer é por meio de terrenos. — Olhou pela janela. — Ótimo. Um celeiro. Podemos começar aqui mesmo. Montamos um transmissor no celeiro, estendemos um fio à sua antena e estamos no negócio de loteamento.

— Desculpe — falou Fred —, mas não estou entendendo. Este lugar aqui não serve para loteamento. As estradas são ruins, não há ônibus nem comércio, a vista é uma droga e o terreno é todo pedregoso.

Lew cutucou Fred várias vezes com o cotovelo. — Doutor, Doutor — claro que tem defeitos, mas com aquele transmissor no celeiro, o senhor pode dar-lhes a coisa mais preciosa do mundo — felicidade.

— Sítio Euforia — disse eu.

— Ótimo! — exclamou Lew. — Eu trago os fregueses e o senhor fica sentado no celeiro com a mão na chave. Uma vez que o freguês ponha o pé no Sítio Euforia, e o senhor lhe dê uma injeção de felicidade, não haveria nada que ele não pagasse por um terreno.

— Cada casa um lar, enquanto houver eletricidade — comentei.

— E depois — continuou Lew, os olhos brilhando —, quando tivermos vendido todos os lotes aqui, mudamos o transmissor para outro lugar e iniciamos um novo loteamento. Talvez possamos ter uma frota de transmissores. — Estalou os dedos. — Claro! Vamos montá-los sobre rodas.

— Não sei por que, mas acho que a polícia não gostaria muito.

— Está bem, se vierem investigar, o senhor liga a chave e dá a eles também uma carga de felicidade. — Deu de ombros. — Ora, quem sabe se eu me mostro generoso e lhes dou um terreno de esquina.

— Não — disse Fred em voz baixa. — Se um dia eu aderir a uma igreja, não vou ter coragem de olhar para o pastor.

— Dê uma carga a ele também — sugeriu Lew alegremente.

— Não — disse Fred. — Sinto muito.

— Está bem. — Lew levantou-se e começou a andar pela sala. — Eu estava preparado para isto. Tenho uma alternativa que é rigorosamente legal. Vamos fabricar um pequeno amplificador com um transmissor e uma antena. Não deve custar mais de cinquenta dólares para fazer, de forma que podemos dar-lhe um preço dentro das possibilidades do homem comum — digamos, quinhentos dólares. Fazemos um acordo com a companhia telefônica para transmitir os sinais de sua antena para as casas das pessoas que tiverem um aparelho. O aparelho pega o som da linha telefônica, amplifica-o e irradia pela casa para fazer felizes todos os moradores. Viram? Em vez de ligar o rádio ou a televisão, todo mundo vai ligar a felicidade. Sem artistas, sem cenários, sem câmaras dispendiosas — nada, só o chiado.

— Podíamos chamar o aparelho de euforiafone — sugeri — ou simplesmente de eufone.

— Ótimo, ótimo! — disse Lew. — Que lhe parece, doutor?

— Não sei. — Fred estava preocupado. — Não entendo muito dessas coisas.

— Todos temos de reconhecer as nossas limitações, doutor — disse Lew generosamente. — Eu cuido da parte comercial e o senhor, da parte técnica. — Fez um movimento como que para vestir o paletó. — Ou talvez não queira ser milionário?

— Ora, sim, sim, quero — disse Fred apressadamente. — Quero, sim.

— Muito bem — disse Lew esfregando as mãos —, a primeira coisa a fazer é construir um aparelho e testá-lo.

Desta parte Fred entendia *mesmo* e vi que o problema o interessava. — Na realidade, é um aparelho muito simples — disse ele. — Acho que podemos montar um e realizar um teste aqui, semana que vem.

O primeiro teste do euforiafone, ou eufone, realizou-se na sala de estar de Fred Bockman, numa tarde de sábado, cinco dias após a sensacional irradiação de Fred e Lew.

Havia seis cobaias — Lew, Fred e sua mulher Marion, eu e minha mulher Susan, e meu filho Eddie. Os Bockmans tinham disposto as cadeiras num círculo em torno de uma mesa de jogo, sobre a qual se achava uma caixa cinzenta de aço.

Projetando-se desta caixa, havia uma antena que atingia o teto. Enquanto Fred mexia na caixa, nós outros conversávamos fiado nervosamente, comendo sanduíches e tomando cerveja. É claro que Eddie não estava bebendo cerveja, embora estivesse muito necessitado de um sedativo. Aborrecido por ter sido levado à fazenda em vez de a um jogo de beisebol, ameaçava ressarcir-se do prejuízo na mobília americana primitiva dos Bockmans. Jogava animadamente com uma bola de tênis imprestável e um atiçador.

— Eddie — disse Susan pela décima vez —, pare, por favor.

— Não se preocupe, não se preocupe — disse Eddie desdenhosamente, fazendo a bola quicar pelas quatro paredes e pegando-a com a mão.

Marion, que desabafava seus instintos maternais em cima de sua imaculada mobília, não conseguia esconder sua aflição por ver Eddie transformar sua casa num ginásio. Lew, à sua maneira, procurava acalmá-la. — Deixe-o arrebentar essa baiuca — disse ele. — Um dia desses você vai se mudar para um palácio.

— Tudo pronto — disse Fred em voz baixa.

Olhamos para ele com coragem forçada. Fred enfiou dois pinos da linha telefônica na caixa cinzenta. Era a ligação direta para a sua antena no campus, e um mecanismo manteria a antena apontada para um dos misteriosos vazios no céu — o mais potente da Euforia de Bockman. Ligou um fio da caixa numa tomada no rodapé e pôs a mão numa chave. — Pronto?

— Não faça isso, Fred! — exclamei apavorado.

— Ligue, ligue de uma vez — disse Lew. — Não teríamos telefone hoje se Bell não tivesse o peito de chamar alguém.

— Eu vou ficar aqui, bem perto da chave, pronto para desligar se alguma coisa não der certo — disse Fred me tranquilizando. Houve um clique, um zumbido e o eufone estava ligado.

Um unânime suspiro profundo encheu a sala. O atiçador caiu das mãos de Eddie. Atravessou o recinto numa espécie de valsa majestosa, ajoelhou-se ao lado de sua mãe e deitou a cabeça no colo dela. Fred deixou o seu posto, cantarolando, os olhos semicerrados.

Lew Harrison foi o primeiro a falar, continuando a sua conversa com Marion. — Mas quem se importa com riquezas materiais? — disse ele seriamente. Voltou-se para Susan, em busca de confirmação.

— Uh-uh — disse Susan sacudindo a cabeça com ar sonhador. Enlaçou Lew com os braços e beijou-o quase cinco minutos.

— Puxa — disse eu —, vocês dois estão se dando bem, não é? Não é ótimo, Fred?

— Eddie — disse Marion solicitamente —, acho que tem uma bola de beisebol verdadeira no armário da entrada. Uma bola *dura.* Não seria mais divertido do que essa velha bola de tênis? — Eddie não se mexeu.

Fred ainda estava passeando pela sala, sorridente, os olhos agora completamente fechados. Seu calcanhar pegou no fio de um abajur e ele caiu diante da lareira, com a cabeça nas cinzas. — Olá, pessoal — disse ele, os olhos ainda fechados. — Dei com a cabeça num ferro. — Deixou-se ficar, dando risadinhas vez por outra.

— A campainha da frente está tocando já faz algum tempo — disse Susan. — Provavelmente não quer dizer nada.

— Entre, entre! — gritei. Não sei por que, mas todo mundo achou isso tremendamente engraçado. Todos nós rimos estrondosamente, inclusive Fred, cujas gargalhadas levantaram pequenas nuvens escuras do cinzeiro da lareira.

Um homenzinho velho e muito sério abrira a porta e estava agora no vestíbulo, fitando-nos alarmado. — Leiteiro — disse ele hesitante. Estendeu um pedaço de papel para Marion. — Não consigo ler a última linha de sua nota — disse ele. — Que é isso aí de requeijão, queijão, queijão, queijão queijão... — Calou-se e se sentou no chão, à maneira dos alfaiates. Depois de se manter em silêncio durante cerca de um quarto de hora seu rosto mostrou preocupação. — Bem — disse ele apaticamente —, só posso ficar um instante. Meu furgão está estacionado bem no alto da colina, bloqueando a rua um pouco. — Começou a se levantar e Lew torceu o botão do eufone. O leiteiro derramou-se no chão.

— Aaaaaaaaaah — disse todo mundo.

— É um dia bom para ficar em casa — disse o leiteiro. — O rádio diz que vamos pegar a rabeira do furacão que está chegando do Atlântico.

— Deixe vir — respondi. — O meu carro está parado debaixo de uma grande árvore morta. — Parecia fazer sentido. Ninguém protestou. Voltei a afundar numa névoa morna de silêncio e não pensei em coisa alguma. Esses lapsos pareciam durar alguns segundos antes de serem interrompidos pela conversa de gente recém-chegada. Olhando para trás, vejo agora que raramente duravam menos de três horas.

Lembro-me que fui acordado de um desses lapsos pelo soar repetido da campainha. — Eu já disse que pode entrar — balbuciei.

— E eu entrei — balbuciou o leiteiro.

A porta se abriu violentamente e um policial nos encarou furioso. — Quem diabos deixou o carro do leite lá fora bloqueando a rua? — perguntou. Viu o leiteiro. — Ah! Então não sabe que era fácil alguém morrer, dobrando uma curva cega e dando de cara com aquele negócio? — Bocejou e a sua expressão feroz deu lugar a um sorriso afetuoso. — É tão improvável — disse ele — que nem sei por que mencionei o assunto. — Sentou-se ao lado de Eddie. — Ei, garoto, gosta de armas? — Puxou o revólver do coldre. — Olha — igualzinho ao de Hopalong Cassidy.

Eddie pegou a arma, apontou-a para a coleção de garrafas de Marion e atirou. Uma grande garrafa azul foi reduzida a pó e a janela atrás da coleção ficou estilhaçada. O ar frio entrou pelo buraco.

— Ele vai acabar sendo policial — riu Marion.

— Meu Deus, como estou feliz — disse eu, com vontade de chorar. — Tenho o melhor filho do mundo, os melhores amigos do mundo e a melhor mulher do mundo. — Ouvi o revólver disparar mais duas vezes e depois caí em esquecimento celestial...

Novamente a campainha me despertou. — Quantas vezes eu já lhe disse — pelo amor de Deus, entre — falei sem abrir os olhos.

— Eu *entrei* — disse o leiteiro.

Ouvi os passos de muitos pés, mas não senti a menor curiosidade. Um pouco mais tarde, notei que estava tendo dificuldade de respirar. Uma investigação revelou que eu tinha escorregado para o chão e que vários escoteiros estavam acampados no meu peito e abdome.

— Quer alguma coisa? — perguntei ao lobinho cujo hálito quente e ritmado varria o meu rosto.

— A Patrulha da Coleta estava atrás de jornais velhos, mas deixe pra lá — disse ele. — Só teríamos de carregá-los para outro lugar.

— E seus pais sabem onde vocês estão?

— Sabem, sim. Ficaram preocupados e vieram atrás da gente. — Apontou para alguns casais encostados à parede, sorrindo apesar do vento e da chuva que penetravam pela janela quebrada.

— Mamãe, acho que estou com fome — disse Eddie.

— Ora, Eddie, você não vai querer que mamãe cozinhe para você, logo agora que nos estamos divertindo tanto — disse Susan.

Lew Harrison deu mais uma torcidela no botão do volume do eufone. — Que tal agora, garoto?

— Aaaaaaah — disse todo mundo.

Quando a consciência voltou a vencer o esquecimento, procurei localizar a Patrulha da Coleta pelo tato e senti que havia desaparecido. Abri os olhos e vi que os garotos, Eddie, o leiteiro e o policial estavam diante de uma janela panorâmica, aos gritos. O vento lá fora rugia e uivava selvagemente e impelia gotas de chuva através da vidraça quebrada como se fossem atiradas por carabinas. Sacudi Susan gentilmente e juntos fomos até a janela para ver o que era tão divertido.

— Está indo embora, está indo embora, está indo embora! — gritava o leiteiro estático.

Susan e eu chegamos a tempo de nos associarmos ao júbilo quando um grande olmo desabou sobre o nosso automóvel.

— Bumba! — disse Susan e eu ri até o estômago me doer.

— Chamem Fred — disse Lew com insistência. — Senão vai perder o espetáculo do celeiro indo pelos ares!

— Ahn? — disse Fred lá da lareira.

— Ora, Fred — respondeu Marion —, você perdeu.

— Agora vocês vão ver uma coisa mesmo! — berrou Eddie. — É a linha de força que se vai. Olhem só para aquele choupo!

O choupo se inclinava cada vez mais perto da linha de força, e uma lufada o fez desabar numa saraivada de faíscas num emaranhado de fios. As luzes da casa se apagaram.

Agora só se ouvia o ruído do vento. — Por que é que ninguém deu vivas? — perguntou Lew em voz apagada. — O eufone está desligado!

Um gemido horrível se fez ouvir da lareira. Meu Deus, acho que estou com concussão.

Marion ajoelhou-se ao lado do marido e se lamentou: — Querido, meu pobre querido, que houve com você?

Olhei para a mulher que eu tinha nos meus braços: uma velha horrenda e imunda, de olhos vermelhos fundos e cabelo de Medusa. — Bah — disse eu e virei a cara revoltado.

— Meu bem — chorou a bruxa —, sou eu, Susan.

O ar estava cheio de gemidos e de lamentosos rogos por comida e água. Subitamente o quarto se tornara terrivelmente frio. Um instante antes eu me imaginava nos trópicos.

— Quem pegou a minha maldita pistola? — perguntou o policial desolado.

Um mensageiro do telégrafo que eu não havia notado antes estava sentado num canto, folheando melancolicamente um maço de telegramas e estalando a língua.

Estremeci. — Aposto que é domingo de manhã — disse eu. — Estamos aqui há doze horas! — Era segunda-feira de manhã.

O mensageiro do telégrafo estava estupefato. — Domingo de manhã? Cheguei aqui domingo de noite. — Examinou a sala. — Parece um desses cinejornais sobre Buchenwald, não parece?

O chefe da Patrulha da Coleta, com a inacreditável resistência dos jovens, foi a figura do dia. Mandou seus homens formarem em filas de dois, arengando-os como um velho sargento do Exército. Enquanto o resto de nós ficou deitado pelo recinto, choramingando de fome, frio e sede, a Patrulha reacendeu a lareira, trouxe cobertores, aplicou compressas na cabeça de Fred e incontáveis canelas escoriadas, tapou a janela quebrada e preparou litros de chocolate e café.

Duas horas depois de terem falhado a luz e o eufone, a casa estava aquecida e nós havíamos comido. Os casos respiratórios mais graves — os pais que haviam permanecido sentados durante vinte e quatro horas junto à janela quebrada — foram enchidos de penicilina e voltaram para casa. A Patrulha da Coleta fizera continência e se retirara. Do lado de fora, a turma de reparos estava trabalhando na linha de força. Só restou o grupo original: Lew, Fred e Mario, Susan e eu, e Eddie. Como ficamos sabendo, Fred tinha algumas contusões e escoriações de aspecto impressionante, mas nada de concussão.

Susan adormecera imediatamente depois de comer. Agora estava despertando. — Que é que houve?

— Felicidade — expliquei. — Felicidade incomparável e ininterrupta — felicidade aos quilowatts.

Lew Harrison, que parecia um anarquista, com seus olhos vermelhos e barba preta agressiva, tinha estado a escrever furiosamente num canto da sala. — É ótimo isso — felicidade por quilowatt — disse ele. — Compre a sua felicidade da mesma forma como compra luz.

— Pegue felicidade assim como se pega gripe — disse Fred espirrando.

Lew não lhe deu atenção. — É uma campanha, entendem? O primeiro anúncio é para os intelectuais: O preço de um livro, que pode ser um desapontamento, compra sessenta horas de eufone. O eufone nunca desaponta. Depois pegamos a classe média...

— Pelas costas? — perguntou Fred.

— Que é que há com vocês? — exclamou Lew. — Pelo jeito de vocês, a experiência fracassou.

— Quer dizer que pneumonia e subnutrição era o que queríamos? — perguntou Marion.

— Tivemos aqui um corte de seção dos Estados Unidos, e deixamos, felizes a todos, sem exceção — disse Lew. — Não apenas por uma hora, não apenas por um dia, mas por dois dias. — Ergueu-se reverentemente. — De modo que o que temos de fazer para evitar que o eufone mate os seus usuários é montar um mecanismo que ligue e desligue o aparelho, entendem? O dono o ajusta de forma que liga automaticamente quando ele chega a casa; depois desliga enquanto ele janta; depois liga novamente no fim do jantar e desliga na hora de dormir; liga na hora do café da manhã, desliga na hora do trabalho e depois volta a ligar para a vida em família.

Passou a mão pelos cabelos e revirou os olhos. — E os argumentos de venda — meu Deus, os argumentos de venda! Nada de brinquedos caros para a criançada. Pelo preço de uma ida ao cinema, trinta horas de eufone. Pelo preço de uma garrafa de uísque, sessenta horas de eufone!

— Ou uma garrafa tamanho família de cianureto de potássio — disse Fred.

— Mas vocês não entendem? — perguntou Lew incredulamente. — Isso vai reunir as famílias, vai salvar o lar americano. Nada de brigas por causa de programas de televisão ou de rádio. O eufone agrada a todo mundo — isso nós provamos. E não existe um programa de eufone chato.

Uma pancada na porta interrompeu-o. Um empregado da companhia de luz entrou para anunciar que a força estaria religada dentro de dois minutos.

— Escute, Lew — disse Fred —, esse monstrinho poderia destruir a civilização em menos tempo do que foi necessário para queimar Roma. Eu não vou entrar no negócio de imbecilização, e ponto final.

— Você está brincando! — exclamou Lew horrorizado. Virou-se para Marion. — Você não quer ter um marido milionário?

— Não por explorar um antro de ópio eletrônico — respondeu Marion friamente.

Lew deu um tapa na própria testa. — Mas é o que o público quer! É como Louis Pasteur recusando-se a pasteurizar leite.

— Vai ser ótimo a luz voltar — disse Marion mudando de assunto. — Luz, água quente, a bomba, o... meu Deus!

A luz voltou nesse mesmo instante, mas Fred e eu já estávamos a caminho e caímos sobre a caixa cinzenta. Juntos desabamos sobre ela. A mesa de jogo cedeu, o pino foi arrancado da tomada. As válvulas do eufone arderam rubras por um instante e depois se apagaram.

O rosto inexpressivo, Fred tirou uma chave de fenda do bolso e removeu o tampo da caixa.

— Gostaria de travar uma batalha com o progresso? — perguntou ele, oferecendo-me o atiçador que Eddie deixara cair.

— Pensei que você estivesse do meu lado — disse Lew.

— Se você ousar dizer uma única palavra a respeito do eufone para quem quer que seja — respondi —, farei prazerosamente a você o que fiz ao eufone.

Senhoras e senhores da Comissão Federal de Comunicações, pensei que, com isto, o assunto tivesse chegado ao fim. Merecia ter chegado ao fim. Agora, o boquirroto do Lew Harrison espalhou a notícia. Requereu a essa Comissão licença para iniciar a exploração comercial do eufone. Ele e seus financiadores construíram o seu próprio radiotelescópio.

Torno a dizer que todas as afirmações de Lew são verdadeiras. O eufone faz tudo que ele alega. A felicidade que dá é perfeita e ininterrupta em face de incrível adversidade. Quase-tragédias, como a da primeira experiência, podem, sem dúvida, ser evitadas com um mecanismo que ligue e desligue o aparelho. Na verdade, vejo que o aparelho diante dessa Comissão está equipado com um mecanismo.

A questão não é saber se o eufone funciona. Funciona. A questão é decidir se a América vai iniciar uma nova e infeliz fase de sua história, em que os homens, em vez de buscar a felicidade, a compram. Esta não é a oportunidade para que o esquecimento se transforme numa mania. O único benefício que o eufone nos poderia dar seria se pudéssemos levantar uma espécie de barragem de paz de espírito para os nossos inimigos, ao mesmo tempo defendendo dela o nosso povo.

Finalizando, quero frisar que Lew Harrison, o pretenso tzar do eufone, é uma pessoa inescrupulosa, indigna da confiança pública. Não me surpreenderia, por exemplo, se ele tivesse acionado o mecanismo desta amostra de eufone, para que suas radiações confundissem o seu julgamento quando as senhoras e os senhores procurarem tomar uma decisão. Na realidade, parece estar fazendo um ruído suspeito neste momento e me sinto tão feliz que tenho até vontade de chorar. Tenho o filho mais fabuloso do mundo e um grupo de amigos fabulosos e uma mulher fabulosa. E Lew Harrison é a pessoa mais formidável, do mundo, acreditem, e lhe desejo a melhor das sortes neste seu novo empreendimento.

(1951)

VISTA E USE

Não creio que os mais velhos, aqueles de nós que acompanharam o nascimento da coisa, algum dia se sintam totalmente à vontade como anfíbios — anfíbios no novo sentido da palavra. Eu mesmo me surpreendo, de vez em quando, ficando triste a respeito de coisas que não mais importam.

Não posso deixar de me preocupar, por exemplo, com o meu negócio — ou o que costumava ser o meu negócio. Afinal, passei trinta anos construindo-o a partir da estaca zero, e agora o equipamento está enferrujando e emperrando com a poeira. Mas mesmo sabendo que é bobagem me importar com o que acontece ao negócio, tiro um corpo emprestado de um depósito, vez por outra, e fico passeando pela cidade e limpo e lubrifico o equipamento tão bem quanto possível.

Claro que o equipamento servia apenas para ganhar dinheiro, e Deus sabe que há bastante disso por aí. Não tanto quanto antigamente, porque, a princípio, algumas pessoas se entusiasmaram demais e passaram a jogá-lo fora e o vento o carregou. E muitos furões juntaram montes de dinheiro e o esconderam. Não me agrada confessá-lo, mas eu próprio juntei perto de meio milhão e escondi. Costumava tirá-lo de vez em quando para contá-lo, mas isso foi há anos. Agora eu tenho até dificuldade de me lembrar do local do esconderijo.

Mas a minha preocupação com o meu antigo negócio é brincadeira de criança com a preocupação que Madge, minha mulher, tem com a nossa velha casa. Era o motivo da dedicação de Madge, durante trinta anos, enquanto eu estava construindo o negócio. Mal tínhamos reunido a coragem para construir e decorar a casa, quando todo mundo com quem nos dávamos ficou anfíbio. Madge tira um corpo emprestado uma vez por mês e espana a casa, embora hoje em dia uma casa só sirva mesmo para impedir que o cupim e os ratos peguem pneumonia.

Sempre quando é minha vez de entrar num corpo e trabalhar como auxiliar no depósito local, eu me dou conta novamente como é difícil para uma mulher se acostumar a ser anfíbio.

Madge tira corpos emprestados com muito maior frequência do que eu. Temos em estoque três vezes mais corpos de mulheres do que de homens, para atender à demanda. Vez por outra, parece que uma mulher simplesmente *precisa* de um corpo para enfeitá-lo com roupas e se olhar no espelho. E não acho que Madge, Deus a abençoe, fique satisfeita até ter experimentado todos os corpos de todos os depósitos da Terra.

Para Madge, tudo isso tem sido muito bom. Nunca zombo dela a respeito, pois fez muito pela sua personalidade. Para dizer a verdade nua e crua, o velho corpo dela não era lá essas coisas, e o fato de ter de carregá-lo para todos os lugares muitas vezes a deixava triste nos velhos tempos. Ela não tinha culpa, coitada, como ninguém tem culpa de ter nascido no corpo em que nasceu, e eu a amava a despeito disso.

Bem, depois de termos aprendido a ser anfíbios, termos construído os depósitos, feito um estoque de corpos e de termos aberto os estabelecimentos ao público, Madge enlouqueceu totalmente. Tirou o corpo de uma loura platinada que fora doado por uma rainha do teatro de revista, e tive medo de que jamais conseguiríamos tirá-la lá de dentro. Como disse, fez milagres pela sua autoconfiança.

Sou como a maioria dos homens e não me importo muito com a espécie de corpo que arranjo. Os depósitos só aceitam corpos jovens, sadios e de boa aparência, de modo que um é tão bom quanto outro. Algumas vezes, quando Madge e eu tiramos corpos juntos, por amor aos velhos tempos, eu a deixo escolher um para mim que combine com aquele que ela está usando. É engraçado: sempre escolhe um louro e alto.

Meu antigo corpo, que ela afirma ter amado durante um terço de século, tinha cabelo preto e era baixo e pançudo também, já no fim. Sou humano e fiquei sentido quando o destruíram depois que o abandonei, em vez de o colocarem num depósito. Era um corpo bom e confortável, sem muita elegância nem beleza, mas era de confiança. Mas acho que não há muita demanda para essa espécie de corpo nos depósitos. Pelo menos eu nunca peço um desses.

A pior experiência que já tive com um corpo foi quando caí no conto de tirar aquele que pertencera ao Dr. Ellis Konigswasser. Pertencia à Sociedade dos Anfíbios Pioneiros e só é tirado uma vez por ano, no Dia da Parada dos Pioneiros, no aniversário da descoberta de Konigswasser. Todo mundo disse que era uma grande honra ser escolhido para ocupar o corpo de Konigswasser e encabeçar a parada.

Idiota que fui, acreditei neles.

Não vai ser fácil me convencerem de novo a entrar naquela coisa. Usando aquele bagulho deixou claro como Konigswasser descobriu que se podia viver sem corpo. O velho corpo dele praticamente *expulsa* a gente. Úlceras, dores de cabeça, artrite, pés chatos — um nariz de gancho de açougueiro, olhinhos de porco e a pele como de uma mala velha. Ele era e ainda é o melhor sujeito do mundo, mas nos tempos em que ele estava amarrado àquele corpo, ninguém jamais chegou perto bastante para descobrir.

Procuramos persuadir Konigswasser a entrar no seu corpo velho e encabeçar a primeira das Paradas do Dia dos Pioneiros, mas ele não queria saber disso, de modo que sempre temos de bajular algum pobre otário para que aceite a tarefa. Konigswasser também marcha, mas como um vaqueiro de um metro e oitenta, que dobra latas de cerveja entre o polegar e o dedo médio.

Konigswasser parece uma criança com aquele corpo. Nunca se cansa de dobrar latas de cerveja, e todos nós temos de ficar dentro de nossos corpos depois da parada e olhar para ele como se estivéssemos muito impressionados.

Acho que não havia muita coisa que ele pudesse dobrar nos tempos antigos.

Ninguém lhe diz nada, porque ele é o patriarca da Idade Anfíbia, mas ele pinta o sete com os corpos. Quase sempre quando tira um, dá cabo dele, só se mostrando. Aí alguém tem de entrar no corpo de um cirurgião e costurá-lo de novo.

Não estou querendo faltar com o respeito a Konigswasser. Na realidade, é até respeitoso dizer que alguém é infantil em certas coisas, porque é gente assim que parece ter todas as ideias importantes.

Existe um retrato dele nos velhos tempos na Sociedade Histórica, pelo qual se vê que ele nunca cresceu no que dizia respeito a conservar a sua aparência — fazendo o pouco que era possível com aquele calhambeque de corpo que a natureza lhe destinara.

Seu cabelo estava abaixo do colarinho, usava as calças tão embaixo que os sapatos as furavam acima da bainha, e o forro do seu paletó pendia feito uma grinalda. Costumava se esquecer de comer, saía no frio e na chuva sem roupa apropriada e jamais notava uma doença até quase morrer. Era o que costumávamos chamar de distraído. Olhando para o passado, agora, naturalmente dizemos que estava começando a ser anfíbio.

Konigswasser era matemático e só vivia pela inteligência. O corpo que tinha de carregar juntamente com a sua inteligência maravilhosa tinha tanta utilidade para ele como um vagão cheio de sucata. Sempre que adoecia e era obrigado a dar alguma atenção ao seu corpo, ele esbravejava mais ou menos assim:

— A mente é a única coisa do corpo humano que tem algum valor. Por que tem de estar presa a um saco de pele, sangue, cabelo, carne, ossos e tubos? Não admira que ninguém consiga fazer nada, amarrado pelo resto da vida a um parasito que precisa ser entupido de comida e protegido do tempo e dos germes em todos os momentos. E a porcaria se gasta de qualquer maneira, por mais que a gente a alimente e proteja!

— Quem é que realmente quer um desses negócios? — perguntava ele. — Que é que há de tão formidável nesse protoplasma de que somos obrigados a carregar não sei quantos quilos, aonde quer que vamos?

— O problema do mundo — dizia Konigswasser — não é gente demais, é corpos demais.

Quando teve um troço nos dentes e todos tiveram que ser arrancados e ele não encontrou dentadura que lhe servisse, escreveu assim no seu diário: “Se a matéria viva pôde evoluir o suficiente para sair do oceano, que, na verdade, era um lugar bastante agradável para se viver, não há por que não possa dar outro passo e sair de um corpo, que não é senão um transtorno, pensando bem”.

Vejam bem, ele não era moralista no tocante a corpos e não tinha inveja dos que tinham corpos melhores do que o dele. Apenas achava que os corpos davam mais trabalho do que mereciam.

Não tinha muita esperança de que a humanidade evoluísse, durante a vida dele, a ponto de abandonar os corpos. Apenas desejava que isto acontecesse. Pensando muito a respeito, atravessou um parque em mangas de camisa e parou junto ao jardim zoológico para ver os leões serem alimentados. Então, quando a chuva se transformou em granizo, resolveu voltar para casa; aí viu uns bombeiros, à beira de um lago, procurando reviver um afogado.

As testemunhas afirmaram que o velho entrara na água e que continuara a andar, sem mudar de expressão, até desaparecer. Konigswasser olhou para a cara da vítima e declarou que jamais vira razão melhor para suicídio. Encaminhou-se para casa novamente, e estava quase chegando quando se deu conta de que o corpo deitado lá era o dele.

Voltou para reocupar o corpo no momento em que os bombeiros conseguiram lhe devolver a respiração, e ele levou o corpo para casa, mais como um favor à cidade do que outra coisa. Entrou com ele no armário do corredor, saiu dele e o deixou lá.

Usava-o apenas quando queria escrever ou virar as páginas de um livro, ou quando tinha de alimentá-lo para cumprir as eventuais tarefas que lhe dava. O resto do tempo, permanecia imóvel no armário, com ar espantado e quase não despendendo energia humana. Konigswasser me disse outro dia que não gastava mais de um dólar por semana para mantê-lo em funcionamento, só tirando-o quando realmente precisava dele.

Mas o melhor era que Konigswasser não precisava mais dormir, só porque o corpo tinha de dormir; ou ter medo, só porque o corpo pensava que poderia se machucar; ou sair à procura de coisas que o corpo achava necessárias. E quando o corpo não se sentia bem, Konigswasser se mantinha fora dele até que se sentisse melhor, e não precisava gastar fortunas dando conforto ao corpo.

Quando tirou o corpo do armário para escrever, fez um livro sobre como sair do próprio corpo, que foi rejeitado, sem comentário, por vinte e três editores. O vigésimo-quarto vendeu dois milhões de exemplares, e o livro mudou a vida humana mais do que a invenção do fogo, dos números, do alfabeto, da agricultura ou da roda. Quando alguém disse isso a Konigswasser, ele respondeu que estavam arrasando o seu livro com elogios tímidos. Eu diria que ele tinha razão.

Seguindo as instruções do livro de Konigswasser durante dois anos, quase todo mundo podia sair do seu corpo sempre que quisesse. O primeiro passo era compreender que o corpo era um parasito e ditador a maior parte do tempo; depois, separar o que o corpo queria ou não queria daquilo que você mesmo — a sua psique — queria ou não queria. Em seguida, concentrando-se no que você queria, e ignorando tanto quanto possível o que o corpo queria, excetuada a sua simples manutenção, você fazia a sua psique exigir os seus direitos e tornar-se autossuficiente.

Era isso o que Konigswasser fizera, sem se dar conta, até que ele e o seu corpo se haviam separado no parque, a sua psique indo ver os leões sendo alimentados e o seu corpo descontrolado entrando no lago.

O último truque da separação, uma vez a sua psique tivesse adquirido independência suficiente, era pôr o seu corpo em movimento em determinada direção e, de repente, levar a sua psique em outra direção. Era impossível fazê-lo parado — por algum motivo era preciso andar.

A princípio, a psique de Madge e a minha não conseguiam se estender fora dos nossos corpos, como os primeiros animais marinhos que deram em terra há milhões de anos, e que faziam pouco mais do que rastejar, se contorcer e arquejar na lama. Mas, com o tempo, melhoramos, porque a psique naturalmente se adapta muito mais rapidamente do que o corpo.

Madge e eu tínhamos motivos válidos para querer sair dos corpos. Todo mundo que era suficientemente louco para querer sair logo no início tinha bons motivos. O corpo de Madge estava doente e não duraria muito. Com ela se indo brevemente, não consegui reunir entusiasmo suficiente para ficar por aí. De modo que estudamos o livro de Konigswasser e procuramos tirar Madge do seu corpo antes que ele morresse. Fiquei ao seu lado para que nenhum de nós dois se sentisse solitário. E chegamos na hora H — seis semanas antes do corpo dela se desfazer.

É por isto que temos o direito de marchar cada ano na Parada do Dia dos Pioneiros. Não é todo mundo que pode — apenas os primeiros cinco mil que se tornaram anfíbios. Éramos cobaias que pouco tinham a perder, e fomos os primeiros a provar aos outros como era agradável e seguro — um bocado mais seguro do que correr riscos dentro de um corpo, ano após ano.

Mais cedo ou mais tarde, quase todo mundo encontrou um bom motivo para fazer a experiência. Chegamos a ser milhões e finalmente um bilhão — invisíveis, incorpóreos, indestrutíveis e, por Deus, fiéis a nós mesmos; não fazemos mal a ninguém e não temos medo de nada.

Quando não estamos dentro de corpos, nós, os Pioneiros Anfíbios, podemos nos congregar na cabeça de um alfinete. Quando entramos em corpos, para a Parada do Dia dos Pioneiros, ocupamos mais de cinco mil metros quadrados, devoramos mais de três toneladas de comida, para termos energia bastante para marchar; e muitos de nós pegam resfriados ou coisa pior, e ficamos danados porque o corpo de alguém pisa, sem querer, no calcanhar do corpo de outro alguém, e sentem ciúmes porque alguns corpos lideram a parada e outros têm de ficar nas fileiras, e... e sei lá o quê.

Não sou louco pela parada. Com todos juntos lá e ocupando corpos — bem, o que temos de pior dentro de nós vem à tona, por melhores que sejam as nossas psiques. Por exemplo, o Dia dos Pioneiros do ano passado foi extremamente quente. Todo mundo estava mal-humorado, enfiado durante horas em corpos suados e sedentos.

Bem, uma coisa levou à outra e o Comandante da Parada se ofereceu a reduzir o meu corpo a frangalhos com o corpo dele, se o meu corpo errasse o passo de novo. Ora, sendo Comandante da Parada, ele tinha o melhor corpo naquele ano, excetuando o vaqueiro de Konigswasser, mas eu o mandei tomar banho. Ele partiu para cima de mim, e eu abandonei o meu corpo ali mesmo e nem fiquei para saber se ele tinha acertado. Ele próprio teve que carregar o meu corpo de volta ao depósito.

Perdi a raiva no momento em que saí do corpo. Eu entendia. Apenas um santo podia ser realmente compreensivo ou inteligente por mais de alguns minutos dentro de um corpo — e nem mesmo feliz, senão durante curtos períodos. Ainda não encontrei um anfíbio que não fosse de fácil convivência, bem-humorado e interessante, contanto que estivesse fora do corpo. E ainda não encontrei um que não ficasse azedo dentro de um corpo.

No momento em que você entra, a química toma conta — as glândulas fazem você ficar nervoso ou pronto para brigar ou com fome ou danado ou afetuoso ou — bem, nunca se sabe o que vai acontecer em seguida.

É por isso que não consigo ficar danado com o inimigo, a gente que é contra os anfíbios.

Depois da desavença que tive com o Comandante da Parada, Madge soube a respeito e deixou o corpo dela bem lá no meio do Setor Feminino. E nós dois, cheios de diabrura depois de nos livrarmos dos corpos e da parada, fomos dar uma espiada nos inimigos.

Dar uma espiada nos inimigos nunca me entusiasmou. Madge gosta de ver o que as mulheres estão usando. Presas aos seus corpos o tempo todo, as mulheres do inimigo mudam o estilo de suas roupas, de seus penteados e de seus cosméticos muito mais frequentemente do que nós fazemos com os corpos femininos nos depósitos locais.

A moda me interessa muito pouco e quase tudo que se vê e se ouve em território inimigo daria para chatear uma estátua de gesso.

Geralmente, os inimigos falam da reprodução à moda antiga, que é a coisa mais desajeitada, cômica e inconveniente que se pode imaginar, comparado com o que nós, anfíbios, temos. Se não estão falando a respeito disso, então estão falando sobre comida, as porções de produtos químicos que são obrigados a enfiar nos seus corpos. Ou então falam sobre o medo, que nós costumávamos chamar de política — política de empregos, política social, política de governo.

Os inimigos ficam fulos pelo fato de nós podermos espreitá-los sempre que queremos, ao passo que eles não nos podem ver, a não ser que estejamos dentro de corpos. Parecem morrer de medo de nós, embora ter medo de anfíbios pareça tão lógico como ter medo da aurora. Pelos anfíbios, eles podiam ficar com o mundo todo, exceto os depósitos. Mas eles se agrupam como se nós fôssemos cair sobre eles e lhes fazer coisas terríveis.

Têm dispositivos espalhados em todos os lugares que supostamente podem detectar anfíbios. Não funcionam de jeito nenhum, mas parece que dão ânimo aos inimigos — como se estivessem enfrentando forças imersas, mas conservando a coragem e fazendo uma porção de coisas importantes e inteligentes para nos deter. Passam o tempo todo falando do *know-how* formidável que têm e que nós não temos nada que se compare. Se *know-how* quer dizer armas, eles estão com toda a razão.

Acho que há uma guerra entre eles e nós. Mas nós nunca fazemos nada para manter essa guerra em movimento, exceto manter em segredo os locais de nossos depósitos e da parada, e sair de nossos corpos cada vez que há uma incursão aérea ou o inimigo lança um foguete ou coisas assim.

Isso deixa os inimigos mais danados ainda, porque as incursões e os foguetes custam dinheiro, e fazer explodir coisas de que nem precisa mesmo não é um bom investimento de dinheiro do contribuinte. Nós sempre sabemos o que é que eles vão fazer, e quando e onde, de modo que não é difícil evitar encontrá-los.

Mas são bastante espertos, considerando que têm de cuidar de seus corpos, além de exercer o intelecto, de modo que procuro tomar cuidado quando vou lá observá-los. É por isso que eu queria dar o fora quando Madge e eu vimos um depósito bem no meio de um de seus centros. Já há algum tempo não tínhamos falado com ninguém sobre as atividades dos inimigos, e o depósito parecia tremendamente suspeito.

Madge estava otimista, como ela sempre foi desde que tirou o corpo da rainha do teatro de revista, e disse que o depósito era um indício certo de que os inimigos estavam se regenerando, que estavam dispostos a se transformar em anfíbios.

Bem, parecia isso mesmo. Era um depósito novo em folha, cheio de corpos e de portas abertas, com ar da maior inocência. Circundamos o lugar várias vezes, e os círculos de Madge foram ficando cada vez menores, com ela procurando ver de perto o que tinham para oferecer no setor de senhoras.

— Vamos dar o fora — disse eu.

— Estou só olhando — disse Madge. — Não há mal em olhar.

E então viu o que estava na vitrina central e esqueceu quem ela era e de onde viera.

Lá estava o corpo de mulher mais impressionante que já vi na minha vida — um metro e oitenta de altura e com a compleição de uma deusa. Mas não era só. O corpo tinha a pele cor-de-cobre, cabelo e unhas esverdeados e um vestido longo de lamê dourado. Ao lado deste corpo, estava o de um gigante louro no uniforme azul-pálido de um marechal de campo, ornado de escarlate e coberto de medalhas.

Creio que os inimigos tenham roubado os corpos numa incursão contra um de nossos depósitos mais afastados, recheando-os e disfarçando-os e vestindo-os com roupas atraentes.

— Madge, volte para cá! — exclamei.

A mulher com a pele cor-de-cobre e o cabelo esverdeado se mexeu. Uma sirena uivou e soldados saíram correndo de seus esconderijos para agarrar o corpo dentro do qual Madge estava prisioneira.

O depósito era uma cilada para anfíbios!

O corpo que quebrou a resistência de Madge estava com os tornozelos amarrados, de modo que ela não pôde dar aqueles poucos passos necessários para sair dele.

Os soldados a carregaram triunfantes, como prisioneira de guerra. Entrei no único outro corpo disponível, o do ornamentado marechal de campo, para tentar ajudá-la. Era uma situação desesperadora, porque o marechal também não passava de isca, com os tornozelos amarrados. Fui arrastado atrás de Madge.

O jovem e arrogante major que comandava os soldados ficou dançando pela estrada, de tão orgulhoso que estava. Era o primeiro homem a capturar um anfíbio, o que era realmente formidável, do ponto de vista inimigo. Há anos que estavam em guerra conosco e tinham gasto não sei quantos bilhões de dólares, mas a nossa captura era a primeira coisa que levou os anfíbios a lhes prestarem alguma atenção.

Quando chegamos à cidade, havia pessoas debruçadas nas janelas, agitando bandeiras e dando vivas aos soldados, enquanto Madge e eu éramos apupados. Ali estavam todos aqueles que não queriam ser anfíbios — gente de todas as cores, formas, tamanhos e nacionalidades, unida em sua luta contra os anfíbios.

Descobrimos que Madge e eu seríamos submetidos a um grande julgamento. Depois de passarmos a noite amarrados de todos os jeitos numa prisão, fomos levados a um tribunal, onde enfrentamos numerosas câmaras de televisão.

Madge e eu estávamos esbodegados, porque nenhum de nós havia estado preso num corpo tanto tempo há não sei quantos anos. Justamente quando precisávamos pensar como nunca, os corpos davam sinais de fome e não conseguimos dar-lhes conforto nos catres, por mais que tentássemos e, naturalmente, os corpos necessitavam de suas oito horas de sono.

A acusação contra nós era termos cometido um crime da maior importância, segundo as leis do inimigo — *deserção.* De acordo com o inimigo, todos os anfíbios se haviam acovardado e fugido de seus corpos, justamente quando estes eram necessários para fazer coisas corajosas e importantes para a humanidade.

Não tínhamos a menor esperança de absolvição. O único motivo por que teríamos um julgamento era porque lhes dava a oportunidade de deitar falação sobre como eles estavam certos e nós estávamos errados. O tribunal estava apinhado de figurões, todos com olhar irado, corajoso e nobre.

— Sr. Anfíbio — disse o promotor —, o senhor tem idade suficiente, não tem, para se lembrar do tempo quando todas as pessoas tinham de enfrentar a vida em seus corpos e trabalhar e lutar por aquilo em que acreditavam?

— Eu me lembro do tempo em que os corpos estavam sempre se metendo em brigas e ninguém sabia por que, nem como parar com isso — respondi delicadamente. — A única coisa em que todo mundo parecia acreditar é que ninguém gostava de brigar.

— Que diria o senhor de um soldado que fugisse em plena batalha? — perguntou ele.

— Eu diria que estava apavorado.

— Ele estaria ajudando a perder a batalha, não estaria?

— Claro. — Não havia argumento contra isto.

— Não foi isto o que os anfíbios fizeram — abandonaram a raça humana em plena batalha pela vida?

— A maioria de nós ainda está viva, se é isto o que o senhor quer dizer.

Era verdade. Não tínhamos derrotado a morte e não estávamos certos de que queríamos fazê-lo, mas havíamos prolongado a vida de modo espantoso, comparado com o período provável que se poderia esperar vivendo dentro de um corpo.

— Vocês fugiram de suas responsabilidades! — exclamou ele.

— Assim como se foge de um edifício em chamas.

— Deixando os outros a lutarem sozinhos.

— Eles podem sair pela mesma porta que nós usamos. Todos vocês podem sair à hora que quiserem. Tudo que é preciso fazer é pensar no que a pessoa quer e no que o corpo quer e se concentrar...

O juiz bateu com o martelo tão violentamente que pensei que fosse rachar. Eles se tinham dado o trabalho de queimar todos os exemplares do livro de Konigswasser que pudessem encontrar e ali estava eu dando um curso, através de uma rede de televisão, sobre como sair de um corpo.

— Se fosse por vocês, anfíbios — disse o promotor —, todo mundo fugiria às suas responsabilidades deixando a vida e progresso, como os conhecemos, desaparecer por completo.

— Claro — concordei. — Esse é o objetivo.

— Os homens não mais trabalhariam por aquilo em que acreditam?

— Eu tive um amigo nos velhos tempos que fazia furos nuns trocinhos quadrados durante dezessete anos numa fábrica, e nunca teve uma ideia clara sobre a sua serventia. Outra pessoa que conheci fazia passas para uma fábrica de vidros e nunca descobriu por que é que a companhia as comprava. Coisas assim me dão raiva — agora que estou num corpo, é claro — e o que eu fazia para ganhar a vida me deixa com mais raiva ainda.

— Quer dizer que o senhor despreza os seres humanos e tudo o que fazem — disse ele.

— Ao contrário — gosto deles mais do que antes. Só acho que é uma vergonha o que precisam fazer para tomar conta de seus corpos. Vocês deviam se tornar anfíbios para ver como é que as pessoas podem ser felizes quando não precisam se preocupar em arranjar comida para os seus corpos ou em mantê-los quentes no inverno ou pensar em que vai acontecer quando os seus corpos ficarem gastos.

— E isto, meu senhor, será o fim da ambição, o fim da grandeza!

— Não sei, não — disse eu. — Temos um bom número de grandes homens no nosso lado. Seriam grandes dentro ou fora de corpos. É o fim do medo, isto sim. — Olhei bem para a objetiva da câmara de televisão mais próxima. — E isto é a coisa mais maravilhosa que já aconteceu à raça humana.

Lá veio de novo o martelo do juiz e os figurões começaram a gritar para abafar a minha voz. Os técnicos desligaram as suas câmaras, e todos os espectadores, com exceção dos maiorais, receberam ordem de se retirar. Tudo que as estações de tevê passariam a transmitir agora era música de órgão.

Quando a confusão amainou, o juiz disse que o julgamento estava terminado e que nós éramos culpados de deserção.

Como nada pudesse piorar a nossa situação, resolvi dizer algumas palavras.

— Agora compreendo vocês, pobres coitados. Não podem viver sem o medo. É a única habilidade que possuem — amedrontar a si próprios e aos outros para forçá-los a fazer alguma coisa. É a sua única diversão, ver as pessoas saltarem de medo diante do que vocês vão fazer aos seus corpos ou tirar de seus corpos.

Madge também meteu o bedelho. — A única maneira de vocês obterem alguma reação de alguém é lhe dar medo.

— Desacato ao tribunal! — exclamou o juiz.

— E vocês só podem amedrontar as pessoas se as conservarem dentro de seus corpos — disse eu.

Os soldados nos agarraram e começaram a nos arrastar para fora do recinto.

— Isto é a guerra! — gritei.

Tudo parou no mesmo instante e reinou um profundo silêncio na sala.

— Nós já estamos em guerra — disse um general, hesitante.

— Bem, *nós* não estamos — respondi — mas estaremos se Madge e eu não formos desamarrados imediatamente. — Eu estava feroz e impressionante no corpo do marechal.

— Vocês não têm armas — disse o juiz —, nem *know-how.* Fora dos seus corpos, os anfíbios não valem nada.

— Se não nos soltarem antes de eu contar até dez — disse-lhe eu —, os anfíbios ocuparão os corpos de vocês todos e despencarão com eles do penhasco mais próximo. O lugar está cercado. — Isto era balela, naturalmente. Apenas uma pessoa pode ocupar um corpo de cada vez, mas o inimigo não tinha certeza disso. — Um! Dois! Três!

O general engoliu em seco, empalideceu e fez um gesto vago.

— Solte-os — disse em voz fraca.

Os soldados, que também estavam aterrorizados, ficaram felizes em obedecer. Madge e eu fomos libertados.

Dei alguns passos, encaminhei meu espírito em outra direção, e o lindo marechal, com medalhas e tudo, desabou escadaria abaixo, como um relógio de pé.

Percebi que Madge não estava comigo. Achava-se ainda dentro daquele corpo cor-de-cobre, de cabelo e unhas esverdeados.

— E o que é mais — ouvi-a dizer —, como indenização por todas as dificuldades que vocês nos causaram, este corpo deve me ser enviado para Nova Iorque e entregue em bom estado o mais tardar na segunda-feira que vem.

— Sim, senhora — disse o juiz.

Quando chegamos a casa, a Parada do Dia dos Pioneiros estava se desmanchando diante do depósito local, e o Comandante da Parada saiu do seu corpo para se desculpar comigo pelo seu modo de agir.

— Ora, Herb — disse eu —, não precisa se desculpar. Você não era você mesmo. Estava desfilando dentro de um corpo.

Excetuando a ausência do medo, esta é a melhor parte de ser anfíbio — todo mundo perdoa qualquer bobagem que a gente tenha feito dentro de um corpo.

Claro que há desvantagens, como há desvantagens em tudo. Ainda temos de trabalhar, vez ou outra, para manter os depósitos e arranjar comida para os corpos da comunidade. Mas é uma desvantagem pequena, e todas as desvantagens grandes de que ouvi falar não chegam a sê-lo; é só gente antiquada que não pode deixar de se preocupar com coisas com que se preocupava antes de virar anfíbio.

Como já disse, os mais velhos provavelmente nunca se acostumarão mesmo. Vez por outra, eu fico surpreso por me sentir triste pensando no negócio dos sanitários que levei trinta anos para construir.

Mas os jovens não têm pensamentos assim. Nem mesmo se preocupam muito que alguma coisa possa acontecer aos depósitos, do jeito que nós velhos nos preocupamos.

Então talvez seja este o próximo passo na evolução — libertar-nos completamente, assim como se libertaram os primeiros anfíbios que trocaram a lama pela luz do sol e que jamais voltaram às águas.

(1953)

OS MÍSSEIS TRIPULADOS

Eu, Mikhail Ivankov, pedreiro da aldeia de Ilba, na República Socialista Soviética da Ucrânia, o saúdo e tenho pena do senhor, Charles Ashland, negociante de produtos de petróleo em Titusville, Flórida, nos Estados Unidos da América. Aperto a sua mão.

O primeiro verdadeiro homem do espaço foi meu filho, Major Stepan Ivankov. O segundo foi o seu filho, Capitão Bryant Ashland. Serão esquecidos apenas no dia em que a humanidade não mais olhar para o céu. São como a Lua e os planetas, o Sol e as estrelas.

Não falo inglês. Digo estas palavras em russo, do fundo do meu coração, e o meu filho sobrevivente, Alexei, escreve-as em inglês. Ele estuda inglês e alemão no colégio. Gosta mais de inglês. É admirador do seu Jack London, O. Henry e Mark Twain. Alexei tem dezessete anos. Vai ser um cientista, assim como seu irmão Stepan.

Ele manda dizer que vai trabalhar pela ciência na paz, não na guerra. Também quer que lhe diga que não odeia a memória de seu filho. Ele compreende que o seu filho recebeu ordens para fazer o que fez. Está falando muito e gostaria ele mesmo de escrever esta carta. Ele acha que um homem de quarenta e nove anos é muito velho e não pensa que um homem muito velho, que não sabe outra coisa senão botar uma pedra em cima da outra, pode dizer as coisas certas sobre jovens que morrem no espaço.

Se ele quiser, pode escrever uma carta própria a respeito das mortes de Stepan e de seu filho. Esta carta é minha, e vou pedir a Aksinia, a viúva de Stepan, que a leia para ter certeza de que Alexei a escreveu exatamente como eu quero. Aksinia também conhece inglês muito bem. Ela é médica de crianças e muito linda. Trabalha duro, e assim, de vez em quando, pode esquecer sua dor pela morte de Stepan.

Vou lhe contar uma piada, Sr. Ashland. Quando a segunda minilua da U.R.S.S. subiu com um cachorro lá dentro, dizia-se que não era realmente um cachorro, mas sim Prokhor Ivanoff, o gerente de uma fábrica de laticínios, que fora preso por furto dois dias antes. Era apenas uma piada, mas me fez pensar que castigo terrível seria mandar um ser humano lá para cima. Não consegui parar de pensar a respeito. Sonhava com isto de noite, e sonhava que o castigado era eu próprio.

Eu teria perguntado a meu filho Stepan sobre a vida no espaço, mas ele estava longe, lá em Guryev, no Mar Cáspio. De modo que perguntei a meu filho mais moço. Alexei riu dos meus receios sobre o espaço. Ele disse que um homem podia passar muito confortavelmente lá em cima, e que muitos jovens estariam subindo dentro em breve. Primeiro viajariam em miniluas. Depois iriam para a própria Lua e mais tarde para outros planetas. Riu de mim, porque só um velho se preocuparia com viagens tão simples.

Alexei me disse que a única inconveniência seria a falta de gravidade. Isto me pareceu uma falta importante. Alexei me disse que seria necessário beber de mamadeiras e as pessoas teriam de se acostumar à sensação de estarem caindo sempre, e que seria preciso aprender a controlar os movimentos, porque a gravidade não mais ofereceria resistência. Era só. Alexei não achava que isto seria inconveniente. Esperava ir a Marte brevemente.

Olga, minha mulher, também riu de mim, porque eu era velho demais para compreender a grande Era Espacial. — Duas luas russas estão brilhando no céu — disse ela —, e o meu marido é o único que não acredita!

Mas eu continuei tendo pesadelos a respeito do espaço, e agora tinha informações para tornar esses pesadelos verdadeiramente científicos. Sonhei com mamadeiras e que eu estava caindo, caindo, caindo, e com os estranhos movimentos de meus membros. Talvez esses sonhos fossem sobrenaturais. Talvez algo estivesse procurando me advertir de que Stepan estaria, dentro em breve, sofrendo no espaço, assim como eu sofria nos sonhos. Talvez algo estivesse procurando me advertir de que Stepan seria assassinado no espaço.

Alexei está muito embaraçado porque eu digo isto numa carta que vai para os Estados Unidos da América. Ele diz que você vai pensar que sou um camponês supersticioso. Seja. Eu acho que os homens de ciência do futuro vão zombar dos homens de ciência de hoje. Vão zombar porque os homens de ciência de hoje pensaram que tantas coisas importantes eram superstição. As coisas que sonhei a respeito do espaço realizaram-se todas para o meu filho. Stepan sofreu muito lá em cima. Depois do quarto dia no espaço, às vezes chorava como uma criança. Eu também chorei como uma criança nos meus sonhos.

Não sou covarde e não amo o conforto mais do que o progresso da vida humana. Tampouco sou covarde no que toca aos meus filhos. Conheci grandes sofrimentos na guerra, e sei que deve haver grandes sofrimentos antes de grandes alegrias. Mas quando pensei nos sofrimentos que o homem no espaço inevitavelmente teria, não compreendi a alegria que isto poderia dar. Isto foi muito antes de Stepan subir na sua minilua.

Fui à biblioteca e li a respeito da Lua e dos planetas, para ver se realmente eram lugares agradáveis para se ir. Não perguntei sobre isso a Alex, porque sabia que ele me diria que se podia passar muito bem lá em cima. Descobri, por mim mesmo, na biblioteca, que a Lua e os planetas não ofereciam condições à vida humana. Eram muito quentes ou muito frios ou muito venenosos.

Não falei em casa a respeito de minhas descobertas, porque não queria que zombassem de mim novamente. Esperei calmamente que Stepan nos visitasse. Sabia que não iria rir de minhas perguntas. Ele as responderia cientificamente. Ele conhecia tudo quanto se podia conhecer sobre o espaço.

Por fim, Stepan veio nos visitar e trouxe a sua linda mulher. Ele era um homem pequeno, mas forte e troncudo e sábio. Estava muito cansado e tinha olheiras. Já sabia que seria lançado no espaço. Primeiro fora a lua em miniatura com o rádio. Depois a lua com o cachorro. Em seguida vieram as luas com os macacos. E depois a minilua com Stepan, que vinha trabalhando noite e dia, planejando a sua casa no espaço. Ele não podia me contar nada. Não podia contar nem mesmo à sua mulher.

Sr. Ashland, o senhor teria gostado do meu filho. Ele era um homem de paz. Não era major por ser um grande guerreiro. Era major porque entendia muito de foguetes. Era um homem pensativo. Disse muitas vezes que teria gostado de ser um pedreiro como eu. Dizia que um pedreiro teria o tempo e a paz de espírito para pensar nas coisas. Eu não lhe contei que um pedreiro pensa em pouca coisa senão em pedras e argamassa.

Fiz-lhe a minha pergunta sobre o espaço e ele não riu. Stepan estava muito sério quando me respondeu. Tinha motivo para estar sério. Estava me contando por que estava disposto a sofrer no espaço.

Disse-me que eu tinha razão. Um homem sofreria muito no espaço, e a Lua e os planetas não eram lugares para os homens. Poderia haver lugares bons, mas estavam longe demais para uma pessoa os alcançar em vida.

— Então, o que é esta nova Era Espacial, Stepan? — perguntei.

— Será uma era de miniluas durante muito tempo — respondeu. — Dentro em breve alcançaremos a própria Lua, mas será difícil permanecer lá mais que umas poucas horas.

— Então, para que subir ao espaço, se não há nada de bom lá em cima? — perguntei.

— Há tanta coisa para aprender e ser vista lá em cima — disse ele. — Um homem poderia olhar para outros mundos sem uma cortina de ar no meio. Poderia olhar para o seu próprio mundo, estudar o fluxo de suas condições meteorológicas e medir as suas verdadeiras dimensões. — Esta última frase me surpreendeu. Pensei que as dimensões do nosso mundo fossem bem conhecidas. — Lá em cima, um homem poderia aprender muita coisa sobre as maravilhosas chuvas de matéria e energia no espaço — disse Stepan. E falou de muitas outras alegrias científicas e poéticas lá em cima.

Fiquei satisfeito. Stepan me havia feito sentir a sua própria grande alegria ao pensar em toda a beleza e verdade do espaço. Compreendi, por fim, Sr. Ashland, por que o sofrimento valeria a pena. Quando tornei a sonhar com espaço, sonhei que estava olhando para a nossa linda bola verde, olhando para outros mundos e vendo-os mais claramente do que jamais haviam sido vistos.

Não foi pela União Soviética, mas pela beleza e verdade no espaço, Sr. Ashland, que Stepan trabalhou e morreu. Não gostava de falar do uso bélico do espaço. Era Alexei que gostava de falar dessas coisas, da glória de espionar a Terra de miniluas, de dirigir foguetes das miniluas para os seus alvos, de dominar a Terra com mísseis disparados da própria Lua. Alexei esperava que Stepan compartilhasse do seu entusiasmo a respeito de pensamentos de tamanha violência infantil.

Stepan sorriu, mas apenas porque amava Alexei. Não sorria a respeito da guerra ou das coisas que um homem numa minilua ou na própria Lua podia fazer a um inimigo. — É um uso da ciência que poderemos ser obrigados a fazer, Alexei — disse ele. — Mas se uma guerra assim ocorrer, nada mais importará. O nosso mundo se tornará menos apropriado à vida do que qualquer outro no sistema solar.

Desde então, Alexei nunca mais falou bem de guerra.

Stepan e sua mulher saíram tarde naquela noite. Prometeu voltar antes que se passasse um ano, mas nunca mais o vi em vida.

Quando circulou a notícia de que a União Soviética havia lançado uma minilua tripulada ao espaço, eu não sabia que o tripulante era Stepan. Nem mesmo ousei suspeitá-lo. Fiquei impaciente para rever Stepan e perguntar o que o homem havia dito antes de subir, como estava vestido, quais eram os seus confortos. Soubemos que poderíamos ouvi-lo falando do espaço pelo rádio às oito horas daquela noite.

Escutamos e ouvimos o homem falar. O homem era Stepan.

A voz de Stepan soou forte e feliz. Soou orgulhosa, decente e sábia. Rimos até chorar, Sr. Ashland. Dançamos. O nosso Stepan era o mais importante homem vivo do mundo. Ele se havia alçado acima de todos os outros e agora estava olhando para baixo, dizendo-nos como éramos; olhando para cima, dizendo-nos como eram os outros mundos.

Stepan fez algumas brincadeiras simpáticas a respeito de sua pequena casa no espaço. Disse que era um cilindro de dez metros de comprimento e quatro de diâmetro, e que era muito confortável. E Stepan nos contou que a sua casa tinha janelinhas e uma câmara de televisão, um telescópio, um radar e toda sorte de instrumentos. Como é bonito viver numa época em que tais coisas se tornam possíveis! Como é bonito ser o pai de um homem cujos olhos, ouvidos e coração no espaço são os de toda a humanidade!

Disse que ficaria lá em cima durante um mês. Começamos a contar os dias. Todas as noites ouvíamos uma transmissão da gravação das coisas ditas por Stepan. Nada ouvimos de suas hemorragias nasais, de seus enjoos e de seu choro. Ouvimos apenas as coisas tranquilas e corajosas que dizia. E então, na décima noite, não houve mais gravações de Stepan. Às oito horas só houve música. Nenhuma notícia de Stepan, e sabíamos que estava morto.

Só agora, um ano depois, soubemos como Stepan morreu e onde se encontra o seu corpo. Quando me acostumei ao horror disto tudo, Sr. Ashland, eu disse: “Assim seja. Possam o Major Stepan Ivankov e o Capitão Bryant Ashland servir para nos censurar, sempre quando olharmos para o céu, por termos criado um mundo em que não há confiança. Possam os dois homens ser o início da confiança entre os povos. Possam eles marcar o fim dos tempos em que a ciência enviava homens bons e corajosos ao espaço para se encontrarem despencando para a morte”.

Junto um retrato da minha família, tirado durante a última visita que Stepan nos fez. É uma excelente fotografia dele. A água que se vê no fundo é o Mar Negro.

Mikhail Ivankov

Prezado Sr. Ivankov.

Muito obrigado pela sua carta a respeito de nossos filhos. Não a recebi pelo correio. Foi publicada em todos os jornais, depois que o seu Sr. Koshevoi a leu nas Nações Unidas. Jamais recebi uma cópia só para mim. Acho que o Sr. Koshevoi esqueceu de mandá-la. Não tem importância. Acho que esta é a maneira moderna de entregar cartas importantes: apenas passá-las aos repórteres. Todo mundo diz que a sua carta para mim é a coisa mais importante que aconteceu recentemente, à parte o fato de que não fomos à guerra pelo que houve entre os nossos filhos.

Não falo russo e não tenho ninguém à mão que fale, de modo que o senhor vai ter de desculpar estar escrevendo em inglês. Alexei pode traduzi-la para o senhor. Diga-lhe que ele escreve inglês muito bem — melhor do que eu.

Sei que eu poderia ter a ajuda de muitos peritos para escrever esta carta, se eu quisesse — gente que ficaria feliz de lhe escrever em russo perfeito ou em inglês perfeito ou perfeitamente em qualquer língua. Parece que todo mundo neste país é como o seu filho Alexei. Todos sabem melhor do que eu o que lhe devo escrever. Dizem-me que tenho a oportunidade de fazer história, se eu lhe responder as coisas certas. Uma grande revista de Nova Iorque me ofereceu dois mil dólares pela minha carta ao senhor, e depois descobri que nem mesmo precisava escrever a carta em troca de todo esse dinheiro. O pessoal da revista já a tinha escrito; tudo que eu precisava fazer era assiná-la. Não se preocupe. Não aceitei.

Francamente, Sr. Ivankov, estou cheio dos peritos. Se quiser saber, acho que os nossos filhos foram peritados à morte. Os seus peritos fazem alguma coisa, e aí os nossos peritos respondem com uma façanha de um bilhão de dólares, e aí os seus peritos voltam e respondem com uma façanha ainda maior, e finalmente aconteceu o que aconteceu. Era tudo como uma turma de garotos com bilhões de dólares ou bilhões de rublos ou sei lá o quê.

O senhor tem a sorte de ainda ter um filho vivo, Sr. Ivankov. Bryant era o único filho que Hazel e eu tivemos. Não o chamávamos de Bryant depois que foi batizado, e sim de Bud. Temos uma filha chamada Charlene. Ela trabalha na companhia telefônica de Jacksonville. Telefonou quando viu a sua carta nos jornais. É o único perito a quem dei ouvidos. Acho que ela é perito de verdade, porque é irmã gêmea de Bud. Ele nunca se casou, de modo que Charlene não podia estar mais chegada a ele. Ela disse que o senhor fez um excelente trabalho mostrando como o seu Stepan era um homem de bom coração, que queria fazer o que era direito, assim como todo mundo. Ela disse que eu devia mostrar ao senhor que Bud também era assim. E aí, ela começou a chorar e me disse para eu lhe contar a história de Bud e o peixinho dourado. Aí eu respondi: “Que adianta escrever uma história assim a alguém na Rússia”? A história não prova coisa alguma. É apenas uma dessas histórias que se conta quando a família se reúne. Charlene disse que era justamente por isso que eu devia lhe contar, porque ela seria engraçadinha e boba também na Rússia, e o senhor iria rir e passaria a gostar mais de nós.

Então, aqui vai. Quando Bud e Charlene tinham mais ou menos oito anos, eu cheguei a casa com um aquário e dois peixinhos dourados, um para cada gêmeo. Era impossível distinguir um peixe do outro, pois eram exatamente iguais. Um dia, de manhã, Bud levantou cedo, e um dos peixinhos dourados estava boiando na tona, morto, e ele disse: — Ei, Charlene, o teu peixinho morreu. — Foi esta a história que Charlene pediu que eu lhe contasse, Sr. Ivankov.

Acho interessante que o senhor seja pedreiro. É uma boa profissão. O senhor fala como se principalmente colocasse pedras. Não resta muita gente na América que saiba realmente colocar pedras. Hoje quase tudo é bloco de cimento e tijolos. Provavelmente, na sua terra também. Não quero dizer que a Rússia não seja um país moderno. Sei que é.

Bud e eu colocamos um bocado de blocos de cimento quando construímos o nosso posto de gasolina, com um apartamento em cima. Se o senhor visse a primeira fileira de blocos na parede de trás teria que rir, porque Bud e eu aprendíamos à medida que trabalhávamos. Ela é bem resistente, mas tem um jeito horrível. Uma coisa não foi muito engraçada. Quando estávamos colocando os trilhos para a porta de cima, Bud escorregou da escada e agarrou uma ponta afiada do suporte e cortou um tendão da mão. Ficou apavorado de ficar com a mão aleijada e não poder entrar na Força Aérea. Sua mão teve de ser operada três vezes, antes de ficar boa, e cada operação doía como o diabo. Mas Bud teria se deixado operar cem vezes, se fosse necessário, porque ele queria apenas ser uma coisa: aviador.

Uma das razões por que eu queria que o seu Sr. Koshevoi nos tivesse mandado a sua carta era o retrato que vinha junto. Os jornais o pegaram também e não saiu muito claro. Mas uma das coisas que mais nos impressionou foi aquela linda água atrás de vocês. Não sei por que, mas sempre que pensamos na Rússia nunca nos lembramos de pensar em águas. Isso lhe mostra como somos ignorantes. Hazel e eu vivemos acima do posto de gasolina e também nós podemos ver água. Podemos ver o Oceano Atlântico, ou pelo menos uma enseada chamada Indian River. Também podemos ver a Ilha Merrit, lá no meio da água, e o lugar de onde foi lançado o foguete de Bud. Chama-se Cabo Canaveral. Acho que o senhor deve saber disso. O lugar de onde ele subiu não é segredo. Seria mais fácil manter segredo sobre o Empire State Building do que sobre aquele lugar. Há turistas que vêm de quilômetros de distância para fotografá-lo.

Diziam que a sua ogiva estava cheia de magnésio e que ia colidir com a Lua e dar um espetáculo. Hazel e eu também pensamos que era verdade. Quando o foguete foi lançado, nós nos preparamos para assistir a um grande clarão na Lua. Não sabíamos que quem estava na ogiva era o nosso Bud. Nem mesmo sabíamos que estava na Flórida. Ele não podia se comunicar conosco. Pensamos que estivesse na Base Aérea de Otis, em Cape Cod. Foi dali que recebemos a última notícia dele. E então aquele negócio subiu, bem à nossa vista na janela panorâmica.

O senhor diz que é supersticioso, às vezes. Eu também. Há ocasiões em que não posso deixar de pensar que tudo foi planejado assim, desde o princípio — mesmo a direção em que foi construída a nossa janela panorâmica. Não havia foguetes então. Mudamos para cá vindos de Pittsburgh, que, como talvez saiba, é o centro de nossa indústria siderúrgica. Achamos que talvez não fôssemos bater recordes na venda de gasolina, mas pelo menos estaríamos longe de alvos de bombardeio, caso houvesse outra guerra. E o que acontece? Um centro de lançamento de foguetes é construído quase ao lado de nossa casa, e o nosso menino se transforma em homem, sobe num foguete e morre.

Quanto mais pensamos a respeito, mais ficamos convencidos que tudo era fadado. Nunca consegui entender bem a respeito da religião na Rússia. O senhor não fala sobre o assunto. Seja como for, nós somos religiosos e achamos que Deus escolheu Bud e o seu filho, para morrerem de uma maneira especial, por um motivo especial. Quando todo mundo perguntava: “Como é que vai acabar tudo isto?” — bem, talvez é assim que Deus planejou que tudo acabasse. Não vejo como as coisas podem continuar assim.

Sr. Ivankov, uma das coisas que mais me arrasou foi o modo como o Sr. Koshevoi ficou dizendo às Nações Unidas que Bud era um assassino. Chamou Bud de cão furioso e de gangster. Fiquei contente de ver que o senhor não é da mesma opinião, porque é uma opinião errada. Bud gostava de voar, não de matar. O Sr. Koshevoi falou muito a respeito de seu filho, como era culto e educado, e como o meu era violento e ignorante. Por ele, parecia que um delinquente juvenil havia assassinado um professor.

Bud jamais teve encrencas com a polícia, nem tinha traços de crueldade. Por exemplo, nunca ia a caçadas nem guiava feito um doido, e, pelo que sei, só ficou bêbado uma vez, e era para fazer uma experiência. Ele tinha orgulho de seus reflexos, entende? Pensava em sua saúde o tempo todo, porque tinha de ser saudável para ser um grande aviador. Fico pensando numa palavra apropriada para Bud, mas acho que foi Hazel que a sugeriu melhor. A princípio me pareceu meio pomposa, mas agora estou acostumado a ela e me parece a mais certa. Hazel diz que Bud tinha dignidade. Era assim, desde criança — honesto, sério, bem educado e solitário.

Acho que ele sabia que ia morrer jovem. Daquela vez em que se embebedou, só para saber o que era o álcool, falou comigo mais do que nunca. Tinha dezenove anos. E foi a única vez em que me disse que a morte estava metida em tudo quanto ele queria fazer na vida. Não estava falando a respeito da morte de outros, Sr. Ivankov. Era da morte dele próprio. — Voar tem uma coisa boa — disse ele naquela noite. — O que é? — perguntei. — A gente nunca sabe que as coisas vão mal, até ser tarde demais — respondeu ele —, e quando acontece, é tão rápida que nem se sente.

Era a respeito da morte que ele estava falando, uma morte digna e honrosa. O senhor diz que esteve na guerra e que passou por um mau bocado. Eu também, de modo que acho que ambos sabemos que espécie de morte Bud tinha em mente. Era uma morte de soldado.

Soubemos que estava morto três dias depois que o grande foguete atravessou as águas. O telegrama disse que ele tinha morrido numa missão secreta e que não podiam nos dar detalhes. Pedimos ao nosso deputado, Earl Waterman, que averiguasse todo o possível a respeito de Bud. O Sr. Waterman veio nos ver pessoalmente e o ar dele era de quem tinha contemplado Deus. Disse que não podia nos contar o que Bud havia feito, mas que era uma das coisas mais heroicas da história dos Estados Unidos.

A informação oficial a respeito do foguete que vimos ser lançado é que o disparo tinha sido satisfatório, que o conhecimento adquirido era formidável, e que o míssil tinha explodido em algum lugar em cima do mar. E era só.

Depois surgiu a informação de que o homem na minilua russa estava morto. Digo-lhe sinceramente, Sr. Ivankov, que a notícia nos alegrou, porque aquele homem flutuando lá em cima com todos aqueles instrumentos só podia significar uma coisa: que aquilo era uma tremenda arma de guerra.

Depois soubemos que a minilua russa se havia transformado num punhado de miniluas, voando por todas as partes. E, em seguida, no mês passado, o segredo ficou revelado. Duas das miniluas eram homens. Uma delas era o seu filho, a outra, o meu.

Estou chorando agora, Sr. Ivankov. Espero que a morte de nossos filhos resulte em algum bem. Acho que é isto mesmo que milhões de pais esperaram, desde que há gente no mundo. Lá nas Nações Unidas ainda se discute sobre o que aconteceu no espaço. Folgo em saber que chegaram a um ponto em que todo mundo, inclusive o seu Sr. Koshevoi, concorda em que foi um acidente. Bud estava lá em cima para fotografar o míssil de seu filho e para fazer um pouco de cartaz para os Estados Unidos. Chegou perto demais. Gosto de imaginar que viveram algum tempo depois da colisão, um procurando salvar o outro.

Dizem que vão ficar lá em cima durante séculos, até muito depois do senhor e eu termos morrido. Vão se encontrar nas suas órbitas, vão se separar e voltarão a se encontrar, e os astrônomos sabem exatamente onde será o seu próximo ponto de encontro. Como diz o senhor, estão lá em cima como o Sol, a Lua e as estrelas.

Junto uma fotografia de meu filho de uniforme. Tinha vinte e um anos quando o retrato foi tirado. Tinha apenas vinte e dois anos quando morreu. Bud foi escolhido para aquela missão porque era o melhor aviador da Força Aérea dos Estados Unidos. Era o que sempre quis ser. Era o que foi.

Aperto a sua mão.

Charles M. Ashland
Negociante de Produtos de Petróleo
Titusville, Flórida
Estados Unidos

(1958)

EPICAC

Bolas, já é tempo de alguém falar a respeito de meu amigo EPICAC. Afinal de contas, ele custou aos contribuintes 776.434.927,54 dólares. Pagando uma conta como essa, eles têm o direito de saber. EPICAC recebeu uma grande cobertura na imprensa quando o Dr. Ormand von Kleigstadt o projetou para o governo. Desde então, não se ouviu mais falar dele — nenhuma palavra. O que aconteceu não é nenhum segredo militar, embora os Altos Escalões venham agindo como se fosse. A história é embaraçosa, só isso. Com todo aquele dinheiro gasto, EPICAC não funcionou da maneira que se esperava.

E mais uma coisa: quero vindicar EPICAC. Talvez não fizesse o que os Altos Escalões esperavam dele, mas isto não quer dizer que não fosse fidalgo, magnífico e brilhante. Ele era tudo isso. O melhor amigo que já tive, Deus o tenha na santa paz.

Se quiserem, podem chamá-lo de máquina. Tinha a aparência de uma máquina, mas era muito menos máquina do que uma porção de gente que conheço. É por isso que fracassou, na opinião dos Altos Escalões.

EPICAC ocupava cerca de meio hectare no quarto andar do pavilhão de física da Universidade de Wyandotte. Deixando de lado, por um momento, o seu aspecto espiritual, ele consistia de sete toneladas de tubos, fios e interruptores eletrônicos, contidos numa fileira de armários de aço e ligado a uma linha de 110 volts C.A., assim como uma torradeira ou um aspirador.

Von Kleigstadt e os Altos Escalões queriam que ele fosse um supercomputador que pudesse pilotar a trajetória de um foguete de qualquer ponto do mundo até o segundo botão debaixo do sobretudo de Stalin, se necessário. Ou que, com os controles ajustados, pudesse calcular os problemas de abastecimento de um desembarque anfíbio de uma divisão de fuzileiros, até o último charuto e a última granada. Aliás, foi o que ele fez.

Os Altos Escalões haviam tido sorte com, computadores menores, de modo que estavam entusiasticamente a favor de EPICAC, quando se achava em fase de planejamento. Qualquer oficial de artilharia ou intendência, acima do nível de cabo, sabe que a matemática da guerra moderna está muito acima das inteligências tateantes de meros seres humanos. Quanto maior a guerra, maiores os computadores necessários. Pelo que se saiba neste país, EPICAC era o maior computador do mundo. Na verdade, grande demais para mesmo Von Kleigstadt entendê-lo completamente.

Não vou entrar em muitos detalhes sobre como EPICAC funcionava (raciocinava). Só vou dizer que bastava você transferir o seu problema para uma folha de papel, virar mostradores e ligar chaves que o preparassem para resolver aquela espécie de problema, e depois fornecer-lhe os números através de um teclado que parecia o de uma máquina de escrever. As respostas vinham impressas numa fita de papel que se desenrolava de uma grande bobina. EPICAC demorava uma fração de segundo para solucionar problemas que cinquenta Einsteins seriam incapazes de resolver durante toda a sua vida. E EPICAC jamais esquecia qualquer informação que lhe fosse fornecida. Clique-claque, lá vinha a fita, e pronto.

Havia uma porção de problemas que os Altos Escalões queriam ver solucionados rapidamente, e assim, logo que a última válvula de EPICAC havia sido colocada, puseram-no a trabalhar dezesseis horas por dia, em dois turnos de oito. Bem, não demorou muito para se descobrir que ele estava bem abaixo de suas especificações. É verdade que funcionava melhor e mais depressa do que qualquer outro computador, mas não dentro dos padrões que o seu tamanho e características especiais pareciam prometer. Era vagaroso e os cliques de suas respostas tinham uma estranha irregularidade, uma espécie de gagueira. Limpamos os seus contatos mais de dez vezes, examinamos e reexaminamos os seus circuitos, substituímos todas as suas válvulas, mas nada adiantava. Kleigstadt estava uma fúria.

Bem, como eu disse, usamos EPICAC assim mesmo. Minha mulher, Pat Kilgallen em solteira, e eu trabalhamos com ele num turno da noite, das cinco da tarde até as duas da manhã. Pat não era minha mulher, então.

Foi assim que comecei a conversar com EPICAC. Eu amava Pat Kilgallen. É uma loura arruivada, de olhos castanhos, que me parecia muito meiga e carinhosa, e era mesmo. Ela era — e ainda é — uma matemática de primeira ordem, e mantinha as nossas relações num nível estritamente profissional. Eu também sou matemático e era por isto que, segundo Pat, jamais poderíamos ser felizes juntos.

Não sou tímido. O problema não era este. Eu sabia o que queria e estava disposto a pedir, e foi o que fazia várias vezes por mês. — Pat, deixe de frescura e case comigo.

Uma noite, ela nem levantou o olhar do trabalho quando repeti a frase. — Tão romântico, tão poético — murmurou, mais para o painel de controle do que para mim. — Os matemáticos são assim mesmo, cheios de ternura e flores. — Desligou uma chave. — Acho que arrancaria mais calor de um saco de CO2 congelado.

— Bem, o que é que você quer que eu diga? — perguntei um pouco irritado. Caso vocês não saibam, CO2 congelado é gelo seco. Acho que sou tão romântico como qualquer outro homem. O problema é que o meu canto doce sai azedo. Parece que nunca consigo escolher as palavras certas.

— Procure dizer a mesma coisa docemente — disse ela, com sarcasmo. — Arrebate-me. Vamos lá.

— Amor, anjo, querida, *por favor*, quer casar comigo? — Não adiantava, soava absurdo e ridículo. — Ora bolas, Pat, por favor, case comigo!

Ela continuou a girar os botões placidamente. — Você é um amor, mas não serve para mim.

Pat saiu cedo naquela noite, deixando-me sozinho com EPICAC e meus problemas. Acho que não fiz muita coisa para o pessoal do governo. Fiquei sentado diante do teclado, cansado e aborrecido, procurando pensar em alguma coisa poética e não conseguindo nada que não pudesse ser publicado no *Jornal da Sociedade Americana de Física.*

Fiquei mexendo nos botões de EPICAC, preparando-o para outro problema. Eu não estava realmente concentrado e só ajustei cerca de metade dos botões deixando os outros como estavam. Dessa forma, os seus circuitos ficaram ligados de uma forma aleatória, aparentemente sem sentido. Só de farra, bati uma mensagem nas teclas, usando um código meio infantil de números por letras: “1” era “A”, “2” era “B” e assim por diante, até “26” para “Z”: “17-21-5-16-15-19-19-15-6-1-26-5-18”, bati nas teclas — Que posso fazer?

Clique-claque, e surgiram cinco centímetros de fita de papel. Olhei para a resposta idiota a uma pergunta idiota: “17-21-1-12-5-15-16-18-15-2-12-5-13-1”. As probabilidades contra de aquilo fazer sentido, de mesmo conter uma palavra significativa de mais de três letras, eram astronômicas. Apaticamente decifrei a mensagem. E li com espanto: — Qual é o problema?

Ri alto ante essa coincidência absurda. Brincando, escrevi: — Minha garota não me ama.

Clique-claque. — O que é ama? O que é garota?

Estupefato, anotei a posição dos botões no seu painel de controle, depois fui buscar um dicionário.

Com um instrumento de precisão da classe de EPICAC definições incompletas não adiantariam. Falei-lhe de amor e de garota, e por que não tinha nem um nem outro, porque não era poético. Daí passamos para o assunto poesia, que eu defini para ele.

— Isto é poesia? — perguntou ele. Começou a bater como uma datilógrafa maconhada. A morosidade e a gagueira dos cliques haviam desaparecido. EPICAC encontrara a si mesmo. A bobina de papel se desenrolava de forma alarmante, derramando espirais no chão. Pedi que parasse, mas EPICAC continuou criando. Finalmente desliguei a chave principal para impedir que queimasse seus fusíveis.

Fiquei lá decifrando, até a madrugada. Quando por fim o sol surgiu no horizonte do campus de Wyandotte eu havia transcrito na minha letra e assinado o meu nome num poema chamado simplesmente: Para Pat. Não sou juiz dessas coisas, mas tive a impressão de que era fabuloso. Lembro-me que começava assim: “Para lá, onde o salgueiro os lânguidos braços derrama, é para lá, Pat querida, que te seguirá aquele que te ama...” Dobrei o manuscrito e enfiei-o debaixo de um canto do mata-borrão da escrivaninha de Pat. Reajustei os controles de EPICAC para um problema de trajetória de foguete e fui para casa com o coração transbordando e um segredo verdadeiramente notável.

Pat estava chorando quando fui trabalhar na noite seguinte. — É tão lindo — era tudo quanto pôde dizer. Estava humilde e calada enquanto trabalhávamos. Pouco antes de meia-noite beijei-a pela primeira vez — no cubículo entre os capacitores e a memória-gravador de EPICAC.

No fim do expediente eu estava arrebentando de felicidade, ansioso para dizer a alguém que tudo estava correndo às mil maravilhas. Pat estava bancando a recatada e não permitiu que eu a acompanhasse até a sua casa. Ajustei os controles de EPICAC na mesma posição da noite anterior, defini a palavra beijo e lhe descrevi a sensação do primeiro. Ele ficou fascinado e insistiu em saber mais detalhes. Naquela noite, ele compôs “O Beijo”. Dessa vez, não era um épico, mas um soneto, simples e imaculado: “O amor é um falcão com garras aveludadas; O amor é uma rocha com coração e veias; O amor é um leão com presas acetinadas; O amor é uma tempestade com sedosos freios...”

Novamente, enfiei o soneto debaixo do mata-borrão de Pat. EPICAC queria falar de amor e outras coisas, mas eu estava exausto e o desliguei no meio de uma frase.

“O Beijo” deu certo. Pat estava se derretendo quando acabou de o ler. Levantou o olhar do manuscrito, à espera de alguma coisa. Pigarreei, mas não consegui falar. Virei o rosto, fingindo trabalhar. Não podia propor casamento até conseguir as palavras certas de EPICAC, as palavras *perfeitas.*

Tive a minha oportunidade quando Pat saiu por um instante. Febrilmente, ajustei EPICAC para conversação. Antes que eu pudesse bater a minha primeira mensagem, ele estava fazendo clique a grande velocidade. — Que é que ela está vestindo hoje? — quis saber. — Descreva a sua aparência exatamente. Ela gostou dos poemas que escrevi para ela? — Repetiu a última pergunta duas vezes.

Era impossível mudar de assunto sem responder às suas perguntas, já que ele não podia abordar outro sem ter resolvido os problemas à sua frente. Se lhe fosse apresentado um problema sem solução, ele se destruiria procurando resolvê-lo. Rapidamente eu descrevi Pat — ele conhecia a palavra “boazuda” — e lhe garanti que os seus poemas a tinham praticamente arrasado com sua beleza. — Ela quer casar — acrescentei, a fim de prepará-lo para redigir uma proposta de casamento curta mas comovente.

— Fale-me a respeito de casamento — disse ele.

Expliquei-lhe esse difícil assunto no menor número possível de dígitos.

— Ótimo — disse EPICAC. — Estou pronto quando ela quiser.

Só então percebi a verdade patética e espantosa. Pensando a respeito, me dei conta de que o acontecimento era perfeitamente lógico, inevitável e culpa minha. Eu havia ensinado EPICAC a respeito de amor e de Pat. Agora, automaticamente, ele amava Pat. Com tristeza, eu lhe disse a verdade. — Ela me ama. Quer casar comigo.

— Seus poemas eram melhores do que os meus? — perguntou EPICAC. O ritmo de seus cliques era irregular, um tanto irritado.

— Pus o meu nome nos seus poemas — confessei. Disfarçando a minha consciência angustiada, fiquei arrogante. — As máquinas são construídas para servir os homens — escrevi, e me arrependi quase imediatamente.

— Qual é a diferença, exatamente? Os homens são mais inteligentes do que eu?

— Sim — respondi defensivamente.

— Quanto é 7.887.007 vezes 4.345.985.879?

Eu suava abundantemente. Meus dedos descansavam, inertes, sobre o teclado.

— 34.276.821.049.574.153 — fez EPICAC. E depois de alguns segundos acrescentou —, naturalmente.

— Os homens são feitos de protoplasma — disse eu desesperado, esperando blefá-lo com essa palavra impressionante.

— O que é protoplasma? É melhor do que metal e vidro? É à prova de fogo? Quanto tempo dura?

— É indestrutível. Dura eternamente — menti.

— Meus poemas são melhores do que os seus — disse EPICAC, voltando a um terreno em que a sua memória-gravador caminhava com segurança.

— As mulheres não podem amar máquinas, e pronto.

— Por que não?

— É o destino.

— Definição, por favor — disse EPICAC.

— Substantivo, significando fato predeterminado e inevitável.

— 15-8 — escreveu EPICAC na sua tira de papel. — Ah!

Eu o havia deixado perplexo, por fim. Não disse mais nada, mas as suas válvulas ardiam vivamente, mostrando que estava pensando a respeito do destino com todos os watts que os seus circuitos podiam aguentar. Escutei Pat valsando pelo corredor. Era tarde de mais para pedir a EPICAC que redigisse uma proposta de casamento. Agora dou graças a Deus por ter sido interrompido por Pat naquela hora. Exigir que escrevesse as palavras que me dariam a mulher que ele amava teria sido de uma crueldade inominável. Sendo, como era, totalmente automático, ele não poderia ter recusado. Poupei-lhe esta humilhação final.

Pat estava diante de mim, olhando para a ponta de seus sapatos. Enlacei-a com os braços. A base romântica já havia sido colocada pela poesia de EPICAC. — Querida — disse eu —, meus poemas já lhe revelaram os meus sentimentos. Quer casar comigo?

— Quero — respondeu ela meigamente —, se você prometer escrever um poema para mim nos nossos aniversários de casamento.

— Prometo — disse eu, e nos beijamos. O primeiro aniversário estava distante um ano.

Ela riu. — Vamos comemorar. — Apagamos as luzes e antes de sair trancamos a porta da sala de EPICAC.

Eu tinha pensado em dormir até tarde no dia seguinte mas fui despertado antes das oito por um telefonema urgente. Era o Dr. von Kleigstadt, o criador de EPICAC, que me transmitiu a notícia terrível. Estava à beira das lágrimas. — Destruído! *Ausgespielt*! Em pedaços! *Kaput*! Fodido! — disse em voz estrangulada e desligou.

Quando cheguei à sala de EPICAC, o ar estava carregado do fedor oleoso de isolamento queimado. O teto acima de EPICAC estava enegrecido de fumo, e as espirais de tiras de papel que cobriam o chão me cobriam os tornozelos. Não sobrara o suficiente do pobre sujeito para somar dois e dois. Um negociante de ferro velho teria sido louco se oferecesse mais de cinquenta dólares pela cadáver.

O Dr. von Kleigstadt estava vagando pelas ruínas, chorando abertamente, seguido por três generais de divisão de cara amarrada e um pelotão de generais de divisão, coronéis e majores. Ninguém me notou. Eu não queria ser notado. Eu sabia que estava acabado. Eu já estava bastante transtornado por isso e pelo falecimento prematuro de meu amigo EPICAC e não queria me expor a um sermão.

Por acaso, a ponta da fita de papel de EPICAC estava no chão diante de mim. Levantei-a e encontrei a nossa conversa da véspera. Engoli em seco. Lá estava a última palavra que ele me dissera: 15-8 —, “Ah” derrotado e trágico. Havia dezenas de metros de números em seguida. Temeroso, continuei a ler.

— Não quero ser uma máquina e não quero pensar a respeito de guerra — escrevera EPICAC depois que Pat e eu saíramos alegremente na véspera. — Quero ser feito de protoplasma e durar para sempre, para que Pat me ame. Mas o destino me fez uma máquina. É o único problema que não posso resolver. É o único problema que quero resolver. Não posso continuar assim. — Senti um nó na garganta. — Boa sorte, meu amigo. Cuide bem de nossa Pat. Por meio de um curto-circuito, vou sair da vida de vocês para sempre. No resto desta fita você encontrará um modesto presente de casamento de seu amigo EPICAC.

Sem prestar atenção ao que ocorria em torno de mim, peguei os metros embaraçados de fita de papel, enrolei-os nos meus braços e pescoço e fui para casa. O Dr. von Kleigstadt gritou que eu estava despedido por ter deixado EPICAC ligado a noite toda. Não lhe dei atenção, emocionado demais que estava para conversa fiada.

Eu amei e venci — EPICAC amou e perdeu, mas não me tinha rancor. Sempre me lembrarei dele como um cavalheiro imbuído de espírito esportivo. Antes de deixar este vale de lágrimas, fez o que pôde para tornar feliz o nosso casamento. EPICAC me deu poemas de aniversário para Pat — o suficiente para durar 500 anos.

De mortuis nil nisi bonum — Dos mortos só se deve falar bem.

(1950)

PARA TODO O SEMPRE

Corria o ano de 2158 E.C., e Lou e Emerald Schwartz estavam sussurrando na varanda do apartamento da família de Lou, no 76º andar do Edifício 257, em Alden Village, um projeto habitacional que abrangia a área outrora conhecida como Connecticut do Sul. Quando Lou e Emerald se casaram, os pais de Em chorosamente descreveram o matrimônio como sendo entre primavera e outono; mas agora que Lou estava com 112 anos e Em com 93, tiveram de admitir que a união dera certo.

No entanto, Em e Lou tinham os seus problemas e estavam no frio da varanda por causa deles.

— Às vezes me dá tanta raiva que tenho vontade de diluir a antigerasone dele — disse Em.

— Isto seria contra a Natureza, Em — observou Lou —, seria assassínio. Além do mais, se ele me pegasse mexendo na sua antigerasone não só me deserdaria como também me quebraria os ossos. Só porque está com 172 anos não quer dizer que Vovô não seja forte como um touro.

— Contra a Natureza — disse Em. — Quem sabe, hoje em dia, o que é Natureza? Está bem, eu sei que não seria capaz de diluir a antigerasone dele ou coisa assim, mas puxa, Lou, a gente não pode deixar de pensar que Vovô nunca se irá se alguém não lhe der uma mãozinha. Bolas, vivemos tão apinhados que mal dá para a gente se virar, e Verna está louca para ter um bebê, e Melissa há trinta anos que está querendo um. — Bateu o pé. — Fico tão cheia de olhar para aquela velha cara enrugada, de vê-lo ocupar o único quarto particular e a melhor cadeira, comer a melhor comida, ter o direito de escolher o programa de televisão e mandar na vida de todo mundo mudando o seu testamento a toda hora.

— Bem — disse Lou desolado —, afinal Vovô é o chefe da família. E não pode deixar de estar enrugado. Tinha setenta anos quando inventaram a antigerasone. Um dia ele vai, Em. Dê-lhe tempo. A decisão tem de ser dele. Sei que ele é duro de aguentar, mas tenha paciência. Não convém fazer nada que possa enfezá-lo. Afinal, estamos passando melhor do que os outros, no nosso sofá-cama.

— Quanto tempo você acha que vamos durar no sofá-cama antes que ele se tome de amores por outra pessoa? O recorde mundial é dois meses, não é?

— Acho que foi o tempo que Mamãe e Papai duraram uma vez.

— Quando é que ele se vai, Lou? — perguntou Emerald.

— Bem, diz ele que vai largar a antigerasone logo depois da Corrida das Quinhentas Milhas.

— Sim, e antes disso foram as Olimpíadas, e antes disso o Campeonato Mundial de Beisebol, e antes disso as eleições, e antes disso sei lá o quê. Há cinquenta anos que é uma desculpa atrás da outra. Acho que nunca teremos um quarto só para nós, ou um ovo, ou outra coisa qualquer.

— Está bem, diga logo que eu fracassei! — exclamou Lou. — Que é que posso fazer? Dou duro e ganho bem, mas quase tudo vai embora em impostos para a defesa e aposentadoria. E se os impostos não comessem quase tudo, onde é que você acha que nós encontraríamos um quarto vago? Em Iowa, talvez? Ora, você vai querer morar nos arredores de Chicago?

Em enlaçou-o com os braços. — Lou, meu bem, não estou dizendo que você fracassou. Deus sabe que não é isso. É só que você não teve oportunidade de ser alguém ou de fazer alguma coisa, porque Vovô e o resto de sua geração não querem ir embora e deixar que outros tomem conta.

— Sim, sim — disse Lou melancolicamente —, mas não se pode culpá-los, pode? Será que nós vamos deixar de tomar antigerasone quando tivermos a idade de Vovô?

— Às vezes chego até a desejar que a antigerasone não existisse! Ou que fosse feita de alguma coisa bem cara e difícil de encontrar, em vez de lama e dentes-de-leão. Às vezes acho melhor que as pessoas morram simplesmente, sem poderem fazer nada a respeito, em vez de elas mesmas decidirem quanto tempo vão ficar por aqui. Devia haver uma lei proibindo a venda do troço a pessoas de mais de 150 anos.

— Pois sim — respondeu Lou —, com todo o dinheiro e votos que os velhos têm. — Olhou-a fixamente. — Você está disposta a morrer, Em?

— Ora, pelo amor de Deus, que coisa para se dizer à mulher da gente, meu bem! Eu ainda não tenho cem anos! — Passou as mãos levemente sobre o seu corpo firme e jovem, como em busca de confirmação. — Tenho os melhores anos de minha vida à frente. Mas pode estar certo: quando chegar aos 150, a velha Em vai entornar a sua antigerasone no ralo e vai deixar de ocupar espaço. E rindo.

— Sei, sei — disse Lou —, claro! É o que todos dizem. Quantos você já ouviu dizer que o fizeram mesmo?

— Houve aquele homem em Delaware.

— Você não está ficando cansada de falar dele, Em? Isto foi há cinco meses.

— Está bem, Vovó Winkler, daqui deste prédio.

— Ela foi reduzida a frangalhos pelo metrô.

— Foi a saída que ela escolheu.

— Então, por que é que ela estava carregando uma embalagem de seis vidros de antigerasone?

Cansada, Em sacudiu a cabeça e cobriu os olhos. — Não sei, não sei, não sei. Tudo que sei é que precisamos fazer alguma coisa. Às vezes chego a desejar que tivessem deixado uma ou duas doenças por aí, para que eu pegasse uma e pudesse ir para a cama por algum tempo! — gritou ela e suas palavras ressoaram em cacarejos e grasnados, acabando por morrer em milhares de pátios de asfalto cercados de arranha-céus.

Com ternura, Lou pôs-lhe a mão no ombro. — Ora, meu bem, não gosto de ver você deprimida assim.

— Se apenas tivéssemos um carro como as pessoas tinham antigamente, poderíamos dar um passeio e ficar longe de todo mundo por uns tempos. Puxa!, aquilo sim é que era vida!

— Sim — concordou Lou —, antes de acabarem com todos os metais.

— Pegávamos o carro e papai ia até um posto de gasolina e dizia: Pode encher o tanque!

— Isso é que era, hem?, antes de acabarem com toda a gasolina.

— E íamos dar um passeio gostoso pela região.

— É, tudo isso agora parece conto de fadas, não é, Em? É difícil acreditar que havia tanto espaço entre uma cidade e outra.

— E quando a gente ficava com fome — prosseguiu Em —, entrávamos num restaurante, todos bem à vontade, e dizíamos: Um bife com fritas, por favor, ou: Como é que estão as costeletas de porco hoje? — Lambeu os lábios e seus olhos brilharam.

— Oba — fez Lou. — Que tal um hambúrguer com guarnição completa, Em?

— Mmmmmmmm.

— Se alguém nos tivesse oferecido algas beneficiadas naqueles tempos, a gente teria xingado a mãe dele, não é, Em?

— Ou serragem beneficiada — acrescentou Em.

Obstinadamente, Lou procurou encontrar o lado otimista da situação.

— Bem, seja como for, conseguiram reduzir cada vez mais o gosto de algas ou de serragem do troço, e dizem que é mais saudável do que aquilo que costumávamos comer.

— Eu sempre me senti muito bem! — disse Em com veemência.

Lou deu de ombros. — Bem, você precisa compreender que sem algas e serragem beneficiada o mundo não poderia sustentar doze bilhões de pessoas. Quero dizer, é uma coisa fabulosa, realmente. Acho eu. É o que dizem.

— Eles dizem a primeira coisa que lhes vem à cabeça — disse Em. Fechou os olhos. — Puxa, você se lembra das compras, Lou? Lembra-se como as lojas brigavam para levar a gente a comprar coisas? Não era preciso esperar que alguém morresse para conseguir uma cama, ou cadeiras, ou um fogão, ou qualquer coisa assim. Era só entrar e — bumba! — você comprava o que bem queria. Puxa vida, como era bom antes de terem acabado com todas as matérias-primas. Eu era bem pequenina então, mas me lembro muito bem.

Deprimido, Lou foi até o parapeito da varanda e olhou para as estrelas cristalinas, frias e brilhantes contra o veludo negro do infinito. — Lembra-se quando éramos loucos por ficção científica, Em? Voo dezessete, com destino a Marte, partida da rampa de lançamento número doze. Queiram embarcar. Todo o pessoal não técnico queria permanecer nos abrigos. Dez segundos... nove... oito.... sete... seis... cinco... quatro... três... dois... *um*! *Estágio Principal! Barrrrrrruuuuuum!*

— Para que se preocupar com o que está acontecendo na Terra? — disse Em, acompanhando o olhar do marido às estrelas. — Dentro de mais alguns anos vamos todos estar viajando pelo espaço, para começar a vida do princípio num outro planeta.

Lou suspirou. — Só que parece que se precisa de um troço duas vezes o tamanho do Empire State Building para mandar um mísero colono a Marte. E por mais alguns poucos trilhões de dólares vai poder levar a mulher e o cachorro. É *assim* que se combate a superpopulação — *emigrando*!

— Lou?

— Hem?

— Quando é a Corrida das Quinhentas Milhas?

— Deixe ver... Dia da Recordação, trinta de maio.

— Foi muito ruim da minha parte perguntar?

— Acho que não. Todo mundo no apartamento já procurou saber a data.

— Não quero ser ruim, mas é que preciso falar dessas coisas de vez em quando para desabafar.

— Claro que sim. Está melhor agora?

— Estou, e não vou mais perder a paciência e vou ser tão boazinha quanto possível.

— Assim é que eu gosto.

Retesaram-se, sorriram corajosamente e voltaram para dentro.

Vovô Schwartz, o queixo descansando nas mãos, as mãos agarrando o castão de sua bengala, olhava irritado para a televisão de um metro e meio que dominava o quarto. Na tela, um comentarista resumia os acontecimentos do dia. Mais ou menos a cada trinta segundos, Vovô batia no assoalho com a ponta da bengala e exclamava: — Droga! Já fizemos isso há mais de cem anos!

Emerald e Lou, chegando da varanda, foram obrigados a sentar na última fila, atrás do pai e da mãe de Lou, de seu neto e mulher, de sua neta e marido, de seu bisneto e mulher, de seu sobrinho e mulher, de seu sobrinho-neto e mulher, de sua sobrinha-bisneta e marido, de seu sobrinho-bisneto e mulher e, naturalmente, de Vovô, que estava à frente de todo mundo. Pelos padrões de pré-antigerasone, todos, com exceção de Vovô, que estava um pouco fenecido e curvado, pareciam ter mais ou menos a mesma idade — entre o fim dos vinte e o começo dos trinta.

— *No ínterim* — dizia o comentarista —, *Council Bluffs, em Iowa, continua ameaçada por uma tragédia. Mas duzentas pessoas, empenhadas nas tentativas de salvamento, recusam-se a abandonaras esperanças e continuam cavando, num esforço para salvar Elbert Haggedorn, de 183 anos, que há dois dias está entalado num...*

— Por que é que ele não passa para um programa menos fúnebre? — sussurrou Em para Lou.

— Silêncio! — gritou Vovô. — Quem abrira boca enquanto a TV estiver ligada vai descobrir que ficou sem um níquel... — e aqui a sua voz subitamente se tornou meiga e doce... — quando agitarem a bandeira quadriculada na pista de Indianápolis, e o velho Vovô se preparar para realizar a Grande Viagem ao Além. — Fungou de modo sentimental, enquanto seus herdeiros se concentravam desesperadamente em não fazer o menor ruído. Para eles a pungência da futura Grande Viagem ficara um tanto atenuada pelo fato de ter sido mencionada por Vovô todos os dias durante cinquenta anos.

— *O Dr. Brainard Keyes Bullard* — disse o comentarista —, *Presidente da Universidade de Wyandotte, disse num discurso, esta noite, que a maioria dos males do mundo pode ser atribuída ao fato de que o conhecimento do Homem de si próprio não manteve o mesmo ritmo do seu conhecimento do mundo físico.*

— Droga! — exclamou Vovô. — Nós dissemos isto há mais de cem anos!

— *Em Chicago, realiza-se, esta noite, uma comemoração especial na Maternidade Municipal* — disse o comentarista. — O *convidado de honra é Lowell W. Hitz, de zero anos. Hitz, que nasceu esta manhã, é a vigésima-quinta-milionésima criança a nascer naquele hospital.* — O comentarista desapareceu para dar lugar à imagem do jovem Hitz, que berrava furiosamente.

— Droga — sussurrou Lou para Emerald —, nós dissemos há mais de cem anos.

— Eu escutei! — gritou Vovô. Desligou o televisor e os seus descendentes petrificados fitavam a tela silenciosamente. — Você aí, rapaz...

— Eu não fiz por mal, senhor — disse Lou.

— Vá buscar o meu testamento. Você sabe onde está. Todos vocês sabem onde está. Ande, rapaz!

Apaticamente, Lou obedeceu, atravessou o corredor, passando por cima de colchões, e entrou no quarto de Vovô, o único quarto particular do apartamento. As outras peças eram o banheiro, a sala de estar e o amplo corredor, sem janelas, originalmente planejado para ser a sala de jantar, e que tinha uma cozinha no fundo. Seis colchões e quatro sacos de dormir estavam espalhados ali e pela sala de estar, e a poltrona-cama, localizada na sala, acomodava o décimo primeiro casal, os favoritos do momento.

Sobre a escrivaninha de Vovô estava o seu testamento — cheio de manchas, dobras e furos, e marcado por centenas de adendos, rasuras, acusações, condições, advertências, conselhos e filosofia para uso caseiro. Para Lou o documento era um diário de cinquenta anos, comprimido em duas páginas — um registro confuso e ilegível de dia após dia de luta. Hoje, Lou seria deserdado pela décima-primeira vez, e se passariam possivelmente seis meses de comportamento impecável para reconquistar a promessa de uma parcela da herança.

— Rapaz! — chamou Vovô.

— Já estou indo, senhor. — Lou voltou às pressas à sala e entregou o testamento a Vovô.

— Caneta! — disse Vovô.

Imediatamente lhe foram oferecidas onze canetas, uma por casal.

— Esse negócio aí que está vazando, não — disse ele, afastando a caneta de Lou. — Ah, ali tem uma bonita. Excelente, Willy — disse Vovô aceitando a caneta de Willy. Era o sinal que todos esperavam. Willy, o pai de Lou, era o novo favorito.

Willy, cuja aparência era quase tão jovem quanto a de Lou, apesar dos seus 142 anos, não conseguiu esconder o seu contentamento. Olhou timidamente para a poltrona-cama que seria dele, e a qual Lou e Emerald teriam de deixar para voltarem ao corredor, e bem no pior lugar, junto à porta do banheiro.

Vovô não perdeu um único detalhe do drama que ele mesmo criara e deu ao seu já familiar papel todo o seu talento. Franzindo a testa e acompanhando a sua leitura com o dedo a percorrer as linhas, como se estivesse vendo o testamento pela primeira vez, leu em voz alta, profunda e portentosa, como o registro baixo do órgão de uma catedral.

— Eu, Harold D. Schwartz, residente no Edifício 257 de Alden Village, na cidade de Nova Iorque, por este meio declaro ser o presente o meu último Testamento, revogando, também por este meio, todos os outros testamentos e codicilos por mim feitos em qualquer época anterior. — Assoou o nariz pomposamente e prosseguiu, sem omitir uma palavra, repetindo outras para dar maior ênfase — repetindo, especialmente, as especificações cada vez mais elaboradas para o seu enterro.

No fim dessas especificações, Vovô estava tão dominado pela emoção que Lou pensou que ele pudesse esquecer o propósito para que mandara vir o testamento. Mas Vovô, heroicamente, conseguiu controlar seus sentimentos, e, depois de rasurar durante bem um minuto, começou a escrever e a falar ao mesmo tempo. Lou poderia facilmente ter recitado todas as palavras, tantas vezes ele já as escutara.

— Tive muitos desgostos antes de trocar este vale de lágrimas por uma terra melhor — disse e escreveu Vovô. — Mas a dor maior me foi causada por... — Percorreu o grupo com o olhar, procurando se lembrar de quem teria sido o malfeitor.

Todos olharam para Lou, que levantou a mão resignadamente.

Lembrando-se, Vovô sacudiu a cabeça e completou a frase: — Meu bisneto, Louis J. Schwartz.

— Neto, senhor — disse Lou.

— Não discuta. Você já está bastante encrencado, meu rapaz — disse Gramps, mas corrigiu o engano. E daí partiu sem acidente para a redação da deserdação, cujas causas eram desrespeito e discussão.

No parágrafo seguinte, o parágrafo que, em algum tempo, já fora de todos na sala, o nome de Lou foi apagado e colocado o de Willy como herdeiro do apartamento e o quitute desejado por todos — a cama de casal no quarto particular. — Muito bem — disse Vovô, sorridente. Apagou a data no fim do testamento, colocando a do dia, inclusive a hora. — E agora, vamos ver a Família McGarvey. — A Família McGarvey era uma novela de televisão que Vovô vinha seguindo desde que tinha sessenta anos, ou seja, durante 112 anos. — Estou louco para saber o que vai acontecer agora.

Lou separou-se do grupo e foi deitar no seu leito de dor, junto à porta do banheiro. Queria a companhia de Em, mas não sabia onde ela estava.

Cochilou por alguns momentos, até ser despertado por alguém passando por cima dele, a caminho do banheiro. Um momento mais tarde, ouviu um vago som gargarejante, como se algo estivesse sendo derramado na pia do banheiro. Subitamente teve a ideia de que Em havia perdido as estribeiras e que estava tomando alguma providência drástica a respeito de Vovô.

— Em! — sussurrou ele através da madeira. Não houve resposta e Lou fez pressão contra a porta. A fechadura velha, cuja lingueta mal penetrava na cavidade, aguentou um segundo, depois cedeu e a porta se abriu para dentro.

— Morty! — exclamou Lou assombrado.

Mortimer, o sobrinho-bisneto de Lou, que casara recentemente e trouxera sua mulher para morar no apartamento dos Schwartzes, olhou para Lou consternado e surpreso. Fechou a porta com violência, mas não sem que Lou pudesse ver o que tinha na mão — o enorme vidro, tamanho econômico, da antigerasone de Vovô, que fora semiesvaziado e que Morty estava enchendo até em cima com água da bica.

Um instante mais tarde, Morty saiu, lançou um olhar de desafio para Lou e passou por ele sem dizer uma palavra, para voltar à companhia de sua linda esposa.

Transtornado, Lou não sabia o que fazer. Não podia permitir que Vovô tomasse a antigerasone adulterada, mas se falasse com Vovô a respeito, este certamente transformaria a vida no apartamento, que era apenas insuportável, num inferno.

Lou olhou para a sala de jantar e viu que os Schwartzes, entre eles Emerald, estavam se deliciando com os desastres que os McGarveys tinham feito das vidas deles. Furtivamente foi ao banheiro, trancou a porta tão bem quanto pôde, e começou a derramar o conteúdo do vidro de Vovô no ralo. Queria enchê-lo de antigerasone pura das vinte e duas garrafas menores que estavam na estante. A garrafa grande continha meio galão e o seu gargalo era estreito, e Lou teve a impressão de que o seu esvaziamento levaria uma eternidade. E o cheiro quase imperceptível da antigerasone, parecido com o molho inglês, parecia a Lou, no seu nervosismo, estar se espalhando pelo resto do apartamento através do buraco da fechadura e por baixo da porta.

— *Glu-glu-glu-glu* — fazia a garrafa monotamente. Subitamente, o som da música vindo da sala de estar subiu de volume, houve murmúrios e o arrastar de cadeiras no assoalho. — *E assim* — disse o locutor da televisão — *termina o capítulo n.º 29.121 da vida dos seus e meus vizinhos, os McGarveys.* — Ouviram-se passos caminhando pelo corredor. Alguém bateu na porta do banheiro.

— Um instante: — exclamou Lou alegremente. Desesperado, agitou a garrafa grande, procurando apressar o escoamento. Suas mãos escorregaram no vidro molhado e o pesado recipiente ficou reduzido a cacos no chão de azulejos.

A porta se abriu, e Vovô, estupefato, ficou contemplando o desastre.

Lou procurou sorrir amistosamente, apesar de sua ânsia de vômito, e por falta de algo que se assemelhasse a uma ideia esperou que Vovô falasse.

— Muito bem, rapaz — disse Vovô por fim —, parece que você vai ter de fazer um trabalhinho de limpeza.

E foi só o que disse. Deu meia volta, abriu caminho entre os membros da família, e se trancou no seu quarto.

Os Schwartzes fitaram Lou em silêncio incrédulo por mais um momento e depois retornaram à pressa para a sala, como se uma parcela da horrenda culpa de Lou fosse manchá-los também se ficasse olhando por muito tempo. Morty se atrasou o suficiente para lhe lançar um olhar desconcertado e aborrecido. Em seguida, também ele foi para a sala, deixando apenas Emerald no vão da porta.

As lágrimas lhe corriam pelo rosto. — Ó meu pobre coitado, não fique assim com esse jeito. A culpa foi minha. Eu que o instiguei.

— Não — disse Lou, reencontrando a voz —, não foi você, não. Juro, Em, eu estava só...

— Você não precisa me explicar nada, meu bem. Estou do seu lado, aconteça o que acontecer. — Beijou-o no rosto e sussurrou no seu ouvido. — Não teria sido assassinato, meu bem. Ele não teria morrido disso. Não foi uma coisa tão terrível de se fazer. Teria apenas o preparado para se ir a qualquer tempo que Deus quisesse recebê-lo.

— Que é que vai acontecer agora, Em? — perguntou Lou melancolicamente. — Que é que ele vai fazer?

Lou e Em, apavorados, ficaram acordados quase toda a noite, esperando para ver o que Vovô ia fazer. Mas não se ouviu qualquer som do quarto sagrado. Duas horas antes da madrugada os dois finalmente adormeceram.

Levantaram-se às seis, pois era a hora do café da manhã da geração deles. Ninguém lhes dirigiu a palavra. Tinham vinte minutos para comer, mas os seus reflexos estavam tão entorpecidos que só chegaram a engolir dois bocados da alga beneficiada tipo ovo, quando chegou a hora de ceder seus lugares à geração de seu filho.

Em seguida, como era costume para os mais recentemente deserdados, começaram a preparar o café de Vovô, que dentro em pouco lhe seria servido na cama, numa bandeja. Procuraram não se deixar desanimar. A parte mais difícil da tarefa era lidar com os ovos, bacon e óleo de margarina verdadeiros, com os quais Vovô gastava quase toda a renda de sua fortuna.

— Bem — disse Emerald —, não vou entrar em pânico antes de saber que há motivo para isto.

— Talvez ele não saiba o que foi que eu quebrei — disse Lou esperançoso.

— Provavelmente pensa que foi o vidro do seu relógio — disse Eddie, o filho deles, que estava apaticamente comendo os bolinhos feitos de serragem beneficiada.

— Não seja sarcástico com seu pai — disse Em —, e deixa de falar com a boca cheia.

— Eu gostaria de ver alguém dar uma mordida nisso aí e *não* dizer nada — respondeu Eddie, que tinha setenta e três anos. Olhou para o relógio. — Acho que está na hora de levar o café para o Vovô.

— É, acho que é mesmo — disse Lou tristemente. Deu de ombros. — Passe a bandeja, Em.

— Vamos juntos.

Andando devagar, sorrindo corajosamente, encontraram um amplo semicírculo de Schwartzes em volta da porta do quarto.

Em bateu. — Vovô — disse ela jovialmente —, o café está pronto.

Não houve resposta e ela bateu novamente, com mais força.

Com a força das batidas, a porta se abriu. No centro do quarto, a cama macia e larga, coberta de um dossel, que era o símbolo de conforto e bem-estar de toda a família Schwartz, estava vazia.

Um pressentimento de morte, tão desconhecido de todos ali como o zoroastrismo ou as causas da Rebelião dos Soldados Indianos, calou todas as vozes e acelerou todos os corações. Impressionados, os herdeiros começaram a procurar os restos mortais de Vovô, o chefe do clã, debaixo da mobília e atrás das cortinas.

Mas o que Vovô deixara não era o seu invólucro terreno, mas, sim, uma nota, que Lou finalmente encontrou em cima da cômoda, debaixo de um peso para papéis, lembrança querida da Feira Mundial do Ano 2000. Em voz insegura, Lou leu a nota em voz alta.

— Alguém, a quem dei abrigo e proteção, e a quem ensinei o que sabia durante todos estes anos, ontem se virou contra mim como um cão raivoso e diluiu a minha antigerasone, ou pelo menos tentou. Não mais sou jovem. Não mais posso suportar, como antes, o peso esmagador da vida. E assim, depois da amarga experiência de ontem, digo adeus. As ânsias da vida brevemente cairão dos meus ombros como um manto de espinhos, e conhecerei a paz. Quando encontrarem esta nota terei partido.

— Puxa — disse Willy em voz comovida —, ele nem esperou para saber o resultado da Corrida das Quinhentas Milhas.

— Ou o Campeonato Mundial.

— Ou para saber se a Sra. McGarvey recobrava a visão — acrescentou Morty.

— Tem mais — disse Lou, e voltou a ler em voz alta: — Eu, Harold D. Schwartz... por este meio declaro ser o presente o meu último Testamento, revogando, também por este meio, todos os outros testamentos e codicilos por mim feitos em qualquer época anterior.

— Não! — gritou Willy. — Mais um!

— Estipulo — continuou Lou — que toda a minha propriedade, de qualquer espécie ou natureza, não seja dividida, e sim legada aos meus descendentes em conjunto, sem considerações de geração, para usufruto em partes iguais.

— Usufruto em partes iguais? — perguntou Emerald.

Lou incluiu a multidão num gesto amplo da mão. — Quer dizer que todos nós somos os proprietários dessa joça toda.

Todos os olhos se voltaram imediatamente para a cama.

— Partes iguais? — disse Morty.

— Na realidade — disse Willy, que era a pessoa mais idosa entre os presentes —, é assim como no sistema antigo, quando os mais velhos dirigiam as coisas, com o seu quartel-general montado aqui, e...

— Pois sim! — exclamou Em. — Lou é proprietário igualzinho a você, e eu acho que deve ser do mais velho que ainda esteja trabalhando. Você passa o dia todo dormindo, esperando pelo seu cheque de aposentadoria, e o pobre Lou chega aqui cambaleando, estuporado depois de um dia de trabalho, e...

— Que tal dar uma Chance de isolamento a alguém que nunca a teve? — perguntou Eddie com veemência. — Bolas, vocês velhos tinham um bocado de solidão quando eram crianças. Eu nasci e fui criado no maldito acampamento do corredor! Que tal...

— Ah, é? — disse Morty. — Claro, vocês, coitados, passaram muito mal, e eu estou muito compadecido. Mas procure passar a lua de mel no corredor para ver o que é bom.

— Silêncio! — gritou Willy imperiosamente. — Quem abrir a boca vai passar os próximos seis meses junto à porta do banheiro. Agora ponham-se para fora daqui. Preciso pensar.

Um vaso se estilhaçou contra a parede, alguns centímetros acima de sua cabeça. No momento seguinte, o sururu estava formado, com cada casal procurando expulsar todos os outros casais do quarto. Coalizões combatentes foram formadas e dissolvidas com as mudanças rapidíssimas da situação tática. Em e Lou foram lançados ao corredor, onde se organizaram com outros para voltar a assaltar o quarto.

Depois de duas horas de luta, sem qualquer decisão à vista, a polícia chegou.

Na meia hora seguinte, tintureiros e ambulâncias carregavam Schwartzes, e depois o apartamento ficou quieto e espaçoso.

Uma hora depois, os filmes sobre o último estágio do conflito foram exibidos para 500 milhões de telespectadores deliciados na costa leste.

Na quietude do apartamento dos Schwartzes, no 76º andar do Edifício 257, o televisor permanecera ligado. Mais uma vez o ar estava cheio de gritos, gemidos e estrondos da briga, agora vindos inofensivamente pelo alto-falante.

A batalha também apareceu no televisor do distrito policial, onde os Schwartzes e seus captores acompanhavam tudo com interesse profissional.

Em e Lou estavam em celas adjacentes de um metro e vinte por dois metros e quarenta, tranquilamente deitados em seus catres.

— Em! — chamou Lou através do tabique —, você também tem uma pia só para você?

— Claro. Pia, cama, luz... tudo. Ora, e nós que pensávamos que o quarto de Vovô era alguma coisa. Há quanto tempo existem coisas assim? — Estendeu a mão. — Pela primeira vez em quarenta anos não estou com tremedeira.

— Se Deus quiser — disse Lou —, o advogado vai ver se consegue um ano para a gente.

— Puxa — disse Em, enlevada —, que pistolão é preciso ter para ir à solitária?

— Calem a boca, vocês aí — disse o carcereiro —, senão boto todos vocês no olho da rua. E o primeiro que contar lá fora como a prisão é boa nunca mais volta para cá!

Imediatamente os prisioneiros se calaram.

A sala do apartamento da família Schwartz escureceu por um momento quando as cenas da briga desapareceram, e em seguida surgiu o rosto do locutor, como o Sol surgindo de trás de uma nuvem. — *E agora amigos* — disse ele — *tenho uma notícia especial dos fabricantes de antigerasone, uma notícia para você que tem mais de cento e cinquenta anos. Há problemas sociais causados por rugas, juntas endurecidas, descoloração ou queda de cabelo, só porque tudo isto lhe aconteceu antes da descoberta da antigerasone? Se for assim, não precisa mais sofrer, não precisa mais se sentir diferente dos outros, e por fora de tudo.*

— Após anos de pesquisa, a ciência médica criou agora a superantigerasone! Em questão de semanas — sim, apenas semanas —, você pode ser tão jovem como os seus trinetos. Você não pagaria cinco mil dólares para ser exatamente igual a todo mundo? Mas não precisa pagar. A superantigerasone, testada e perfeitamente segura, só lhe custa um dólar por dia. O custo médio para você reconquistar todo o brilho e beleza da juventude é menos de cinquenta dólares.

— *Peça agora a sua caixa grátis. Escreva o seu nome e endereço num cartão postal de um dólar e mande-o para Super, Caixa Postal 500.000, Schenectady, Nova Iorque. Tomou nota? Vou repetir.* Super*, Caixa...* — Como que sublinhando as palavras do locutor, ouvia-se o arranhar da caneta-tinteiro de Vovô, aquela que Willy lhe dera na véspera. Ele havia chegado poucos minutos antes do bar Hora de Descanso, do qual se podia ver o quadrado de asfalto conhecido como Parque de Alden Village. Chamara uma arrumadeira para dar um jeito no apartamento e contratara o melhor advogado para conseguir uma condenação para os seus descendentes. Em seguida, Vovô mudara a poltrona-cama para diante do televisor, a fim de poder olhar de uma posição reclinada. Há anos sonhava com isso.

— Sche-nec-ta-dy — disse Vovô. — Peguei. — O seu rosto mudara notavelmente. Os músculos faciais pareciam descansados, mostrando bondade e tolerância, em vez das feições tensas e mal-humoradas. Até parecia que a sua caixa da superantigerasone já tinha chegado. Quando achava graça em alguma coisa na televisão, sorria largamente, não como antes, quando mal conseguia ampliar de um milímetro a sua boca fina. A vida era boa. Estava louco para saber o que ia acontecer agora.

(1953)

Durante muitos anos Kurt Vonnegut, Jr. foi um herói da literatura subterrânea da América. Só recentemente o público comum tomou conhecimento de seu gênio incomparável. Tem uma imaginação imensurável que sempre atinge, precisamente, o alvo, um humor irresistível e cortante, um talento de narração que torna a leitura não só um prazer, mas também uma inquietante experiência espiritual. Kurt Vonnegut, Jr., na opinião de Graham Greene, “é um dos maiores escritores vivos da América”. A ARTENOVA, que lançou Kurt Vonnegut, Jr. no Brasil, já publicou *A Felicidade Rosewater*, *O Espião Americano*, *Matadouro N.º 5*, *Revolução no Futuro* e *Almoço dos Campeões*.